

REVISTA

# QUEBRA DA INTEIRA



MULHERES TECELÃS TRAMAM JUNTAS A HISTÓRIA DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS. NO BRASIL, NO LADO SUL DO MAPA, APRENDEMOS CEDO A FORMAR TECIDOS, ENTRELAÇAR OS FIOS. FOI NA TRAMA CONJUNTA TAMBÉM QUE PARIMOS O PERIFERIA SEGUE SANGRANDO E O 8M NA QUEBRADA, ESPAÇOS DE SANGRAR E DE ESTANCAR. DE DOER E DE CURAR. LUGARES DE ENCONTRO E DE CAMINHADA. E NAS CURVAS QUE FIZEMOS POR AÍ ESPALHAMOS TAMBÉM NOSSAS HISTÓRIAS. ESSAS QUE SÃO TANTAS E QUE NUNCA DÃO CONTA DE APRESENTAR TOTALMENTE QUEM SOMOS.

a Revista Quebrada Inteira chega aqui nesse propósito de apresentar os desenhos puxados por nossas linhas - linhas que também foram umedecidas pelo cenário de isolamento social em consequência da COVID-19. foi um desafio manter nossa coletividade erguida diante de um cenário de medo e de tantas instabilidades.

esta publicação surge atravessada pelo próprio território e, por isso, decidimos separar as seções com elementos que dialogam com essa criação. em

cada espaço daqui moram muitos significados e, por isso, escolhemos palavras que guardam outras palavras. ao entrar na seção (C)ASAS, você encontra movimento de pouso e de decolagem: são textos que trazem a intimidade do eu e a coragem do voo.

ao fechar a porta da seção (C)ASAS, você pode pegar um atalho pelas (Vi)ELAS: espaço de produções literárias, poemas, contos, crônicas e artigos - aqui a brincadeira é com ELAS na escrita. elas que escrevem desde as vielas.

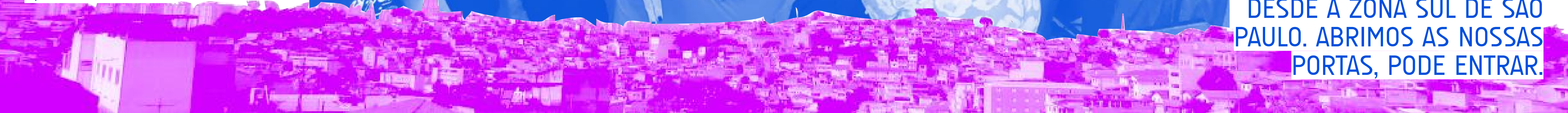
os BOT(ECOS) também integram a paisagem da nossa Quebrada. aqui você experimenta produções que dialogam a partir de uma perspectiva ampla, de vozes que ecoam juntas. são escritas de encontros e coletividades.

na seção MIR(AR) abrimos espaço para um respiro - ar que preenche os pulmões ora com leveza, ora com engasgo. é uma seção de exposição fotográfica com o trabalho de mulheres sobre como miram seus territórios.

muitas/os corpos/os compuseram esta publicação. em cada (PARTE) deste espaço são apresentadas as minibiografias das colaboradoras e colaboradores da revista, a partir de suas artes, de suas trajetórias pessoais e profissionais.

a Revista Quebrada Inteira, organizada pelo Periferia Segue Sangrando e 8M na Quebrada, é um trabalho que reúne produções autorais principalmente de mulheres da zona sul de São Paulo. este território é para nós um espaço-tempo entre um pedaço de chão e céu, onde nascemos, crescemos, nos constituímos e re-criamos nossos horizontes para olhar o mundo e a nós mesmas. espaço-chão que produz em nós não só dor e escassez, mas que inspira criações, potências, alegrias e belezas.

DESDE O SUL DO MUNDO. DESDE A ZONA SUL DE SÃO PAULO. ABRIMOS AS NOSSAS PORTAS, PODE ENTRAR.





# SUMÁRIO

02 EDITORIAL

03 EXPEDIENTE



06 ABERTURA DA SEÇÃO C(ASAS)

07 PALAVRAS DE AVERMELHAR - texto por Mahu Lima

09 VOCÊ OUVIU O QUE O SEU CORPO EXPRESSA? Projeto Casulo Carta 3 - texto por Nayra Lays

11 MULHERES PERIFÉRICAS DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA - vídeo por Lígia Harder

12 DENTRO DE MIM HÁ TRÊS CORAÇÕES - texto por Danielle Regina de Oliveira

14 RE(EXISTIR) EM MEIO AO CAOS - texto por Elaine Lima

16 PERFUME DE CÂNDIDA - vídeo por Fernanda Gomes

17 ENCONTRO DE ALMA - texto por Juliana Santos

18 SOBRE CABELO E AS MARCAS DO RACISMO - texto por Mariana de Brito

19 A PARTIR DA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA - texto por Mariza Edjane Alves

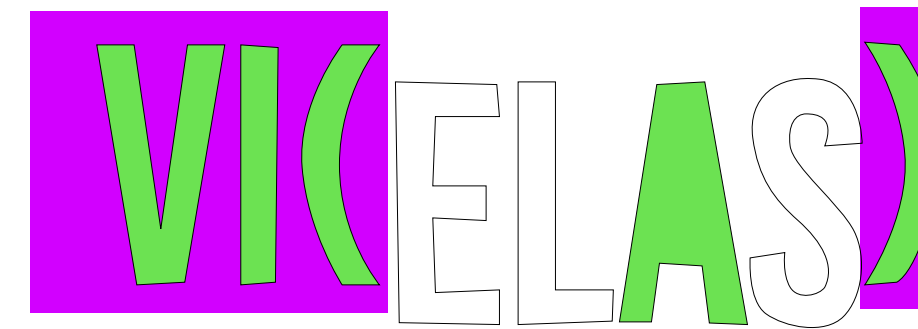
22 VIDAS FEMININAS - texto e vídeo por Mayara Jarbitha

24 AMADA - texto por Mino

27 “O QUE EU SERIA SE EU NÃO FOSSE ESSA DOR?” - texto por Sumalita Assunção

28 ANSDIONTE - vídeo por Aline Anaya e Julia Ferreira

29 MULHERES PERIFÉRICAS DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA - vídeo por Arailda Carla



30 ABERTURA DA SEÇÃO VI(ELAS) -

31 JOÃO SOBREVIVEU À COVID-19? - texto por Alessandra Tavares

35 ATRAVESSAMENTOS COTIDIANOS: A VIDA DAS MULHERES EM MOVIMENTO -  
texto por Bruna dos Santos Galicho

39 DEPOIS DE NOIS, É NOIX DE NOVO - vídeo por Débora Marçal

40 SAIA - poema por Carmen Faustino

40 CONTRATEMPO - poema por Carmen Faustino

41 VILA SÃO JOÃO, ALAGOA GRANDE, 23 DE JANEIRO DE 2018 - texto por Dayane Fernandes

42 - E DA TUA JANELA, O QUE SE VÊ? - texto por Dayse Oliveira

44 A TECNOLOGIA DA RODA - texto por Fernanda R. Miranda

46 VULGO LUAN - poema por Formigão

47 TODO SAPATÃO PRETO É EXU - poema por Formigão

48 POÉTICAS NEGRAS DO COTIDIANO - vídeo por Dandara Kuntê

49 A GUARDIÃ DE HISTÓRIAS - texto por Jenyffer Nascimento

51 SOBRE MORRER - texto por Luana Oliveira

53 MÃE - poema por Priscila Obaci

53 DEUSA DE MIM MESMA - poema por Priscila Obaci

54 BASTA - poema por Priscila Obaci

55 ORAÇÃO DA MÃE POSSÍVEL - poema por Priscila Obaci

56 VENTRE ESPIRAL - vídeo por Priscila Obaci

# BOT(ECOS)

- 57** ABERTURA DA SEÇÃO BOT(ECOS)
- 58** A BORDAR ESPAÇO TERAPÊUTICO: SAÚDE E DIREITOS HUMANOS COM MULHERES NA QUEBRADA - texto por Abordar Espaço Terapêutico
- 60** POR UMA SOCIOLOGIA DO TEATRO NEGRO FEMININO DAS CAPULANAS: INDÍCIOS E PERCURSOS - texto por Adriana Paixão
- 64** A EXPERIÊNCIA DE COLETIVO DE MULHERES: MULHERES EM CÍRCULO  
texto por Anabela Gonçalves
- 69** CIRANDA POR TODAS AS MULHERES! - texto por Andréa Arruda Paula
- 70** SÃO PAULO, ONDE A PERIFERIA SEGUE SANGRANDO - texto por Carolina Itzá
- 72** NOTAS SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NA MAIOR TORCIDA ORGANIZADA NO BRASIL  
texto por Clarice de La Siena e Martiniana Sousa
- 76** COLETIVA LUANA BARBOSA: RESISTÊNCIA AUTÔNOMA DE QUEBRADA  
texto por Coletiva Luana Barbosa
- 78** EU SOU A PRÓXIMA - vídeo por Coletiva Luana Barbosa
- 79** DO LUTO À LUTA! QUAL O NOME DA SAUDADE QUE TE MOTIVA A LUTAR? - texto por Cristiane Uchôa Pinheiro
- 81** REDES DE CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA - texto por Milena Mateuzi Carmo
- 84** O QUE MANTÉM EM PÉ, SUSTENTA - texto por N’KINPA (Núcleo de Culturas Negras e Periféricas)
- 88** QUINTAL DE PEDRA, BECOS FALANTES: QUANDO MULHERES E GUERREIRAS SE ENCONTRAM - texto por Daniela Gomes pela Coletiva Mulheres de Pedra
- 90** MANIFESTO MÃE CORRERIA - texto por Mariana Salomão
- 92** MEDITAÇÃO MENSAL - áudio por Flávia Rosa
- 93** MULHERES CATADORAS - vídeo por Mara Sobral

# MIR(AR)

- 94** ABERTURA DA SEÇÃO MIR(AR) -
- 95** Apresentação MIR(AR) MUNDOS -
- 96** BREJEIRA - exposição por Dayane Fernandes
- 97** DESCOLONIZAR A MENTE, O CORPO Y O ESPYRITU: PARA NÃO SER MAIS FEITA DE LAÇOS, MORDIDA POR CÃES, JOGADAS NO MUNDO - exposição por Mahu Lima
- 98** ORIKILOMBO - exposição por Mara Mbhali
- 99** PERIFERIA SEGUE SANGRANDO - exposição por Revista Quebrada Inteira
- 100** BAQUE ATTITUDE - vídeo por Baque Atitude
- 101** ANTES DA MÁSCARA JÁ HAVIA ASFIXIA - exposição por Mariana Salomão

# P(ARTE)

- 102** ABERTURA DA SEÇÃO P(ARTE)
- 103** FOTOS DAS COLABORADORAS -
- 104** MINI BIOGRAFIAS DAS COLABORADORAS -
- 111** PART(ILHA) SOBRE O PROCESSO DE FEITURA DA REVISTA QUEBRADA INTEIRA

# C(CASAS)

CASA É PALAVRA CONCRETA, CHÃO. PODE SER O LUGAR DE DESCANSO, DE INTIMIDADE, DE SE FAZER E REFAZER. PODE SER LUGAR DE ALEGRIA E DOR, DE CELEBRAÇÃO E ACOLHIMENTO. EM CASA MORA O NOSSO MEDO, LIDAMOS COM VAZIOS - ORA DAS PANELAS, ORA DE PALAVRAS, DE DENTRO. MAS DAS (C)ASAS TAMBÉM NASCEM ASAS, POSSIBILIDADES DE VOO LONGÍNQUOS OU BREVES. AQUI É UMA SEÇÃO DE MORADA, DE PARTIDA E CHEGADA. CASA NÃO É SÓ UM LUGAR, É PARA ONDE PODEMOS (RE)TORNAR QUANDO MUDAM OS VENTOS.



## PALAVRAS DE AVERMELHAR

POR MAHU LIMA

FILHA DE FÁTIMA, NETA DE DJANIRA E EDIOMAR. NASCIDA E CRESCIDA NA ZONA SUL, HOJE MORADORA DA ZONA OESTE.

Pataxó, mãe, membra da coletiva Anarcopunk Aurora Negra, gestora do Centro de Cultura Social da Vila Dalva, coletiva de Leitura Maranhã, vocalista da banda Zeferina Atak, poetisa, percussionista, ilustradora, criadora da Pretíndia Atri Kozinha.

A ideia deste pequeno texto, que não é acadêmico, assim como eu também não sou, é de enegrecer e avermelhar; ao invés de confundir e separar, unir e afirmar.

Conheci a Identidade Afro-indígena há 10 anos, com o Movimento Anarcopunk. Esse “termo” é encontrado em zines, informativos e cartazes. Uma afirmação de autoidentificação étnica, que era não só falada, mas praticada na forma de organização, estética e contracultura.

Eu me reconheci nessa identidade por muitos anos. Porém, de uns tempos pra cá, por uma questão muito pessoal, eu me identifico como um indivíduo Indígena. Mas veja bem, pratico com muito orgulho o culto à minha ancestralidade Afrikana, afirmando assim quem fez parte da minha formação

ancestral. Eu conheço bem a História, sei quem foi meu avô, meu bisavô, meu tataravô, pretos afrikanos. A eles devo reverência e respeito. E assim devo também à História. Uma história não contada, uma história negada, pois, se afirmada, nos daria poder.

A união e resistência entre povos de etnias Africanas e Indígenas foi exatamente o que construiu a sobrevivência e a batalha pela liberdade. Quilombos e aldeias resistiram com esta união – união contra a guerra e união afetiva, causando ódio aos brancos, pois essa união não fez parte do projeto deles, ela não branquearia ou apagaria povos.

Vejo hoje um novo apagamento. Muitos compraram o discurso colonizador e continuam a propagar nossa separação. Continuam a afirmar a história que eles querem. Vejo hoje uma disputa egocêntrica que não trará liberdade ao nosso povo, a nenhum de nós. Deixamos de reconhecer quem somos anulando o outro.

Só para lembrar que na Bahia resistem quilombos AfroIndígenas. Essa anulação vem desde o fato de reforçar estereótipos colonizadores do Ser Indígena ao cúmulo da campanha de alisamento de cabelo para supostamente afirmar este mesmo estereótipo. Não levando em conta que seu cabelo crespo é ancestral, é africano e afirmar isso não te torna menos indígena. Faz com que você ecoe a resistência, a força de uma ancestralidade de luta e mantenha viva a nossa verdadeira história.

Ao mesmo tempo que as movidas negras também nos anulam, deslegitimando e não reconhecendo que, sem a aliança entre os povos, não haveria como resistir, não haveria como fugir, conhecer o território, rotas de fuga, suas plantas, curas e venenos, seus encantamentos... Enfim, o colonizador não quer ver essa força novamente, ELE NÃO QUER! Não quer que reconheçamos nossas identidades, pois tomaríamos de posse nossa terra, Indígena e quilombola. ELE NÃO QUER!

Daí continuamos negando nossa história, cobrindo o espelho, silenciando, rompendo e, por fim, quebrando a aliança que pode, também hoje, nos libertar.

O Povo é o dono da terra. Respeitem as identidades Indígenas, Kilombolas, Negras, Afrikanas e AfroIndígenas.

## NÃO-LUGAR?

Nenhuma identidade é fácil assumir, estou cansada desse papo, “sim, sim, tem Indígena na família”, “minha avó era índia de verdade”, “tem, mas...” tem, mas eu sou negra”, “é mais fácil”, “eu não posso ser índia, olha como eu vivo”, “não posso ser Indígena, nem sei qual o povo da minha família”, “índia não, meu cabelo é crespo”, “índia, não, minha pele é escura”. E por aí vai, uma repetição de estereótipos colonizadores sendo reproduzidos aos montes como se isso não fosse uma forma violenta de ataque e de autodestruição. Bem, sempre a saudade, a angústia pode ser resumida ao afastamento da Mãe Afrika.

No momento em que você diz que sua avó “era”, você mata a continuidade do seu povo, mata a ancestralidade da sua mãe e

consequentemente a sua. “Assumir que não sabemos o povo, a língua e os costumes de nossos povos ancestrais não nos faz não-indígenas ou menos indígenas; é não negar mais de 519 anos de massacre”.

Não perceber que nós sofremos diáspora dentro do nosso próprio território, já que Brasil e suas fronteiras são uma invenção Branca e do Estado, entendendo que fomos expulsas de nossas terras, fugimos, fomos proibidas de falar nossas línguas, cultuar nossas ancestrais, cultuar a natureza, fomos caçadas, fomos escravizadas, fomos estupradas e mais e mais e mais. Negar isso tudo (e muito mais) é nos matar novamente, negar que todos esses processos nos forçaram a apagar, a não existir, a não Ser, de novo: é nos matar.

Não temos coroa, não temos rei, nem rainha. Temos a terra, que é nossa, temos muitas, mas muitas línguas, muitas e muitas etnias e temos mais sabe o quê? Necessidade de lutar! E sabe o que mais? Necessidade de mais pessoas, de mais indígenas ao nosso lado!

Estou cansada da não-percepção do óbvio, o que me faz lembrar como o Estado é voraz e eficaz, nos distanciando, pretos e indígenas. Sendo que formamos quilombos juntos - conhecíamos o território, os venenos e as rotas, trocamos conhecimento para o fortalecimento de nossas verdadeiras culturas, para que elas não morressem totalmente, a folha daqui prima da folha de lá. As revoluções, os levantes... Gente, é tão óbvio! Quando todes dones da terra se erguerem, não restará nada ao senhor! ■

NÃO TEMOS COROA, NÃO TEMOS REI, NEM RAINHA. TEMOS A TERRA, QUE É NOSSA, TEMOS MUITAS, MAS MUITAS LÍNGUAS, MUITAS E MUITAS ETNIAS E TEMOS MAIS SABE O QUÊ? NECESSIDADE DE LUTAR! E SABE O QUE MAIS? NECESSIDADE DE MAIS PESSOAS, DE MAIS INDÍGENAS AO NOSSO LADO!





## O QUE O SEU CORPO SIGNIFICA PRA VOCÊ?

Por mais que pareça óbvio, é importante que eu demarque de onde parto para falar sobre a experiência de viver neste corpo: eu sou uma mulher negra de pele clara. O que quero dizer é que, historicamente, o racismo projeta diferentes lugares para diferentes corpos de pessoas negras, mas todos esses lugares têm o mesmo foco: nos esvaziar de nossas humanidades. O lugar destinado pelo racismo a corpos negros como o meu é o da hiperssexualização, e ainda em fase de desenvolvimento somos ensinadas (mesmo que sutilmente) que o sexo é tudo o que podemos oferecer ao mundo, afinal, “mulheres negras são mais quentes na cama, não é?”. Tente imaginar o quanto esse pensamento pode distorcer a visão de uma menina negra sobre seu próprio corpo, especialmente durante a fase em que ela ainda busca reconhecimento e afeto somente no outro. Desenvolver e cultivar um olhar humanizador sobre meu corpo se mostrou urgente diante das novas rotas que tracei, que correm na contramão do que o racismo arquitetou pra mim. É meu dever ir em busca do que sou como um todo, me entendendo completa e complexa, como cada ser humano é.

POR NAYRA LAYS

# VOCÊ OUVE O QUE SEU CORPO EXPRESSA? CARTA 3 - PROJETO CASULO

## “O QUE VOCÊ QUER DE PRESENTE?”

Há alguns anos minha mãe me faz essa pergunta antes do meu aniversário, e esse ano eu pedi duas coisas que pensei serem bastante úteis no processo de recuperação pelo qual estou passando: uma lousa e um espelho grande. Na lousa, anotei “aonde eu quero chegar?”; já no novo espelho, faço o (re)conhecimento do meu corpo enquanto ele dança e existe, cru. Assim como você que me ouve, eu também preciso me lembrar de “ser minha maior cúmplice e amiga” e isso nunca é algo finalizado, viu? Eu me proponho a descobrir dores e delícias do me preparar, e afirmo que estamos juntas (mesmo!), rumo à busca por mais carinho com quem somos. Identificando inseguranças e seguranças, me faço a pergunta que agora compartilho:

## O QUE VOCÊ SABE SOBRE SEU CORPO?

Novamente falando sobre pontos de partida, ultimamente tenho dito que faço música preta, justamente como um contraponto. Música preta é muita coisa, e aqui no Brasil fui abraçada por algumas ramificações dessa grande e forte raiz que me ensina que meu corpo é, entre muitas coisas, cura, estratégia e libertação. Repleta do balanço e da cadência para que o corpo se expresse em grito ou sussurro, dos terreiros às rodas e “bailes black”, minha ancestralidade me ensina que corpo enquanto extensão da voz que ressoa é o que nos conecta a quem somos de verdade. O que pretendo com meu primeiro disco é isso: que nos conectemos a partir de inteirezas que nos humanizam. Sim, meu processo criativo se expande e se fortalece por você estar aqui, me lendo e me ouvindo, portanto, MUITO obrigada. Para que isso continue acontecendo, porém, não posso deixar de cuidar todos os dias do lar que chamo de casa e ouvir o que ele expressa.

## O QUE O SEU CORPO TEM DITO?

O meu tem dito que, como em toda recuperação, eu preciso de mais descansos, mais respirações profundas e banhos de sol pela manhã (aliás, você tem conseguido tomar por aí?). Apesar do contexto difícil, a música é um dos caminhos para que eu consiga tudo o que eu preciso agora. A meditação enquanto ouço Gilberto Gil. O banho morninho à luz de velas ouvindo Sara Tavares. Os passos de samba rock que ainda estou aprendendo, com a Geovana. O celebrar as pequenas conquistas e progressos de todos os dias com a Tássia Reis. O rodopiar no quintal cantarolando Lia de Itamaracá. O registro de tudo o que eu me orgulho de ter feito, lembrando “Orí”, “Coloridas”, “Preta Chave” e “Parto”. O toque em mim, com todo o afeto que me ensinaram a esperar só dos outros. Meu corpo tem implorado: por favor, não se abandone, e os passos que vêm de longe de pessoas parecidas comigo me despertam dia a dia. O racismo não conseguiu me fazer esquecer que sou humana e que estou viva, e HOJE esse é o motivo que tenho pra celebrar. Bora dançar?

Sobre o Projeto Casulo

## CARTA #3 “VOCÊ OUVI O QUE O SEU CORPO EXPRESSA?”

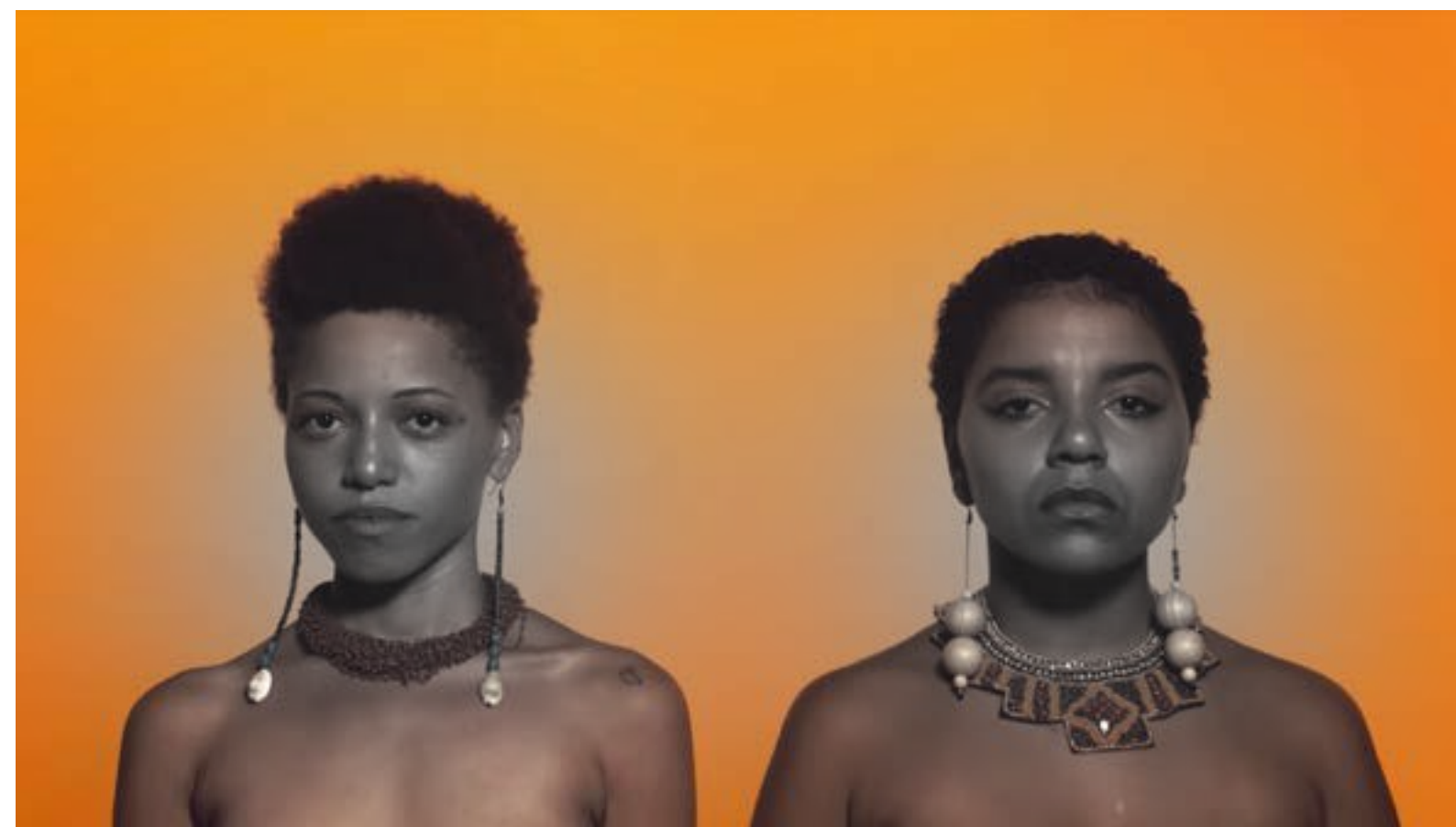
Sobre criar em tempos de caos: Nayra Lays dá luz ao “Projeto Casulo para promover diálogos sobre processos criativos de um jeito profundo e leve. O Projeto Casulo faz parte da construção do meu primeiro disco, que teve a produção em estúdio temporariamente interrompida por conta da quarentena”, explica Nayra Lays. Unindo duas de suas grandes paixões – a música e a palavra escrita –, a artista, que também é formada em jornalismo desde 2016, lançou o novo projeto no dia de seu aniversário de 23 anos, com o objetivo de se conectar com as pessoas e inspirá-las, partindo de reflexões íntimas. Através das trocas de cartas virtuais, ela conversa com quem adentra o universo de seu Casulo e dialoga sobre temas relacionados ao exercício de criar, mas não só. Temas como autoestima, memórias familiares e referências também integram esta trilha, que conta de maneira aprofundada suas principais motivações e projeções artísticas e pessoais. As cartas são enviadas por e-mails cadastrados através da plataforma Mailchimp. Além das cartas enviadas quinzenalmente, Nayra também tem compartilhado detalhes do projeto em suas redes sociais, especialmente no Instagram, por meio de posts com formatos diversos. “Estamos vivendo tempos difíceis, que exigem que encontremos pequenos espaços de respiro e reflexões mais leves sobre nosso estar no mundo. O Projeto Casulo é uma contribuição nesse sentido”, finaliza Nayra Lays. ■



<https://youtu.be/l0w-rK7xUpq>



[https://youtu.be/uqJGi\\_6watc](https://youtu.be/uqJGi_6watc)



<https://youtu.be/CMeGtIFrhNI>



# MULHERES DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA

DE LÍGIA HARDER



<https://youtu.be/vcVI5Z-KCQA>

FORMATO: ENTREVISTA (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: XXX  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

VIDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

TÍTULO: MULHERES DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA

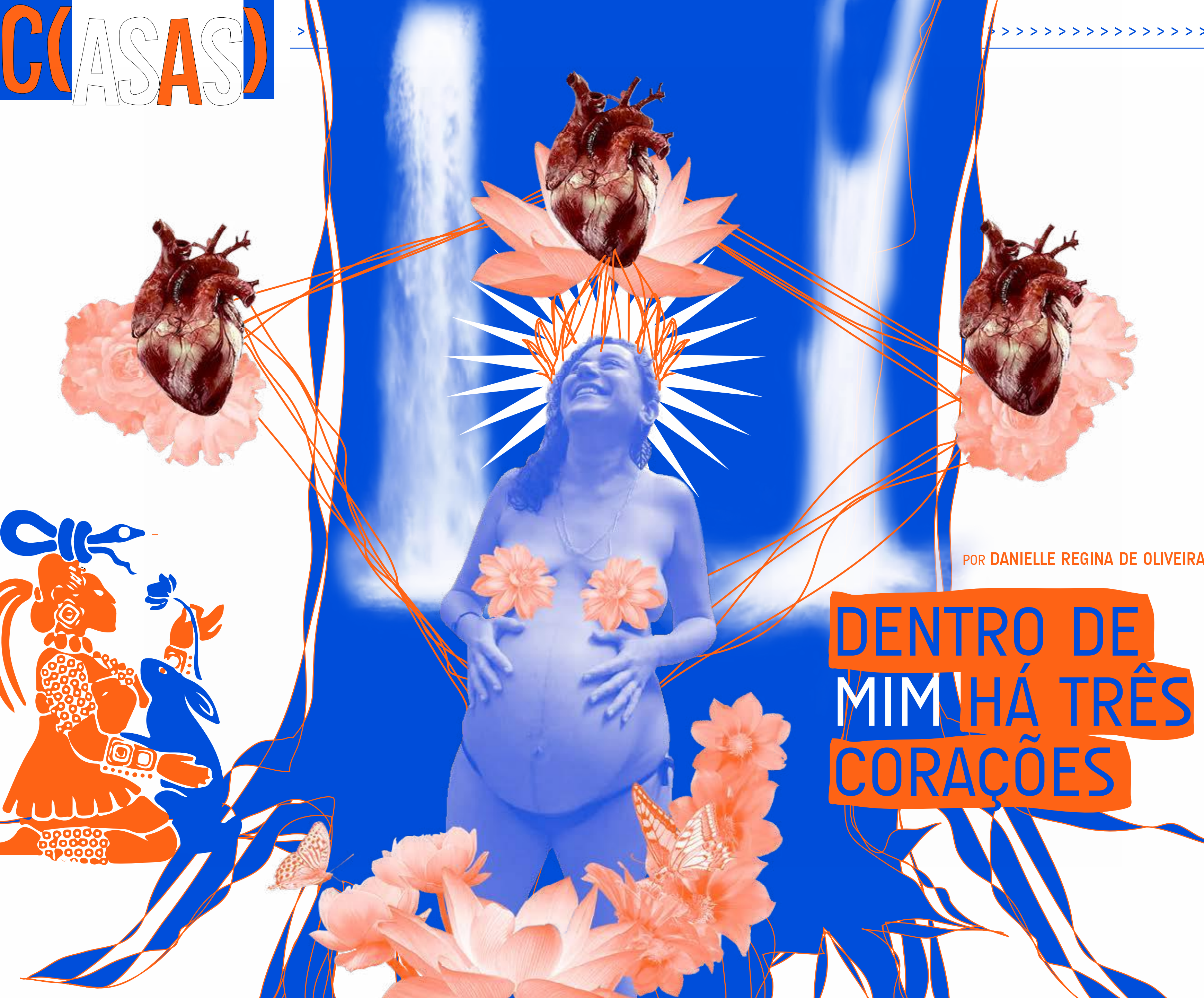
ENTREVISTADA: LIGIA HARDER

ROTEIRO: LUANA OLIVEIRA

PRODUÇÃO: PERIFERIA SEGUE SANGRANDO

EDIÇÃO: GABRIEL GONÇALVES

**SINOPSE:** Quais espaços são ocupados por mulheres com mais de cinquenta anos nas periferias? Casa, trabalho e família são os únicos espaços possíveis e imaginados para elas? Ligia Harder narra seu percurso ao longo das últimas décadas como testemunha ocular das violências estruturais ocasionadas pela pobreza, racismo, machismo e a falta de acesso à educação e oportunidades. Ao mesmo tempo, nos convoca a pensar sobre rupturas, a importância dos espaços culturais, as redes de mulheres e o compromisso com uma educação emancipadora para transformação das realidades.



TUDO COMEÇA PELO MILAGRE E MISTÉRIO DAS ÁGUAS DENTRO DE NÓS MULHERES. VIDAS CRESCENDO, SE TRANSFORMANDO. A TRAVESSIA QUE SE ALIMENTA DE CUIDADO E ATENÇÃO. ASSIM NASCE A VIDA.

Nossa sociedade transformou cuidado e atenção em capital. Mistério em aflição. E o milagre em violência. Difícil é a travessia nesse mundo doente. Mas estou aqui, presente! Apesar dos desagües injustos, há em mim a força da vida e da rebeldia, da ancestralidade de mulheres guerreiras, para desafiar esse mundo perverso e recriar outros que aparecem em nossos sonhos e corações.

Dentro de mim há três corações. Dois crescendo e pulsando novas vidas e um nutrindo esses dois. Sentir essa criação dentro de mim é como despertar da alma, que envolve muita água. Muitas lágrimas. Muito líquido que os protege. Água que me acalma no banho, no escalda pés, nos meus olhos, que me hidrata. Muita água. Imagino que parir deva ser um desagüe intenso. Uma cachoeira que brota de mim e faz nascente com eles.

É emocionante (e revoltante) atravessar o processo inicial da maternidade (imagino toda jornada maternal). Parir está sendo roubado por essa medicina colonizadora e masculina. Além de sequestrado pela elite que, a princípio, transformou o parto em cesariana e agora em “humanizado”. Quanto custa a humanização de um parto em uma cidade como São Paulo? De mim, foi cobrado uns 12 mil reais mais o valor do hospital, num total de aproximadamente 20 mil reais. Quem tem 20 mil reais para parir? Por que nascer custa tão caro? Por que nascer tem um preço? Por quê?

Escuto mulheres com dinheiro falando de partos perfeitos, de contratar mais de 5 profissionais da saúde para parir. Isso me faz pensar em quando as mulheres faziam seus partos sozinhas ou com auxílio de parteiras. Atualmente somos mulheres assustadas para parir, nossos corpos tremem de medo e não de prazer ao

POR DANIELLE REGINA DE OLIVEIRA

## DENTRO DE MIM HÁ TRÊS CORAÇÕES

## ESTOU GRÁVIDA DE SENTIPENSAMENTOS E MEMÓRIAS DE OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS E PASSADOS. MEU CORPO É TERRITÓRIO DE VIDAS, SOU LAR, SEREI MÃE.



parir. Já chorei muitas vezes assustada com o dia do parto também. É tanta informação circulando que esquecemos de escutar e fortalecer o que circula dentro de nós. Somente queremos evitar a dor e não saber lidar com essa dor ritual. Essa dor-metamorfose da mãe e seres nascentes, dores de transformação. In-tensa travessia.

Quantas histórias de cesáreas escutei no posto de saúde! De mulheres, que se emocionavam por serem mães, me falavam desse amor, que antes eu não entendia, às vezes entendia como amor-opressor. Mas hoje percebi que esse amor é um vínculo potente de transformar a sociedade, mas que está sendo combatido, menosprezado, até pelos “feminismos” por aí. Eu nasci de cesárea, mas minha mãe nasceu de parto normal. Minha mãe não tem a experiência de parir para me passar. Cirurgia para nascer. O tempo dos médicos. Claro, há cesáreas que salvam vidas, mas muitas retiram o pulsar da vida, o bem nascer dos bebês.

Dentro de nós. Há “nós” ancestrais. Já na barriga da nossa avó, estava nossa mãe e nós já estávamos lá, em seus ovários como ovócitos (desde a semana 16 até 20 de gestação). Dá pra imaginar essa energia toda, essa história passada-presente-futura feminina? Já os homens desenvolvem os espermatozoides somente



na adolescência. Essa diferença de gênero já pode nos levar a mares de reflexões sobre memórias, corpos, histórias e emoções. Além das diferenças sociorraciais entre nós mulheres.

Contextos maternais que necessitam de cuidado. Maternidades rebeldes. Maternidades violentadas. Maternidades tranquilas. Penso na importância do cuidado das gestantes para gerações. Nas violências racistas, machistas, elitistas que atravessam nossos contextos... Nos privilégios que garantem paz e humanização, na amorosidade da rebeldia de muitos povos ao defender a vida.

Aprendi que podemos lutar pela dignidade de nossas vidas. Que o passado pode nos ensinar, o presente fortalecer ou enfraquecer esses ensinamentos, criar experiências com vínculos e cenários potentes para as comunidades em que convivemos. (Re)criar ciclos. Realinhar os cosmos.

Estou grávida de sentipensamentos e memórias de outros mundos possíveis e passados. Meu corpo é território de vidas, sou lar, serei mãe.

Agradeço, choro, lamento, sorrio, espero, transbordo Belum Yaci e Iraê Nab. Com amor. ■

SOU DANIELLE REGINA DE OLIVEIRA, DO JARDIM SÃO LUÍS, JÁ ME JUNTEI COM MUITAS MULHERES DA ZONA SUL EM AÇÕES COMO A MOSTRA DAS ROSAS, PERIFERIA SEGUE SANGRANDO E FALA GUERREIRA, ENTRE OUTRAS TANTAS SEM NOME. FORMADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIFESP E MESTRA EM SOCIOLOGIA PELA UNICAMP. AMO ESTUDAR, PESQUISAR, DEBATER, CRIAR, SENTIR O NOSSO COTIDIANO COMO PROPOSTA DE CONHECIMENTO QUE PODE NOS DESPERTAR PARA OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS. SOU ENCANTADA PELA SABEDORIA, FORÇA E DOÇURA DE NÓS, MULHERES DAS PERIFERIAS-MUNDO. ACREDITO NA CONSTRUÇÃO DA NOSSA AUTONOMIA REBELDE PRINCIPALMENTE PELO AFETO, PELA DIGNIDADE DE NOSSAS MEMÓRIAS, PELA REVOLTA, PELA ESPIRITUALIDADE E PELA (RE)CRIAÇÃO DE NOSSOS TERRITÓRIOS (CORPO, TERRA, TUDO ONDE HABITAMOS).

# (RE)EXISTIR EM MEIO AO CAOS

POR ELAINE LIMA

SÃO PAULO, 18 DE ABRIL DE 2021.  
ESCREVENDO EM MEIO A UM ANO DE  
PANDEMIA. O BRASIL CONTABILIZOU  
13.900.134 CASOS E 371.889 ÓBITOS POR  
COVID-19 DESDE O INÍCIO DA PANDEMIA,  
SEGUNDO BALANÇO DO CONSÓRCIO DE  
VEÍCULOS DE IMPRENSA.

Então começo dizendo que nada está normal!

Tenho estado demasiadamente cansada, irritada, emotiva e triste!

Sentimentos que já habitavam em mim, no entanto, com menos intensidade. Tenho saudades! Saudades de estar em roda, pegando na mão das mulheres, olhando no olho. “Ah, mas você não está utilizando os aplicativos ou plataformas para essa aproximação?”. Minha resposta é quase nunca. Isso pra mim é raso, frio e mecânico! Não quero acostumar minha saudade com isso, pois o mau costume de ações pode nos levar a se perder de costumes habituais, culturais e familiares - já diziam os mais velhos. Dizendo isso, lembrei que tenho sentido saudades de tantas coisas, e que isso vem me fazendo acessar muito mais minhas memórias afetivas adormecidas, inclusive de pedir bença para minha avó e de ser benzida. Há muito tempo não recebo um benzimento de uma velha senhora, sussurrando as rezas e com as plantas e raízes necessárias nas mãos, passando da minha cabeça aos pés! Oh saudades...

A potência da saudade tem batido por não poder estar com as mulheres, inclusive as mais velhas que me ensinaram e ensinam tanto, mulheres que conheci e que compartilhamos nossos tempos durante meu trabalho na medida socioeducativa.

No decorrer da vida das mulheres periféricas e negras compartilhamos de várias opressões que são naturalizadas, como as violências obstétricas, os silenciamentos já ditos anteriormente. Na minha vida não foi diferente, compartilho com essas mulheres a dor de viver à margem, sem valorização salarial, sem oportunidade de ingressar nas faculdades federais com tanta facilidade.<sup>1</sup>

Tenho medo da solidão e da felicidade. Estranho? Sim, é estranho! Mas isso tem se potencializado nesses dias de confinamento, trabalho

1 e 2. Trecho retirado do trabalho de conclusão de curso: História e cultura afro brasileira e indígena para educação - (Re) existir na subjetividade, amor e afeto: como o encontro e a união de mulheres periféricas fortalece a identidade e a transforma, de Elaine Lima Rezende.

remoto e distanciamento social. O medo da solidão me faz pensar que posso ficar num lugar que, por vezes, me parece tão confortável que depois posso não querer voltar para uma socialização real, de encontro, prazeres e abraços!

E sobre o medo da felicidade, quando pequena, minha mãe sempre dizia ao ver que eu ou meus irmãos ríamos muito: “Quem muito ri, depois chora!”. E por (muitas) vezes tive dias ruins depois de dias muito felizes, mas isso não tinha nada ver com o riso e sim com situações machistas e patriarcais que causavam meu choro, queria poder explicar isso para minha mãe! Até hoje penso nisso quando rio demais.

Sempre tive vontade de escrever algo importante, mas não sabia por onde começar, sobre o que escrever, precisava de uma motivação. Pensando nisso, durante nossas rodas de conversas, me senti tão afetada pelas mulheres querendo falar sobre suas dores, conquistas e buscas por várias respostas que disse para elas que estava estudando e provavelmente escreveria sobre elas, quem estava naquele dia ficou tão feliz, elas se sentiram tão importante em saber que alguém falaria delas, então eu não conseguia pensar em outra possibilidade de tema que não fosse esse.

Neste momento vejo que esse artigo, apesar de ser escrito por mim, foi e está sendo dialogado com outras mulheres, que trazem no seu cotidiano o mesmo território e também sentiram o silenciamento e a invisibilidade constantemente. Nós trazemos em nossos corpos e falas a falta de lugares em que possamos compartilhar nossas histórias, angústias e conhecimentos epistemológicos. Acredito que foi isso que nos uniu e que me fez transpor para o papel a vontade de escrever. Enquanto escrevo, me sinto o tempo todo responsável por transmitir o que conheço delas, é como se não quisesse deixar de falar de nenhum detalhe, pois sei como elas são importantes, que as histórias e o conhecimento que trazem são reais. E diante disso foi possível alinhar os pensamentos e confirmar o que pensava antes de começar a escrever este texto. Sempre faltou quem nos ouvisse, isso falta e faz falta!<sup>2</sup>

Acredito que a Pandemia vai passar, tenho buscado a minha fé, quase que exclusivamente para isso. Mas por enquanto, sinto saudades... ■

## DE: MIM PARA: VOCÊ

Sonhei que escrevia para você.  
Com choro, lamento e dor.  
Dor essa que vem acompanhada de  
Saudade.  
Sentimento que tento amenizar com  
comida, bebida, afeto, investimentos  
pessoais e o tão difícil auto cuidado.  
Quisera eu,  
Ter cuidado mais,  
Ter abraçado mais e confidenciado mais.  
Te vejo em tudo  
No mar  
Nas músicas já ouvidas em outrora  
Na forma de estender as roupas no varal  
No olhar da Talita  
No bolinho de chuva e na rabanada fora  
de época [por que afinal nunca comi sua  
rabanada no natal?]  
Sonhei com você  
E me restabeleci com meus irmãos, com  
a vida e com as escolhas que faço hoje e  
isso me cura e me acolhe.  
Mãe.  
ELAINE LIMA



# PERFUME DE CÂNDIDA

DE FERNANDA GOMES E ALESSANDRA TAVARES



<https://youtu.be/h-OpClritm0>

FORMATO: CURTA METRAGEM  
(BRASIL-2020)

DURAÇÃO: 13MIN E 22 SEGUNDOS

ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS

LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

VIDEO



TÍTULO: PERFUME DE CÂNDIDA

DIREÇÃO: FERNANDA GOMES

CO-DIREÇÃO: ALESSANDRA TAVARES

ROTEIRO: ALESSANDRA TAVARES, FERNANDA GOMES, DANIELLE BRAGA

EDIÇÃO: DANIELLE BRAGA

**SINÓPSE:** O curta retrata o diálogo de duas mulheres, mãe e filha, por meio de uma carta que não pode ser entregue. Nesta carta, a filha negra relembra sua infância, adolescência, suas dolorosas perdas, histórias de violência, amor e perdão entrelaçadas à relação com sua mãe branca. Ao contrário de uma história particular, Fernanda Gomes de Almeida busca no seu texto dar vida a várias histórias de mulheres negras que enfrentam embates raciais e de gênero em suas famílias.

PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.



## ENCONTRO DE ALMA

POR JULIANA SANTOS

### TÔ AQUI NO TREM PENSANDO E RESOLVI ESCREVER SOBRE O QUE EU SEMPRE FALO E FICO PÁ!

Algumas vibrações me movimentam e tô falando daqui de dentro. Dos meus sentimentos vividos e construídos nas entrelinhas dos meus encontros.

Eu te encontrei, me reencontrei, me perdi, te reencontrei... e na sequência? Mano, me perdi. E agora a brisa é outra porque eu penso e sinto você aí, que tá aqui... E eu, você sabe, tô no corre comigo mesma todo dia.

Nóis fala aqui de outra perspectiva, tô falando de encontros da vida, gata, aquele que te abala, que te faz sorrir e chorar, sentar e levantar, odiar e amar, que só te abraça, mas se você quiser também te faz gozar.

Caralho, vou puxar o ar, o bagulho não é normal, tô falando do encontro de ALMA-ASTRAL. Que gostoso e doido! Tá ligada amor e sexo, da Rita Lee? Encontro de ALMA tem um pouco a ver com aquilo ali. Me percebo com combustível pra vida, cujo nome popular da força é o ancestral e respeitoso AMOR.

Te encontrar faz eu me reencontrar. E quando me perco, eu não vejo, mas sei que você está lá. Mano, o encontro não é que nem o trem que passa, o futebol que rola, os romances que te pega ou os bico que não te ajuda, mas mesmo assim você ainda dá uma atenção.

A minha tentativa aqui é falar dessa sincronia que faz as células se movimentarem, provocação nervosa que faz as moléculas agitarem, papo de loka, pode pá!

Na real, sinto como se fosse uma pressão que bombeia o sangue - e quando eu sopro, porra, vou desistir... O teu carinho na minha alma me desperta:ei gata, hoje não. Eu ponho a mão no coração, transito por mim inúmeras vezes. Visualizo meus demônios de perto, troco até o papo reto, retorno e naquela dimensão te reencontro e sinto você aqui.

Me acho autossuficiente, descrente que sou gente da gente, até filha de crente. E só sabe que o bagulho é louco mesmo, quem SENTE. Agradeço por esses encontros.

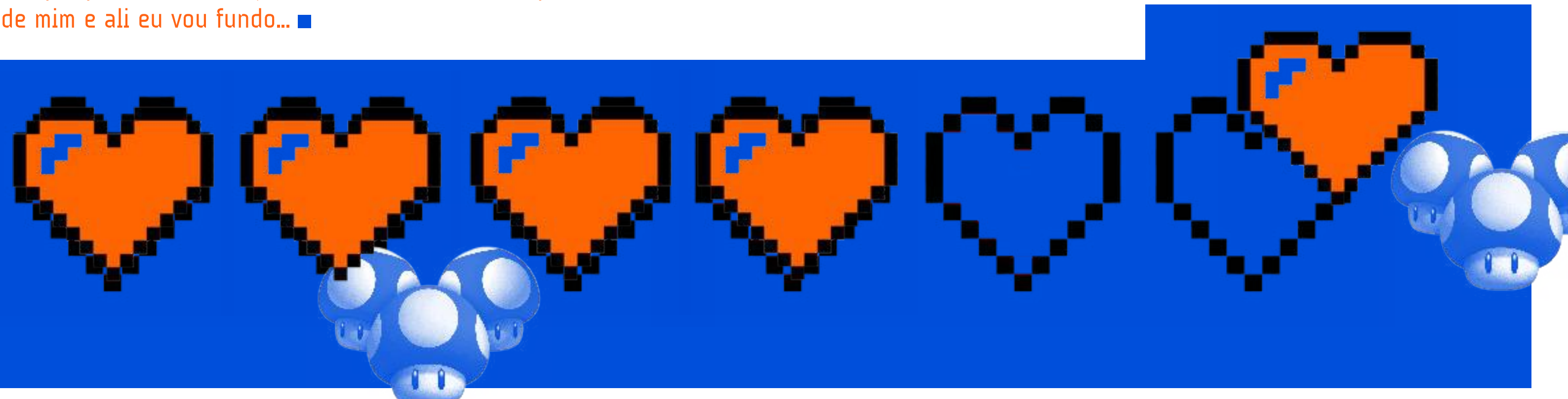
No jogo da vida os desafios vêm, a gente dá o play, pausa, zera o game e recomeça.

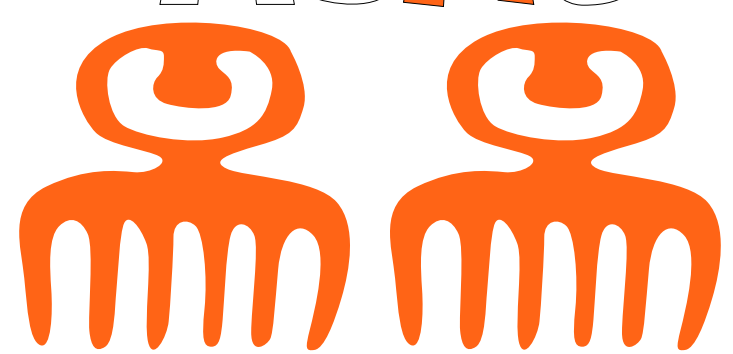
Encontramos os cogumelos do "super mario" que nos faz crescer, ter outra chance pra vida, ou seja RENASCER, encontrar você.

Com você eu me encontro e me perco o tempo todo, e o louco é que na sequência eu continuo o jogo, sem medo!

Tô colada com isso que eu sinto e não consigo verbalizar. Porque tá num lugar que nem eu nem você consegue apalpar, tão pouco enxergar. Às vezes, eu tento, mas me sinto cega, o que me leva a explorar meus outros sentidos, estados, dimensões. Vejo, com os olhos da ALMA, isso me fortalece, me aquece e me acalma.

Tipo quando eu to viajando deitada na beira da praia, ouvindo o mar, sentindo a natureza, os ruídos dos mundos, meus sons... te sinto dentro de mim e ali eu vou fundo... ■





# SOBRE CABELO E AS MARCAS DO RACISMO



POR MARIANA DE BRITO

## QUANDO CRIANÇA, ME OLHAVA NO ESPELHO E ME SENTIA MUITO DIFERENTE DAS OUTRAS MENINAS DA MESMA IDADE.

Não entendia o porquê de viver com o cabelo sempre muito curto e, por vezes, até ser confundida com um menino. Muito menos entendia a razão de ser motivo de piadas nas reuniões de família, comentários maldosos das outras crianças, era muito comum apelidos depreciativos como “cabelo de bombril”, entre outros. O tempo foi passando e fui sendo convencida de que tinha nascido com um cabelo ruim, duro, pixaim, e que cabelos assim não eram bem vistos pela sociedade, talvez por isso que minha mãe sempre cortava. Aos 8 anos de idade, fui convidada para ser dama de honra em um casamento e, mais uma vez, fui convencida de que meu cabelo não servia para uma ocasião tão especial, a solução encontrada pela família foi fazer o alisamento e, a partir de então, foi essa a minha sina, produtos de todas as marcas e qualidades, um mar de experiências frustradas de uma infância onde a construção da minha autoimagem nunca foi prioridade.

Quando adolescente, com o meu cabelo quimicamente tratado, tinha certeza que realmente precisava dar um jeito no problema, ouvia sempre minha avó, mulher negra de cabelo alisado dizer que “o cartão postal da mulher eram os dentes brancos e o cabelo bonito (liso)”. O que me restou foi continuar tentando cuidar do meu cartão postal dito pela minha avó, foram inúmeras tentativas e os repetidos comentários: “você é tão bonita, mas precisa dar um jeito nesse cabelo”; “você é muito inteligente, mas esse cabelo...”. Teve uma vez que dois educadores que eu muito admirava disseram que

iam me ajudar a ficar mais bonita e cortaram o meu cabelo sem a minha permissão, não conseguia descrever meu sentimento, mas um misto de tristeza e vergonha me invadiu, era como se tivessem me roubado algo muito valioso. Quando finalmente meu cabelo voltou a crescer, uma professora me chamou no cantinho da sala e me deu um dinheiro para alisar, segundo ela eu era muito inteligente e tinha potencial para ter um bom emprego, desde que eu desse um jeito no meu cabelo. Mesmo me sentindo humilhada, aceitei o dinheiro e fui para casa refletindo sobre isso.

A cada ida ao salão de beleza sempre ouvia comentários do tipo: “esse cabelo não tem jeito”; “isso foi o melhor que deu para fazer”; “você não cuida direito”; “vamos tentar um alisante novo”; e tão doloroso quanto todo o resto era me deparar com as comparações quando chegava uma mulher branca de cabelo longo e liso, o olhar de frustração da cabeleireira ao ter que mexer no dito cabelo duro. Quantas vezes saí do salão com a sensação de que estava horrível, mas tinha que aceitar porque foi o que deu para fazer e era o que tinha que ser feito!

Demorou para eu perceber que o problema não era meu cabelo e, sim, a busca por um eu que não existia, por um padrão que nunca me coube, por uma estética que nunca me pertenceu... Precisei me encontrar com mulheres negras iguais a mim para que nelas pudesse encontrar referência e afeto.

Aos 29 anos tive uma das experiências mais contraditórias nesse

assunto. Depois de dois anos sem pisar em um salão de cabeleireiro, decidi que queria mudar a cor com a ajuda de um profissional, cheguei com os meus cabelos volumosos e crespos e, logo no início, já vieram desembaraçar com nenhum cuidado, muito menos afeto, impossível não lembrar de tudo vivido na infância. Depois de todo o processo de tintura, a cabeleireira insistiu em escovar uma mecha do meu cabelo para eu ver como ficou a coloração; após secar uma mecha ela implorou para que eu deixasse que ela secasse todo, pois estava muito frio para ficar molhado, relutei, mas depois de muita insistência acabei deixando e, ao ver ela finalizando, vendo aquele longo cabelo liso, as lágrimas facilmente escorreram pelos meus olhos, pois era a primeira vez, em 29 anos, que eu via uma profissional admirar, elogiar e sentir prazer ao tocar no meu cabelo, foi um misto de indignação, lembranças e sentimentos contraditórios e, então, tive a certeza de quem eu sempre fui e da mulher que me tornei, que realmente aquele cabelo liso nunca me representou, não trazia as marcas enroladas da minha ancestralidade, o encrespado da minha alma.

Parei para pensar em todas as marcas que essa trajetória deixou em mim, e em tantas outras meninas pretas que sempre foram - e ainda são - massacradas por um racismo velado e, ao mesmo tempo, escancarado, cruel, dito e não dito, que deixa cicatrizes profundas, marcando a subjetividade de mulheres negras que precisam enfrentar no dia-a-dia as mazelas do racismo.

Sigamos nos fortalecendo e nos amando. ■



# A PARTIR DA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA

POR MARIA EDJIANE ALVES

“ESCREVO DA PERIFERIA, NÃO DO CENTRO. ESTE É TAMBÉM O LUGAR DE ONDE EU ESTOU TEORIZANDO, POIS COLOCO NO MEU DISCURSO DENTRO DA MINHA PRÓPRIA REALIDADE.

GRADA KILOMBA.



ENTREI NA FACULDADE ATRAVÉS DE UMA POLÍTICA SOCIAL. NA GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL, DENTRO DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA, BUSQUEI DISCUTIR EXAUSTIVAMENTE TEMAS REFERENTE A QUESTÃO RACIAL, NUNCA DESLEGITIMEI A LUTA DE CLASSES, MAS ESSA LUTA É RACIAL TAMBÉM!

Não podemos falar de questão social sem falar de um processo histórico que dá legitimidade a tudo que está posto, a todas essas insatisfações. Todo respeito a José Paulo Neto, Marilda Yamamoto, Maria Carmelita Yazbek e todos os autores indicados e fundamentais no curso de Serviço Social, mas nós precisamos inserir a pauta racial como centralidade também a questão social, inclusive estudando autores negros. E já há uma parcela dos nossos colocando em pauta tais questões, dentro e fora da academia, e inseri-los é responsabilidade de todos.

A graduação não me trouxe respostas, mas me inseriu nas respostas de forma muito objetiva, pois é exatamente esse projeto de sociedade, essa estrutura com toda aquela inquietação trazida desde a adolescência que, a partir de uma desapropriação que começou a fazer ainda mais sentido quando, já formada há alguns anos e no lugar de mãe solo, eu passei a exercer a profissão no mesmo território em que nasci e cresci, o Capão Redondo.

Por diversos momentos, quando comecei minha ação profissional com crianças e adolescentes em um CCA (Centro para Crianças e Adolescentes), pude estar diretamente com duas questões fundamentais, sendo que a primeira foi me dar conta da quantidade real de mães e mulheres que são responsáveis de forma direta e individual sobre suas crias - e isso não é questionado, sendo por vezes naturalizado, isentando muitos homens das responsabilidades na criação e educação dos filhos. A segunda questão com que me defrontei foi identificar quem são essas mulheres e crianças e por que era tão difícil avançar na discussão racial.

Um fato curioso é que o município exige alguns documentos para identificar quem são os usuários dos serviços da Assistência Social; em um deles pede-se nome, idade, cor/raça, nome da genitora dessas crianças. Até aí nenhum problema, porém, ao acessar esses documentos, vê-se que a maioria dessas crianças é identificada como “branca” ou “parda”, sendo que visivelmente não são. Essa informação é autodeclaratória: logo, as mães é que informam esses dados no ato do cadastro, ainda que, na nossa frente, as crianças fossem visivelmente negras!

E isso faz sentido, não é mesmo? Até porque as mães, além de terem passado por um processo de embranquecimento social ideológico, passam também por um processo de autoproteção em que declarar-se branco, ou até mesmo pardo, minimiza a exclusão causada por esse Estado. Certa vez uma mãe chegou a nos declarar que “já que o Estado não consegue ver a criança, que então eles pensem que o meu filho é branco, assim eles vão nos odiar menos”.

Nós, à época uma equipe de sete mulheres negras trabalhando no Centro para Crianças e Adolescentes, decidimos naquele momento que todas as ações criadas, sugeridas e aplicadas dentro daquele espaço teriam o recorte racial e que a discussão e potencialização da identidade de crianças negras seria prioridade; e assim o fizemos por um período de três anos.

Isso diz muito quando tentamos dialogar com o poder público sobre a questão racial e eles fazem o discurso de que não há problemas causados pelo racismo nesses espaços, até porque, segundo os números, crianças negras não seriam a maioria, logo discutir identidade talvez nem fosse tão importante. Ora, isso não é uma verdade e o que precisávamos era provar a existência real dessas crianças e legitimar as nossas ações de combate ao racismo.

Eu me reconheço em cada atendimento, em cada história, enquanto profissional da Assistência, enquanto mãe de dois adolescentes. Na maioria dos atendimentos não nos separamos do nosso objeto de trabalho, principalmente quando a trajetória de vida nos diz muito mais do que qualquer referência

bibliográfica, se conseguirmos fazer uma análise crítica do que acontece ao nosso redor.

Hoje, diante da gestão de outro serviço da Assistência, e dessa vez trabalhando diretamente com famílias que são beneficiárias de BPC (Benefício de Prestação Continuada) idosos e deficientes; e também com beneficiários de PTR (Programa de Transferência de Renda) – Bolsa Família, realizando atendimentos domiciliares, se acessamos tanto a rede Sócio Assistencial, quanto à Intersetorial (educação, saúde, conselho tutelar), é possível ter a dimensão do quanto o racismo e sua perversidade são o plano perfeito de um sistema societário excludente. Falta acesso, falta interesse político coletivo, faltam ações práticas, mas falta principalmente nos reconhecermos, já que o projeto de apagamento da nossa história reflete-se aqui na periferia de forma transparente. As pessoas precisam ter a compreensão de que precisamos entender qual é o lugar que ocupamos e onde deveríamos estar e, se não estamos, entender o porquê disso.

Ter a compreensão de que nada, absolutamente nada, nos é dado e que o pouco que chega não pode ser o suficiente, porque não o é; e não podemos mais fazer a manutenção desse sistema perverso, que tem ideologicamente a intenção de nos matar, exterminar nossos filhos, nos adoecer.

Precisamos nos despertar, acessar os movimentos sociais combatentes do território, os movimentos de resistência para enfrentar os desmontes de diversas áreas. Entre elas, a mais atacada é a Assistência Social, quando se pensa em cortar custos logo os serviços socioassistenciais são prejudicados. E isso tem um motivo; propositalmente, com o avanço do neoliberalismo e a política de um governo fascista, de extrema direita, preconceituoso e que nunca se importou com a classe trabalhadora, que não legitima nenhuma luta popular, o pouco que se disponibiliza para a questão social não tem importância para este governo. Assim, hoje, mais do que nunca, é necessário articular com a população qual a necessidade e importância dos serviços que servem exclusivamente para garantir os direitos e fazer uma defesa intransigente da vida humana.





## DE LÁ PRA CÁ.

Criada no bairro do Capão Redondo até os 12 anos, um dia do ano de 1994, minha mãe, Dona Maria José, me levou para ir morar com ela no Bairro do Brooklin. Se conseguir nos localizar geograficamente, vai perceber o tamanho do contraste social que eu cito nesse parágrafo, mas meus pais, na verdade, ocupavam aquele lugar porque ali, na década de (19)80/90, existia uma comunidade, ou seja, uma favela no meio do bairro onde o metro quadrado viria a ser, anos depois, o mais caro da cidade de São Paulo. Logo, para uma população branca e rica, ter um “miolo” que não se adequava àquele status social não fazia nenhum sentido ali.

A gestão municipal daquela época (1996) era a de Paulo Maluf, e isso também diz muita coisa para nós, já que, mais de 20 anos depois, ele veio a ser julgado e condenado pela obra superfaturada após a desapropriação exatamente desse lugar de onde eu, meus pais e mais algumas centenas de famílias fomos despejados.

Há quem diga que mora em favela quem quer, há quem diga que pessoas que moram em favelas, principalmente as que são localizadas em bairros nobres, não deveriam estar ali, que essas pessoas não cabem ali. Não se leva em consideração nada do que possa representar essa ou aquela família, sob quais circunstâncias ela está posta, quantas crianças ou idosos ali existem; nada, absolutamente nada importa quando o assunto é “gente da favela” e de uma favela que não deveria estar num metro quadrado “tão nobre”.

A imagem que não me sai da mente sobre aquele fatídico ano são os montes de tijolos e pedras que viraram escombros; tudo era cinza, todas as casas estavam reduzidas a entulhos, os últimos que ficaram faziam o exercício de se lembrar de onde ficava a casa dos amigos, os bares que havia ali... me lembro de que certa vez, andando entre os entulhos, parei e fiquei olhando o horizonte, até onde iam aqueles pedaços de blocos. Ali estavam desfeitos os nossos laços de afeto, pois um projeto bancado por uma grande empreiteira que, na época estava junto à Secretaria Municipal de Habitação e

Assistência Social, havia despachado as famílias, cada uma para um canto da cidade. Eu nem preciso ressaltar que foram para os extremos da cidade as famílias que ali estavam, mas não nos ofereceram nenhum projeto político de socialização, não tinha escola, não tinha trabalho, não tinha saúde, e então precisamos criar nossas próprias possibilidades em outro lugar.

Até aquele momento, terminar o ensino médio e conseguir um emprego era o sonho mais distante que eu, e muitas das minhas amigas, tínhamos, até porque no meu histórico familiar, nenhum integrante da família havia cursado ensino superior; então, veja que prepotência a nossa sonhar com isso. Mas eu sonhei! E para desagrado da minha mãe, alguns anos depois fui fazer o curso de Serviço Social. A primeira frase que ouvi de minha mãe foi: “vai tirar a casa das pessoas também?” E eu sabia que, no fundo, minha mãe não entendia que a mando desse Estado os profissionais acabam sendo as buchas de canhão, agindo como porta vozes das mais cruéis ações, como “realocar” a sociedade onde cada um deve estar segundo as intenções do Estado.

Quando tive a compreensão de que existe um projeto de sociedade que vai dizer exatamente como as coisas devem acontecer e como organizar ricos e pobres, negros e brancos, a aflição só aumentou.

Hoje, como trabalhadora da Política de Assistência Social, insisto em fazer esse apontamento dizendo o quanto nós, profissionais, precisamos tomar cuidado para não reproduzir um sistema de exclusão e manutenção da pobreza. E acredite, esse é um exercício difícil, uma vez que manter a pobreza do outro é um projeto institucional criado pelo próprio capitalismo. E quando estamos a serviço de uma política pública não devemos esquecer quem é que nos direciona a prática profissional. Mas ainda bem que existe um código de ética para contrapor a essa instituição classista e racista. Além disso, precisamos lembrar diariamente que, apesar de servirmos a esse Estado, não devemos compactuar com as suas atrocidades de extermínio a população mais vulnerável, pretos e pobres. ■

# VIDAS FEMININAS

POR MAYARA JARBITHA

apresso o passo  
a cada esquina que eu ultrapasso  
não sei se tem um homem pra me atacar  
a cada dia  
de noite ou na luz sombria  
o medo vem me assombrar  
a cada vila  
rua, bar, ou esquina  
uma mulher pode ser morta

o medo bate até na porta  
a desculpa pro crime  
é que ela não se comporta  
se engravida no ato da violação  
o aborto não é opção  
é contradição à religião  
Jesus levará ela pro inferno, então?

a dominação de corpos femininos lhes conforta  
o berço masculino preparado para homens nos  
assola  
o sistema opressor nos açoita  
tamo cansada desses discursoshipócritas

vidas de mulheres transcritas  
matança explícita  
crimes em pastas implícitas  
a polícia não liga  
se liga  
mata, estupra  
e faz parte de um sistema genocida

cês mata mulher igual brinca de ciranda cirandinha  
vamo te assediar  
se você abrir a boca  
é capaz nois te matar

fazem piadas com as pautas das mina  
usa o que tem no meio das perna pra querer  
ensinar o que é disciplina  
falam tanto de boa conduta  
mas esperam mulher se embriagar pra abusar dela  
e depois chamar ela de puta

a masculinidade de vocês é bruta  
e é por isso que eu não entendo a fragilidade de  
vocês pra escuta

mastiga, mastiga seu machismo velado  
engole, engole esse seu ego inflado  
digere as estruturas do patriarcado  
e não, você não foi mal interpretado  
não, não venha com sua prepotência me dizer que  
estou errada  
não queira me fazer de dissimulada  
não tente me convencer de que sou culpada  
porque minha posição me fez andar sempre muito  
bem calibrada

ouvi dizer que meu discurso é muito agressivo  
mas me diz se, nascendo mulher, tem como  
revidar isso?  
eu duvido  
o respeito pelas mulheres  
é um personagem fictício  
que morre todos os dias  
e nos outros se permanece vivo  
pra ser morto novamente por esse respeito  
ilusionista

então, pense quatro milhões de vezes antes de  
falar que eu tô sendo agressiva  
porque esse é o número de mulheres que morrem  
por ano de acordo com as pesquisas  
e se eu parar pra pensar em ser mais passiva  
quando eu sair daqui é capaz de eu fazer parte  
dessa estatística

REFLITA. ■



MAHO  
KÊ  
RAS  
B

# VIDAS FEMININAS

DE MAYARA JARBITHA



<https://youtu.be/qn0gg8pWRhk>

FORMATO: VÍDEO POEMA  
DURAÇÃO: 1MIN56SEG  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

VÍDEO

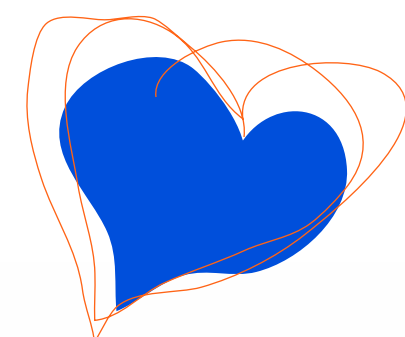
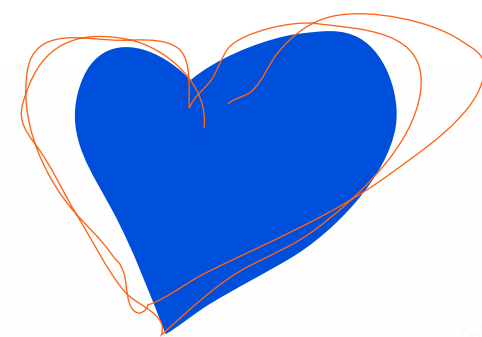
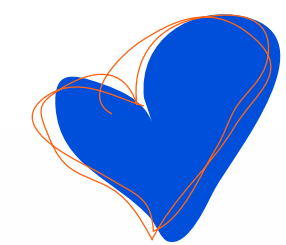


TÍTULO: VIDAS FEMININAS

TEXTO, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO: MAYARA JARBITHA

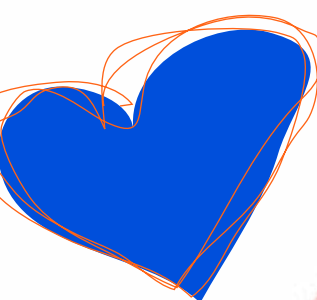
SINOPSE: Presente e atuante em torneios e batalhas de slams poéticos, a jovem artista nos convida a sentir suas palavras, lugar de expressão, voz e denúncia. Em “Vozes Femininas”, escancara a agonia, o medo, a angústia de uma sociedade que mata, estupra e assombra mulheres simplesmente pela sua condição de gênero.

PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE OUVIR COM FONES DE OUVIDO.



# AMADA

POR MINO



**MULHER, 19 ANOS, MAS AINDA SOU O TERROR DAS MINHAS TIAS, QUANDO ME VEEM DESCALÇA E GRITAM. EU RIO E AFIRMO QUE O CHÃO NÃO VAI ME ADOECER. MEUS PÉS SÃO CASCUDOS, MINHA MENTE AFIADA. MINHA AVÓ ME CHAMAVA DE MALINA E DANADA. MINHAS AMIGAS ME CHAMAM DE AMADA. PORQUE É ISSO QUE EU SOU, AMADA.**

Eu passei minha infância no Jardim Monte Azul, lembro de muita coisa. Uma das minhas lembranças favoritas é de ver minha mãe em uma peça de teatro, vestida de cigana, rindo malignamente. Como era linda a mulher.

Lembro das crianças da Tropís, não, não lembro da Tropís, mas lembro da Potyra, minha irmã de criação, lembro do Eros, da Tauana e do Luca, meu irmão. Como a gente bagunçava, era um furacão e uma maravilha, mas também era triste quando a Paula, mãe da Potyra, fazia a gente comer vegetais. Lembro que uma vez estávamos nós, mais uma vez sentados na mesa, eu, ela e o prato de legumes. Com paciência e ameaças me dava os legumes na boca, até a hora que os legumes quiseram voltar pra cima. Estamos nós, eu tentando segurar a comida, e Paula, desesperada procurando água pra me ajudar, pegou a primeira caneca que viu em cima da mesa, quase me deu pra beber, mas parou quando viu que tinha cerveja na caneca. Eu não gostava de comer um monte de coisas quando criança, principalmente as verdes. Hoje sou vegetariana. Engraçada a vida. Faz dois anos que não vejo a Paula, a última vez que ela me viu, quase chorou ao ver o quanto cresci. Não de tamanho, sempre fui baixinha. Quando comentei com a Potyra, ela sacudiu os ombros, falou que era coisa de tia boba, mas eu estava maravilhada, ninguém nunca tinha se emocionado ao me ver.

Em um muro da Tropís lia-se: Luca faz coisa maluca, Potyra no canto chora, Yasmin faz uma poesia pra mim?

Minha dinda não chora, mas ela me chama de meu bebê toda vez que me vê. Minha dinda se chama Carla, mas ela não me deixa chamá-la de Carla. Minha dinda sempre chega falando alto, marcando sua presença no lugar. De anos em anos aparece com uma foto minha criança que ninguém tinha visto antes. Ela também tem mil e uma histórias pra contar

sobre mim, porque era ela que me levava pra ver o mundo fora do bairro, ela me levou no aquário de São Paulo, no planetário, no parque aquático. Nosso passeio favorito era o cinema, uma vez marcamos de se encontrar no terminal João Dias, mas eu erreí o ponto de encontro. Dinda ficou louca me procurando, já achava que tinha sido capturada. Quando me achou, deu um grito que assustou o terminal inteiro. Eu me senti culpada, dinda só se recuperou do estresse depois do filme. Até hoje ela reconta a história e ri da minha cara envergonhada, mas não ligo, dinda tem um riso bonito. Como uma boa fada madrinha, me deu uma varinha de condão e me contou como ser uma sereia, me fez princesa, tudo era possível com minha madrinha!

Falando em madrinha, lembrei de uma vez que a Michelle, mãe do meu irmão, me perguntou o que ela era minha, perguntou porque eu era pequena, acho que estava



curiosa pra saber qual era minha percepção dela. “Madrasta”, eu respondi, achando óbvio a resposta. Mi não gostou muito, falou que eu podia chamá-la de tia, eu olhei para ela e disse que ela não era irmã do meu pai. Eu sempre fui uma criança muito séria, pode perguntar para qualquer um que “trocou minhas fraldas”, eu estava sendo bem lógica com minha resposta. Desde pequena tenho dificuldades em dizer o que penso. Quando ela me perguntou eu já sabia que madrasta significava alguma coisa envolvendo “segunda mãe” ou “mãe postiça”, pra mim, a Mi sempre foi mais do que só a mãe do meu irmão ou a namorada do meu pai, mas quem disse que eu sabia falar disso naquela época?



Não que eu sempre tenha me dado bem com ela, a Mi sempre fez eu, a Potyra e o Luca ajudar ela a arrumar a casa, eu, que morava com minha vó e nunca tinha que fazer nada, ficava brava com ela, hoje eu acho justo, afinal, meu pai não ajudava ela e em algum momento eu ia ter que aprender a varrer o chão. Lembro de uma vez em um final de semana que ela me chamou na cozinha e começou a me explicar como fazer macarrão com molho de tomate. Eu, e talvez ela também, sabia que assim que eu saísse da cozinha esqueceria tudo. Esqueci mesmo, não lembro de nenhuma de suas instruções, mas toda vez que a vejo cozinhando, lembro dela me chamando na cozinha para observar ela fazendo o macarrão.

Tive outras mães além dessas três e a da qual eu saí da barriga e muitas e muitas avós. Mãe ajuda a construir a filha, mesmo que ela, a filha, não goste. As ameaças da Paula nunca eram más. Criança que não come legume não pode brincar. Posso dizer que hoje como todos e brinco muito. Mas ainda não gosto de vegetais doces e ainda odeio passar pano no chão, mas eu faço, sei limpar e cozinhar porque me ensinaram. Nunca faço por obrigação. Pra ser independente e saber cuidar de mim.

Uma vez o irmão da minha mãe perguntou pra ela: “Yasmin ainda não sabe cozinhar?”, minha mãe nem piscou antes de responder: “estou criando minha filha pra dominar o mundo, não a cozinha”. Mãe feminista sabe? Que tem um monte de amiga? Eu um dia olhei pros lados e me vi rodeada de tias e amigas.

Não me lembro de quando conheci a Jenyffer, foi com doze? Treze? Quatorze? Foi por aí, em meados de começar a descobrir quem se é. O que eu sei é que Jenyffer toda vez que me vê solta uma exclamação, me chama de amada, e me abraça apertado, com gosto, bem diferente dos abraços que a gente dá por educação de cumprimentar. Dá até vontade de ir embora e voltar só pra ganhar um novo abraço.

Quando eu tinha 14 anos, Jeny lançou seu livro de poesias, Terra Fértil. Eu na época, confesso, não estava nem aí pro livro. Não lembro quando eu olhei pra ele na estante e decidi o ler, mas lembro que li tudo de uma vez, não parei enquanto não terminei. Fiquei maravilhada, até aquele dia nunca tinha lido nada de uma mulher, muito menos uma mulher negra, menos ainda uma periférica. Jenyffer hoje escreve contos e já viajou por vários cantos do mundo. Jenyffer me mostrou que meus desejos são possíveis. Até hoje quando estou sozinha leio seus poemas em voz alta.

“Primavera minha, é possível sim, é possível!”

Fico com vergonha de pensar que a vizinha escuta toda vez que falo comigo mesma em voz alta. Tento não pensar muito nisso e continuo falando, a vida sabe o quanto foi difícil pra mim falar o que penso. Veja, nunca gostei de levar bronca e sempre senti medo de ser excluída. Quando me perguntavam o que eu achava ou o que eu gostava, sempre respondia o que eu achava que as pessoas queriam ouvir. Meu primeiro impulso ainda é esse. Faço esforço para falar o que penso.

Não entenda mal. Eu falo. Falo muito. Meu Babá adora brincar me chamando de linguaruda. Mas veja bem, há uma fina linha entre falar coisas que aconteceram e falar sua opinião sobre as coisas que aconteceram. Eu falo, falo muito, até coisas que não deveria. Às vezes por falta de bom senso. Bom senso com as palavras é algo que tento praticar todos os dias. Minha timidez ficou pra trás na pré-adolescência. Mas não é fácil expor o que se sente. E se? E se ela não gostar mais de mim porque eu não gosto do que ela gosta? E se ele ficar com raiva se eu falar o que acho? E se eu falar demais e acabar só? E se?

Lembro a segunda vez que meu pai disse que se ele nunca mais me visse de novo ele não ligaria. Era meu aniversário de 18 anos. Pelo menos o amigo dele teve a decência de ficar envergonhado. Também lembro quando eu tinha uns 10 anos e ele falou que eu precisava ser mais independente. Da vez que ele falou pra mim e meu irmão que tínhamos que ter responsabilidade com nossos vícios porque ele queria ter o menos de responsabilidade possível.

Eu lembro que quando eu era pequena eu tinha ataques de pânico quando eu dormia na casa do meu pai, na época nem eu nem ninguém entendia o que estava acontecendo, achavam que era frescura de criança. Só fui entender o que era com 18 anos, mas mesmo assim não sei o motivo. As violências do meu pai sempre foram as da indiferença, do não amor. Eu sempre me senti não-amada por ele. Achava que a culpa era minha. Então me dissimulava, tentando dizer o que as pessoas queriam ouvir e nunca o que eu achava. Talvez assim eu fosse mais amada.

Lembro uma vez que minha mãe falou que eu tinha que pedir desculpas para ele porque eu disse que não gostava de estar com ele. Eu disse isso porque ele me perguntou porque eu queria voltar para casa. Foi a primeira e única vez que revirei os olhos para minha mãe. Não ia pedir desculpas, não estava errada e não era mentira, além de tudo, foi ele quem

perguntou. Ela também não me fez pedir. Quando falei aquilo pro meu pai estávamos no Centro Cultural Monte Azul, a uns 5 minutos da casa da minha avó, na época lembro de ter pensado que teria sido mais fácil só ter ido embora enquanto ele estava vendo o show. Ou era uma peça? Mas infelizmente eu sempre fui sensata, mesmo quando criança.

A Alessandra sempre fala o que pensa, aparentemente pelo menos. Também não lembro quando a conheci, mas foi amor à primeira vista, mesmo que eu não acredite nessas coisas, mesmo que eu não me apaixone fácil. Meu coração não ligou. Alê falava comigo como se eu já fosse uma pessoa, não uma não-criança, não-adolescente, filha da amiga dela. Ela nunca mediu o que falava na minha frente e perguntava o que eu achava das coisas, não como quem pergunta algo para uma criança, mas como quem pergunta pra uma amiga. Ela me levou pra furar meu primeiro piercing e ela não me dedurou para minha mãe quando me pegou cabulando aula. Mas ela brigou comigo quando descobriu que eu estava fumando porque ela fuma e não quer que eu passe pelas coisas que ela passa.

Essa semana quando estávamos no terreiro discutindo minha feitura de santo, daqui a uma semana, ela me olhou com tanto amor. Quase chorei olhando pra ela. Tive que me esconder em seu abraço para não chorar. A chamei de mãe pequena. Alê já era minha mãe pequena, antes de seu santo, antes de seu apontamento. Antes de eu fazer santo. Alê nunca precisou, mas sempre cuidou de mim.

Lembro de uma vez. As quatro Marias no quintal de casa. Eu, Alê, Jenyffer e minha mãe, Anabela. Elas bebendo cerveja e fumando, e eu ali, junto, feliz de poder participar. Porque até pouco tempo eu não podia participar das conversas de adulto. Elas estavam falando da vida, dos boys. Eu tinha 14 anos e pouca experiência nos dois. Mesmo assim



criei coragem e dei minha opinião. Jeny sorriu, falou que queria ser mais como eu, Alê concordou. Eu fiquei maravilhada. Imagina, eu na frente de três mulheres feitas, escritoras, poetas, educadoras, palestrantes, formadas e donas de si. Mulheres fortes. Tudo que eu queria, quero ser. Conversando comigo como se eu fosse uma delas. Eu me senti especial por estar ali. Nunca me esqueci.

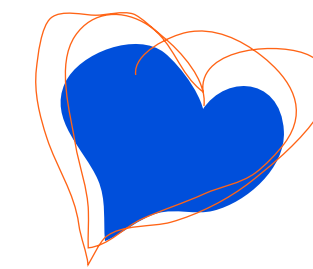
Eu não sei se consigo falar aqui da minha mãe. Em simples palavras ela é o amor da minha vida e alma gêmea. Poderia passar páginas divagando sobre como somos parceiras, em como somos parecidas e quanto eu a admiro. Eu lembro de quando era criança e notei que minha mãe tinha cabelo curtinho, e que minha avó tinha cabelo curtinho. Cheguei a conclusão que mulheres fortes tinham cabelo curto. Passei mais da metade da minha vida de cabelo curto.

Posso dizer que minha mãe sempre foi poucas. Poucas ideias. Na época eu não sabia. Mas hoje ela fala, com muita raiva, que quando eu era pequena as pessoas falavam para ela que eu era triste. Ela era poucas pra essas pessoas. As pessoas diziam isso porque, em comparação ao Luca e a Potyra, eu era muito mais amena. Falava pouco, aprontava pouco e gostava de me esconder atrás da saia dela. Se você ver minhas fotos de bebê, vai perceber que em todas elas estou brava ou séria. Não gostava do colo dos outros. Isso não significava tristeza, só que eu preferia minha mãe a qualquer outra pessoa.

Minha primeira palavra foi “não”. Não, não quero seu colo. Não, não quero falar com você. Não, não pega no meu brinquedo. Não, não pega em mim. Sempre tive limites, sempre os deixei claros, desde pequena.

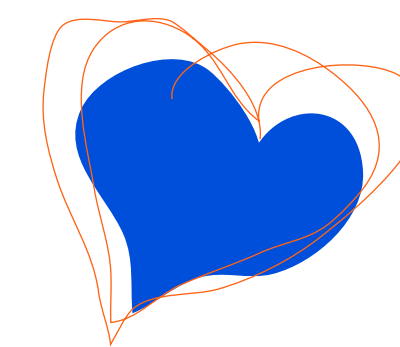
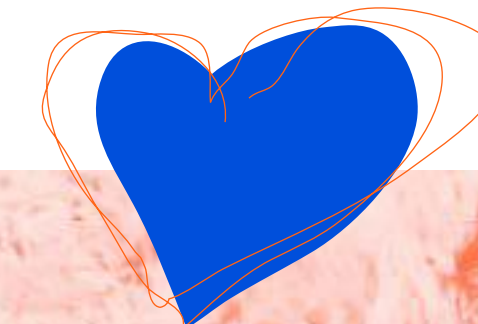
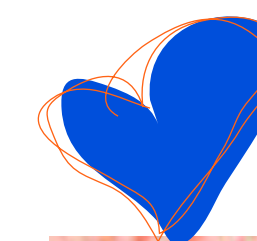
A arte de falar ainda me é estranha, quando falar, com quem falar, como falar. E nem me fale dos “tons”, sempre os uso errado, as pessoas sempre acham que eu estou sendo grossa e eu dou mil cambalhotas tentando explicar que não. Eu só não prestei atenção no tom. Mil perdões, não me leve a mal. Mas pelo menos falo. Passei tempo achando coragem pra falar. Foi muito? Pouco? A Potyra e o Luca sempre foram tão bem nisso. Sinto que demorei tanto. Falar o que penso, falar em voz alta, falar na frente das pessoas e com as pessoas. Hoje eu consigo fazer todas essas coisas. Por causa das mulheres que eu amo.

Quando ano após ano, a ausência e o descuido te dão certeza que não existe amor paterno na sua vida, você assume, ou pelo menos eu assumi que eu era o problema, que eu tinha que falar diferente, gostar de coisas diferentes ou agir diferente. Mas com o tempo e com ajuda eu percebi. Percebi um monte de coisas. Que mesmo sendo cabeça dura, linguaruda, impulsiva e, por vezes, pouco atenciosa, que isso não me desqualifica de ser amada. A dinda sabe o quanto sou descuidada, a Paula sabe o quanto sou cabeça dura, a Michelle sabe o quanto sou desorganizada, a Alê sabe o quanto sou linguaruda, a Jeny deve saber o quanto sou fechada às vezes, minha mãe sabe todos meus defeitos, listados. Ordem alfabética e cronológica. Todas elas me amam. Nenhuma delas, menos, supostamente, minha mãe, precisava me amar.



Há outras, não são poucas, não são menos pra mim do que as citadas acima, Fabiana, Carlinha, vó Maria, vó Ana, vó Eva, vó Sônia, Katia, Dani, tia Fá, Rafaela, entre outras. “Muitas mãos para construir essa menina”. Mães, tias, amigas, minha família. Tudo que sou, tudo que me permito ser, é porque elas me deram amor e confiança.

■ Não preciso de mais nada. ■



“O QUE EU  
SERIA SE EU  
NÃO FOSSE  
ESSA DOR?”

ESSA FOI A PERGUNTA QUE SURTIU EM UMA CONVERSA DE LOTAÇÃO (MEIO DE TRANSPORTE COLETIVO, MICRO-ÔNIBUS), NA VOLTA PARA A CASA COM A LUANA BAYO, UMA AMIGA E CANTORA AQUI DA ZONA SUL, PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO (SP).

Talvez ela não se lembre, mas conversávamos de muitas coisas e ela foi me contando sobre a experiência no Núcleo de Mulheres Negras, que aconteceu durante algum tempo nesse mesmo território. Esse é um dos questionamentos que tem me feito pensar na minha vida e refletiu a escrita da dissertação de mestrado que entreguei em 2018.

O que poderíamos ser se não fôssemos só essa dor? O que podemos ser para fora das categorias desumanizadoras que tentam aprisionar e essencializar nossas identidades? E o que podemos ser, além da coletividade como mulheres negras e lésbicas negras, ainda que esse posicionamento seja importante?<sup>1</sup>

São perguntas que cada vez mais me fazem pensar na minha humanização. Eu quero ser humanizada, quero existir plenamente na minha individualidade, para além dos marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade, mesmo sabendo que são esses marcadores que também constroem quem eu sou. Sim, eu sei que sou tudo isso, mas não sou apenas isso. Às vezes, canso desse lugar de fala que, embora tente dissolver essas categorias desumanizadoras, me faz sentir presa novamente em uma outra ideia engessada de uma nova categoria: mulher negra, lésbica, periférica... O que fazem? Como vivem? Como se fosse uma nova subjetividade universal romântica, acima do bem e do mal, e só tivéssemos uma única fé, um jeito único de ser, se comportar, se divertir, se relacionar. Nova categoria, por vezes “romântica” e “especial” somente no que diz respeito ao discurso, porque na prática, as estruturas de poder seguem presentes legitimando as violências e desigualdades.

Enfim, aos poucos também fui me dando conta que, esse lugar de fala da nossa opressão, muitas vezes busca sacramentar e exaltar um lugar de escassez e dor do que é ser a periférica e a lésbica negra de verdade. Não quero ter que ficar falando das minhas dores, ter que ficar pensando somente nelas, embora as dores existam, mas eu não sou somente dor. Quero falar de amor, quero falar de possibilidades de prazer e cura. Ao mesmo tempo, se hoje quero falar e pensar sobre isso, foi também porque houve esse processo de entender sobre essas dores que não são individuais, mas têm a ver com o contexto em que vivemos. Assim, outras possibilidades nesse corpo coletivo de mulheres também vão se construindo. Escutar a Débora Marçal falando sobre prosperidade, sobre as portas que vão se abrindo, sobre a sensação de que o mundo é dela e que ela pode tudo. A Gabriela do NoFront - Empoderamento Financeiro - dizendo: “Tudo bem querer conforto, está tudo bem querer morar, comer e viver bem! Preto e dinheiro não são palavras rivais”. Participar da vivência de afetividades lesbianas, que eu e minha parceira Fernanda Gomes propomos entre mulheres lésbicas e bissexuais, permitindo momentos de lazer, massagem, piscina e comida boa. Escutar e experienciar tudo isso oferece outros espelhos possíveis para a nossa existência, pois não fomos ensinadas que merecemos o bem viver. E talvez eu tenha amadurecido essa ideia mais tarde, porque tudo é processo mesmo. Mas cada vez mais tenho me permitido viver e acreditar que também mereço prazer e que tenho direito ao mundo, nesse corpo que somente eu habito e dentro de experiências autênticas de quem sou eu, ainda que nesse contexto coletivo e de coletividade que vivo. ■

1. Trechos da dissertação: ASSUNÇÃO, Sulamita Jesus. Quebradas feministas: Estratégias de resistência nas vozes das mulheres negras e lésbicas negras da periferia sul da cidade de São Paulo. 136 f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

# ANSDIONTE

DE ALINE ANAYA E JULIANA FERREIRA



<https://youtu.be/GwxMG5oshJw>

FORMATO: VÍDEO POEMA (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: 1MIN E 20 SEGUNDOS  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

TÍTULO: ANSDIONTE

TEXTO E INTERPRETAÇÃO: ALINE ANAYA

PRODUÇÃO: GOMA KAYA

EDIÇÃO E DIREÇÃO: ALINE ANAYA E JULIANA FERREIRA

**SINOPSE:** Ansdionte é a maneira como os mineiros falam “antes de ontem”. No jeito mineiro de falar, a junção de palavras caracteriza a linguagem. A família de Aline Anaya, migra de Minas Gerais para São Paulo na década de 70-80 e seguem compartilhando e cultivando parte desse universo na sua criação como filha. Ansdionte é uma recriação dessas memórias, traduzidas com muita sensibilidade poética numa rica construção de imagens. É também uma homenagem à sua família, um encontro com sua ancestralidade.

VÍDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

# MULHERES DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA

DE ARAILDA CARLA



FORMATO: ENTREVISTA (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: 12 MINUTOS E 23 SEGUNDOS  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

TÍTULO: MULHERES DA ZONA SUL EM PRIMEIRA PESSOA

ENTREVISTADA: ARAILDA CARLA

ROTEIRO: GABRIEL GONÇALVES E JENYFFER NASCIMENTO

PRODUÇÃO: PERIFERIA SÉGUE SANGRANDO EDIÇÃO: GABRIEL GONÇALVES

**SINOPSE:** Onde nascem os sonhos? Arailda Carla é uma mulher periférica que saiu do interior do Piauí para São Paulo, buscando realizar o sonho de estudar e ter uma vida melhor. Ao conhecer seu companheiro, juntos sonham em transformar o bairro em que vivem através da arte e cultura, desse sonho nasce a Associação Cultural Bloco do Beco. A entrevista apresenta sua trajetória e os desafios de ser mulher em uma sociedade que as mulheres precisam ser fortes o tempo inteiro, sem o direito de verbalizar o cansaço. Relata também a importância de coletividades de mulheres para romper barreiras impostas pela sociedade machista.

VIDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

VIELA É RUA ESTREITA, BECO, TRAVESSA. ESQUINAS QUE CONTAM HISTÓRIAS DAS MUITAS MULHERES QUE HABITAM ESSE TERRITÓRIO-CORPO-MUNDO. É NAS ESTREITEZAS QUE NOS VEMOS, QUE NOS ENCONTRAMOS E NOS DESENCONTRAMOS, QUE NOS FAZEMOS ESPELHOS UMAS PARA AS OUTRAS. (VI) ELA PUBLICAR UM LIVRO DE POESIA SOBRE A NOSSA QUEBRADA. (VI) ELA PRODUZINDO UM FILME FALANDO SOBRE NOS. (VI) ELA NA UNIVERSIDADE CONTANDO OUTRAS VERSÕES DA HISTÓRIA. (VI) ELA NO CORRE DIÁRIO, CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS PARA NOÇ MANTER VIVAS! VI-ELAS É SOBRE AS INDIVIDUALIDADES DAS MULHERES QUE CONSTROEM COLETIVIDADES E MOVIMENTOS PLURAIS, ABRINDO ESPAÇOS PARA QUE POSSAMOS CABER NO MUNDO REESCREVENDO AS NOSSAS LINHAS.

VIC

ELAS



a roupa. Por isso, gosto de antropologia. Uma mistura de literatura e ciência. Eu gosto de tirar a roupa. Todas minhas amigas já viram alguma parte íntima do meu corpo e da minha vida. Intimidade não é isso? É melhor dizer que encontrei no pensamento mesmo porque ele ficou aqui na minha cabeça, morando nos meus pensamentos.

Alex me disse que recebeu várias mensagens de um boy com quem tinha transado no carro no carnaval deste ano. Eu logo fui soltando interjeições de sacanagem. Ele me disse “pára bicha que não é isso.” Eu estranhei e me abri um pouco mais para a história. Adoro sacanagem. Sempre me animo. Lembro que sempre digo que minhas amigas foram transar quando elas somem na festa. É sempre mentira. Estão dormindo, quase sempre bêbadas. Muitas vezes, prefiro as histórias que eu conto. Quando voltei para ouvir Alex, ele estava falando que o boy supôs que ele teria lhe transmitido HIV no carnaval. Eu disse: Bicha! Não sabia o que dizer. HIV para mim é um tabu. Um tipo de interdito que povoou minha vida depois dos 30, amigos, amigas, parentes, colegas de pesquisa. Acolho os sentimentos, converso, mas percebo na dureza do meu corpo que ainda é tabu. Lembro disso e fico com vergonha. Minha vergonha aparece porque sempre falo de raça e minha companheira não gosta de falar disso em público. Falo para ela que precisa superar o tabu. Eu também preciso superar os meus. Meu “Bicha!” foi acolhedor. Sou de câncer. Gosto de acolher as pessoas, gosto delas e dos sentimentos, bons e ruins. Ultimamente, tenho morado nos meus sentimentos ruins. Muitas vezes, as palavras têm mais sentido no tom que se usa. Não sei transmitir o tom na escrita, por isso, explico. Gosto mais de falar.

Ele me disse que chorou o dia inteiro. Foi fazer um teste rápido. A psicóloga era meio maluca,

meio violenta. Perguntou o que ele era. Ele disse indígena. Ela não gostou e nem acreditou. Perguntou a etnia, ele disse Guarani Kaiowá. Ela ignorou. Tenho certeza de que escreveu pardo no formulário. Tereza diz que o pardo é o problema do Brasil. Eu não concordo. Sempre discuto com ela. Às vezes, dá raiva dos pardos, da Anita, da minha amiga Vitória. Eu pensava e estava ansiosa para saber o resultado. Carga viral mexe com nossa cabeça, tanto faz COVID ou HIV. Eu insisto em falar dos significados do corpo. Nessa hora, os órgãos, sangue, células fazem todo sentido. Me sinto na aula de biologia da escola, nem parece que estudo antropologia. Queria ser tão chique quanto meus amigos do grupo de estudo. Sei lá. Outras histórias. Outra classe. Às vezes, sinto raiva também. Sempre fazemos zueiras. Me junto a outras amigas. Isso é ressentimento de classe e antropologia. Gosto de estudar antropologia porque alivia minhas culpas. Gosto disso e de não julgar as pessoas, sempre julgo e faço fofoca. É tudo parte da lindeza do cotidiano e da marcação de pessoas em cada lugar.

Ele disse que deu negativo. Parecia que o ar ficou quente. Todo mundo suspirou sem barulho. Ninguém quer fazer parecer que tem medo da COVID ou mesmo de HIV. A gente esconde o medo atrás da frase do Nietzsche. “A vida que se preserva não vale de nada”. Meus amigos adoram. Nunca verifiquei se é realmente do Nietzsche ou da Clarice Lispector. Frases bonitas povoam a internet. Eu concordo em público. Mas, prefiro preservar minha vida, sei lá, morro de medo e vivo com medo. Tudo bem. Já tive síndrome de pânico. Nesses momentos, meus medos me aliviam, me acalmam e me preservam. Depois que ele disse que a carga viral não existia, falamos que o boy disse isso porque era boy. Acho interessante como as palavras têm sentidos diferentes: boy tanto de homem como







de rico. Todo mundo é rico para quem é pobre. Essas distinções de classe só cabem na aula de sociologia. Gosto de quando me chamam de classe média. Dou muitas risadas por dentro e depois compartilho com minha amiga Ana. Meus parentes gostam de dizer que somos pobres, mas não muito. Classe social é um negócio tão complexo quanto raça. No final, já estava pensando que Alex, indígena, era o corpo do contágio igual a avó de Daniela. E pensei que, se circulasse mais, o meu também seria.

Foi ainda mais engraçado ouvir meu amigo indígena dizendo que no intervalo entre as horas da mensagem recebida e o resultado do exame ele também já havia acusado alguém, em seus pensamentos. Nos pensamentos dele um jovem negro da periferia, que esteve de rolo desde que chegou na cidade. Corpos perigosos. Sangue, raça e carga viral tão misturados que fica difícil de entender. Isso me lembrou de uma amiga que estava com raiva da Sandra que lhe havia dito que ela não era negra. Ela falou brincando que faria o exame genético de ancestralidade e esfregaria na nossa cara. Eu fiquei pensando muito nisso, raça, em certo sentido, ainda é biologia e todo mundo quer saber de onde veio. Todo mundo estava em choque com as discussões de raça e toda a carga viral, menos Ana, que estava apaixonada. Tenho duas amigas que começaram relacionamentos durante a quarentena. Ana não tem medo de HIV. Nem da COVID. Ana tem medo da paixão e isso toma os seus dias.

João pegou COVID. Não pegou COVID. Quatro exames. Um sem resultado. Dois negativos. Um positivo. Não entrou nas estatísticas. Igual Fábio, outro amigo. Carga viral também é coisa de governo e de Estado. É melhor não entrar nas estatísticas, não fazer crescer os números. Eu levei Antônia, sua irmã, duas vezes ao hospital. O amor é um lance perigoso. Eu e Antônia no centro da COVID. Movidas por amor. Eu por ela, ela pelo irmão. Fiquei dentro

do carro. Ela limpava-se de amor com álcool gel em tudo. Fizemos feitiço para a saúde dele e nossa. Eu ficava imaginando, nos 23 dias de hospital, que, quando ele saísse da UTI, teria aquelas cenas de televisão. Todo mundo parado e batendo palmas. Ficava emocionada só de pensar. Antônia estava desesperada. Acendíamos velas todos os dias. No hospital, revezavam. Quando era nossa vez, íamos com firmeza. O médico disse que nos exames não era COVID. A tomografia dizia COVID. Eita problemão de carga viral. Trataram como COVID-19 e disseram que o maior problema era o depois. Lembrei do dia que fui à macumba. Fui em pensamento. Lá encontrei um Erê e ele disse: “o mais importante é como vamos sair disso tudo. Muita gente não sairá bem”. Foi bem assim que o médico disse. Antônia chorou. Contou para a família. O tio dela disse que ela precisava se acalmar, que ela não estava entendendo as coisas direito e que no dia seguinte ele iria conversar com o médico. Mulher é mulher sempre. Ele quase disse que ela não entende por que é burra. Antônia gravou um áudio brigando. Eu, que sou feminista, achei melhor ela apagar. Melhor não brigar com a família nesses momentos. Ela apagou o áudio. Depois brigou por outros motivos.

Minha mãe me ensinou que vizinho é melhor que parente. Às vezes. Não gosto muito dos meus vizinhos. São fechados e não saem para a rua. Como eles não saem, também não saio. Não é a pandemia, já era antes. Agora, quando vou na padaria caminhando, prefiro as ruas vazias. Fico pensando se preciso usar máscara com a rua vazia. Sempre acho que são as pessoas que transmitem COVID. Continuo com a máscara por medo de que alguém me pegue sem máscara. Iria morrer de vergonha. Tenho saudades de ir caminhando até a padaria fumando um cigarro. Ultimamente tenho fumado muito. Me preencho de fumaça e fico com medo de morrer de COVID por causa disso.

João saiu da UTI. O hospital diz no portão que todos os leitos estão cheios. Enquanto Antônia entra, eu fico olhando os arredores de dentro do carro, aproveito para fazer os exercícios de inglês, ver as montanhas aos redores e as lives que perdi. Odeio lives. Assisto várias. Resolvi usar as lives na pesquisa. Resolveram usar as lives no trabalho. Algo que odeio toma meus dias. Às vezes, gosto. Fiz algumas e farei outras. O tempo livre foi tomado por cursos, choros, grupo de estudos, mais terapia, acupuntura, idas ao hospital e dores. Queria uma quarentena de tédio. Quando ela voltou, perguntei se tinha tido palmas na saída dele da UTI. Antônia chora. Disse que achava que ele não devia ter saído. Que estava mal. Na hora caiu uma ficha. Só batem palma em hospitais particulares quando a TV está filmando. Enquanto pensava, ouvi ela dizer: “João irá precisar de acompanhante”. Na hora meu corpo gelou. Num hospital de COVID ter acompanhante... Como? Não é perigoso?

Ela contou que a enfermeira chefe disse que ele estava muito agitado e que não havia pessoal suficiente para cuidados tão próximos. Fiquei pensando que era por isso que não haviam batido palmas. Pronto, revezaram. Duas mulheres e três homens. Todos com medo do vírus, todos com medo do parente amado, todos com medo do resultado positivo. Um exame de sangue direciona toda uma vida. Lembrei de uma outra amiga. A gente estava discutindo raça. Rosa havia falado para Mel que ela não era negra. Mel não gostou. Dois dias depois disse que faria um exame de ancestralidade e esfregaria o resultado na nossa cara. Ela disse brincando. Rimos. João, que não teve COVID, sobreviveu à COVID e voltou para casa. História estranha essa. Fábio também. Só que o Jardim São Luiz não. Fiquei muito triste. Dona Maria morreu.

Lembrei do vídeo dela dizendo muitas coisas. Aliás, nunca vi o vídeo. Lembrei dela falando e que gravamos tudo. Um dia faremos um filme. Uma mulher que ensinou a muita gente as primeiras letras no método tradicional, que critico no trabalho. É. Tem gente de cinquenta, trinta, vinte e dez anos que aprenderam as letras com ela. Eu aprendi as letras na escola e com ela aprendi outras coisas. Achei lindo ela com cara de mal humorada dizer coisas tão lindas de luta e história.

Semana passada, passei lá no Jardim Ibirapuera e fiquei emocionada com a faixa que penduraram na frente do Bloco do Beco. Sempre achei importante ouvir as mulheres mais velhas. Penso que ter filmado as donas marias foi a coisa mais importante de ter proposto na vida. A minha dona Maria e a Dona Maria do Jardim Ibirapuera. As pessoas morrem e deixam um vazio gigante. A morte para mim ainda é ausência, silêncio e nunca mais. Seu Escurinho sobreviveu à COVID. Voltou para casa. Também não teve palmas e nem tocou forró. Morreu um mês depois, não de COVID. Será? Lembro que conheci ele tocando forró. Ele me lembrou dos velhos de Caruaru que tinham mais fôlego que nós. Eu ando fumando demais, por isso não tenho fôlego nem para dançar e nem para nadar. Fico triste. Acendo um cigarro. Seu Escurinho deixou muita saudade. Quando acabar a pandemia, queria ver ele tocando um forró no Bloco do Beco. Acho que podemos fazer um churrasco e um forró para ele. Eu sei que ficarei triste. Não lido bem com a morte. Lembro da avó de João. Antônia me disse que ela está cansada de andar lado a lado com a doença e a morte e que João não está respirando bem. Ele vomita muito. Eu pensei que eu também estou cansada de morte e de doenças. Agora sinto dor nas costas. É melhor caminhar um pouco. ■



# ATRAVESSAMENTOS COTIDIANOS: A VIDA DAS MULHERES EM MOVIMENTO

POR BRUNA GALIHO

COTIDIANO

“ELA FECHA A PORTA DE SUA CASA, DESCE AS ESCADAS ESTREITAS DO QUINTAL, ABRE E FECHA O PORTÃO DE FERRO DE FRENTE PRA RUA TODOS OS DIAS, POR VOLTA DAS SEIS HORAS DA MANHÃ E AS SEIS E VINTE QUANDO ESTÁ ATRASADA. CRUZA A MINIQUADRA DE BASQUETE, ENCARA E SOBE O ESCADÃO LARGO, COM DEZENAS DE DEGRAUS ALTOS E CORRIMÃOS AMARELOS. É O CAMINHO MAIS CURTO PARA CHEGAR À PENÚLTIMA LADEIRA ANTES DA DERRADEIRA, ONDE FICA O PONTO DO ÔNIBUS QUE A LEVARÁ PARA O METRÔ.”

A ideia de trazer esses pequenos excertos é fazer você, leitora – e por que não, leitor –, tentar adivinhar o tema do texto, sem que eu, autora, lhe diga. Isto porque, na maioria das vezes, é assim que se fala sobre isso: sem dizer sobre o que está falando e até mesmo sem sequer falar. É também como se faz isso, sem dizer que está fazendo, sem pensar ou sem dizer que pensou. Ainda assim, há pouco mistério. É como se houvesse um subtexto, alojado principalmente nos olhares que simplesmente sabem o que se pretende dizer com o que se diz ou com o que se faz.

## SEXO

“EU PENSO QUE UMA COISA É VOCÊ OLHAR, ASSIM, DE UMA FORMA NORMAL COMO VOCÊ OLHA PRA QUALQUER PESSOA. TEM HOMEM QUE OLHA, JUSTAMENTE NESSE PONTO QUE A GENTE TÁ FALANDO”.

## MEDO

“NUNCA QUE FILHA MINHA VAI ESTUDAR À NOITE. ISSO NÃO É HORA DE MOÇA TÁ NA RUA. DEPOIS, DEUS ME LIVRE UM HOMEM PEGA ELA E FAZ MALDADE NA RUA, QUEM É QUE VAI FAZER ALGUMA COISA POR ELA?”

## PRECAUÇÃO

“MAS SE FOR PRA EU SAIR SOZINHA, É ASSIM Ó: DO JEITO QUE VOCÊS TÃO ME VENDO PRA NÃO MARCAR O CORPO, PRA NÃO TER QUE OUVIR PIADA NA RUA”.

## HÁBITO

“EU MORO NUMA PERIFERIA, ENTÃO PESSOAS DE OUTROS BAIRROS VÃO ACHAR QUE AQUI TAMBÉM VOCÊ CORRE ESSE RISCO. PODE ACONTECER COM OUTRAS MULHERES, MAS COMIGO NÃO”.

## RECEIO

“DEPENDENDO DO HORÁRIO E DO TANTO DE GENTE QUE ESTÁ DENTRO DO ÔNIBUS, SE ESTÁ SÓ O MOTORISTA, VOCÊ PREFERE NÃO PEGAR O ÔNIBUS, SÓ EM ÚLTIMO DOS CASOS. SE ESTÁ MUITO VAZIO VOCÊ FICA RECEOSA. SE SENTE VULNERÁVEL”.

## IDENTIDADE

“MULHER NEGRA NÃO É ASSEDIADA”.



**MAL FALADA**

“ENTÃO, ÀS VEZES MINHAS FILHAS SÃO CONVIDADAS PARA IREM SOZINHAS NA FESTA. A MÃE NÃO VAI PORQUE A MÃE É SOLTEIRA, LARGADA DO MARIDO. ENTÃO, ALGUMAS MULHERES NEM CONVERSAM COMIGO, NÃO QUEREM SER MINHAS AMIGAS PORQUE EU POSSO... SIGNIFICAR ALGUM RISCO”.

**MAL EDUCADA**

“QUE DESPERDÍCIO UMA NEGA DESSA NÃO GOSTAR DE HOMEM!. É ESSE TIPO DE COISA QUE EU TENHO QUE OUVIR”.

**DIFERENÇA**

“EU NEM LEMBRAVA MAIS COMO ERA ISSO. AGORA QUE EMAGRECI, VOLTEI A SER ALVO. PENSO QUE ENTREI PARA UM PADRÃO DE GORDA ACEITÁVEL ANTES DISSO, SÓ OUVIA COISAS HORRÍVEIS”.

**EXPERIÊNCIA**

“EU ACHO ESSA SENSÇÃO MESMO. É UMA COISA INTERNA, SUBJETIVA. É COMO VOCÊ SE COLOCA EM RELAÇÃO AO QUE OUTRO TÁ TRAZENDO PARA VOCÊ. QUANDO ELA FALA QUE ELA SE SENTE DESPIDA, ELA SE SENTE ASSEDIADA, NA MINHA PERCEPÇÃO”.

**CULTURA**

“PORQUE A GENTE VIVE TANTO NA RIVALIDADE: ‘AI, ELA TÁ MAGRA DEMAIS, ELA TÁ BONITA DEMAIS, ELA TÁ BEM VESTIDA DEMAIS, ELA TÁ GORDA DEMAIS. AH, ELA ARRUMOU UM NAMORADO, EU NÃO ARRUMEI’. SE A GENTE FOSSE UNIDA, EU ACREDITO QUE ESSA CULTURA JÁ TINHA MUDADO”.

Precaução é uma mulher de 36 anos - e é precavida porque teve muitas experiências com o que ela, por vezes, chama de “piada”, embora muitas vezes chame de “abuso”. Receio também é mulher e tem 25 anos. Assim como Precaução, seu nome é fruto de experiências concretas que marcaram sua trajetória e são rememoradas quando ela precisa escolher um trajeto.

Hoje, para tentar evitar as piadas, Precaução calcula suas roupas, de modo a tentar disfarçar algo no formato de seu próprio corpo e que parece ser o motivo dessas práticas, que vão da dor ao riso pelo absurdo. Receio parece ficar entre a cruz e a espada quando, tarde da noite, precisa voltar para casa após um dia de trabalho ou após se divertir com as amigas e tem que escolher entre permanecer no ponto sozinha ou subir num ônibus vazio. Elas parecem agir pensando sobre o que Hábito chamou de “risco”. Hábito é mulher e tem 37 anos. Para ela, ser da quebrada diminui a probabilidade do “risco”. Ela demonstra saber que ali onde mora, outras mulheres correm o “risco” do que ela está acostumada a correr em outros lugares. Medo é mãe, tem 65 anos e é mãe de outra mulher, Vulnerável, de 18 anos. Para Medo, não há “piada”, há “maldade”.

O que Precaução, Receio e Medo nos contam também é dito pela maioria das mulheres quando conversamos sobre suas experiências de circulação na cidade. As sensações e atitudes dessas três mulheres são calculadas levando em conta as atitudes dos sujeitos que, supostamente, estão do outro lado desta relação que se estabelece pelo gênero: os homens.

Do jeito como esta relação se coloca para nós, naturalizada, parece haver papéis pré-definidos ditando como cada um deveria sentir e agir. Um treino ou educação que nos diz, de um lado, quem tem um desejo desenfreado e deve reafirmá-lo publicamente e, de outro, quem é vulnerável e deve, o tempo todo, se proteger. Essas práticas se estabelecem a partir do gênero, articulando o que Sexo, uma mulher de 22 anos, nos diz nas entrelinhas, e ainda o que Medo expressa de maneira um pouco mais explícita: sexualidade e violência.

Diante da identificação da maioria das mulheres com essa sensação de vulnerabilidade, que nos trouxe Receio, e com a necessidade de controlar atitudes para se proteger, como falam Medo e Precaução, inúmeras mulheres organizadas em movimentos feministas ou de maneira individual têm reivindicado a não normalidade dessas práticas, além de seu caráter de violência. Dessa identificação, têm proliferado manifestações que trazem à tona experiências negativas de dor e de trauma e que reivindicam a possibilidade de circulação das mulheres num espaço público, que se impõe masculino. As manifestações se sedimentam na nomeação dessas práticas na categoria “assédio”.

Meu intuito não é o de deslegitimar as reivindicações e, sobretudo, as experiências que muitas mulheres têm compartilhado e até mesmo ressignificado a partir desses argumentos. No entanto, gostaria de conversar sobre algumas especificidades dessas práticas e de outras que também são relevantes para os sujeitos, envolvem a circulação das mulheres no espaço público e que não são enquadradas pela categoria “assédio”.



Começemos pelo nome e explico-me por que opto por colocá-lo entre aspas. Embora a identificação que explicito há pouco nos pareça - e possa ser em muitos níveis - bem evidente, há diferenças importantes nas experiências dos sujeitos e nos modos de lidar com as práticas que vêm sendo chamadas de “assédio”. Elas se explicitam nos jeitos de nomear.

“Brincadeira”, “piada”, “importunação”, “incômodo”, “abuso” e, finalmente, “violência” são algumas das nomeações que oscilam nas falas dessas mulheres em lugar do “assédio”. Esses usos não podem ser reduzidos meramente ao acaso ou ao desconhecimento por parte das mulheres da categoria tal como ela é posta. Minha sugestão é que a disputa, a qual tento indicar pelo uso das aspas, incide sobre o significado do que deve ou não ser considerado violência.

Da maneira como expõe Experiência, uma mulher de 30 anos, os sentidos podem oscilar porque há uma parte da interpretação dessas práticas que depende de cada uma de nós, de como você se sente e se coloca. São códigos de liberdade e de intimidade que são, ao mesmo tempo, sociais e podem variar de pessoa para pessoa. Essas interpretações não são necessariamente fixadas nos sujeitos, elas podem ser situacionais. Os sentidos de “brincadeira” - mesmo que de mau gosto - e “abuso”, por exemplo, podem demonstrar que em algumas situações pode haver mais negociação do que em outras.

Algumas narrativas, como as de Receio, Medo e Hábito, indicam que há um aspecto muito importante a considerar: o território. Em alguns territórios, a violência seria mais permitida do que em outros, ao mesmo tempo em que ser do território poderia garantir o manejo de alguns códigos de circulação.

Por outro lado, as mesmas falas indicam que algumas condições e necessidades as tornam mais expostas à violência. Fazer longas jornadas, que implicam cruzar a cidade, sair muito cedo ou chegar muito tarde, depender do transporte público que transita por lugares onde há pouca ou nenhuma segurança, para Medo e Receio, compromete parcial ou totalmente sua circulação e com isso, o acesso à serviços fundamentais, como educação de qualidade e ensino superior.

Vamos agora pensar nas diferenças localizadas nas mulheres. Falamos da identificação entre grande parte das mulheres e da oscilação dos sentidos de violência. Mas será que todas nós, mulheres, vemos nossos cotidianos atravessados pelo “assédio” desse mesmo modo traumático e tão repetitivo? Ou ainda, todas somos “assediadas” e do mesmo modo?

O que Diferença, uma mulher de 36 anos, e Identidade, de 35 anos, nos contam é que algumas mulheres podem ser incomodadas por falas que não são aquelas do tipo: “e aí, gostosa!” ou “com você eu caso”. Longe de querer afirmar que essas falas não objetivam ou que elas valorizam positivamente determinados corpos, minha intenção é ressaltar que alguns sujeitos têm seus atributos mais valorizados socialmente. Esses atributos têm a ver com formato do corpo, com cor, com classe social e com sexualidade, por exemplo. Eles se articulam nos modos como as feminilidades são vistas e lidas.



Desta maneira, minha ideia não é deslegitimar experiências de violência. Mas, apontar que, dentro desse “assédio” mais cotidiano, repetitivo, chamado também de “fiu-fiu”, há uma expressão de desejo – não estou dizendo se é ou não apropriada – que mobiliza as diferenças das mulheres e dos homens. Esse desejo, que pode ser articulado à violência nesse tipo de prática, é imbuído em relações de poder que extrapolam a violência como única possibilidade. Não significa dizer que mulheres gostem de ser “elogiadas”, menos ainda que elas gostem de ser “violentadas”. Implica em considerar outros contextos e agenciamentos de poder, negociação, visibilidade, erotismo, perigo e liminaridade. Nesse sentido, a ideia de como essas práticas estão articuladas em relações mais amplas aparece sobretudo nas vozes de Cultura e Mal Falada.

Conversar com Diferença e Identidade sobre feminilidades não é discutir quem é mais ou menos alvo das práticas que vêm sendo chamadas de “assédio”. Isso está longe de dizer que há um padrão nas leituras de feminilidades, como pode parecer com a frase mais categórica de Identidade. Na verdade, o objetivo da fala de Identidade é perturbar ideias pré-concebidas em torno de corpos que seriam supostamente hiperssexualizados. É fazer emergir contradições num jogo de luz e sombra entre o desejo que é sentido pelo sujeito e aquele desejo que é contado, que pode ser expresso em determinado lugar e noutro vem à tona na forma de “coisas horríveis”, como disse Diferença.

Embora não sejam enquadradas nos discursos sobre “assédio”, essas “coisas horríveis” também articulam gênero e sexualidade, mas não só. Quando Mal Educada compartilha conosco o tipo de fala que ela escuta dos homens, é possível entrever que a alguns corpos são direcionadas narrativas ambíguas ou explícitas de conotações raciais. Essas, por sua vez, se entrecruzam a expectativas de corpo e sexualidade que, caso não correspondam àquelas imaginadas, devem ser corrigidas. Nesse sentido, o “assédio” revelaria mais do que “incômodos” e “abusos” comuns à maior parte das mulheres. Sua prática mais ou menos presente revela especificidades e diferenças ancoradas nos (des) valores contextuais dos corpos feminizados.

Ao nos debruçarmos na cena de Cotidiano, vemos que são inúmeros os atravessamentos que cortam e costuram o dia-a-dia das mulheres, no que diz respeito aos nossos trânsitos na cidade. Esses atravessamentos também se relacionam a condições materiais, a modos de viver nossa sexualidade e nossos afetos, a violências sofridas, a nossas relações familiares, a nossos trabalhos dentro e fora de casa, ao tempo que permanecemos nos ônibus. Os cortes e as costuras desse dia-a-dia não são reivindicações, tampouco vêm de trânsitos recentes nesse espaço dito masculino. Eles se impõem ao espaço, ao público, ao privado e, muitas vezes, cortam e costuram a nós mesmas. ■

# DEPOIS DE NÓIS, É NÓIX DE NOVO

DE DÉBORA MARÇAL



<https://youtu.be/-enKdyA3um4>

FORMATO: VÍDEO ARTE (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: 5MIN E 36 SEGUNDOS  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS

VÍDEO

E.GUERRA.E.FESTA,  
SANGUE.E.TERRA,  
OLHO.POR.CORPO.E  
DENTE.POR.CARNE,  
NAO.MEXE.NAO.FI.

PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

**TÍTULO:** DEPOIS DE NÓIS, É NÓIX DE NOVO

**PRODUÇÃO, GRAVAÇÃO, EDIÇÃO E DANÇA:** DÉBORA MARÇAL

**SINOPSE:** A bailarina e coreógrafa Débora Marçal, nesse trabalho desenvolvido exclusivamente para Revista Quebrada Inteira, busca expressar o estado de espírito de nós, mulheres da periferia, antes, durante e depois da quarentena, em decorrência da pandemia de COVID-19. Incitando com palavras de chamamento “Sabedorias ancestrais, macumbas, mandingas, bruxarias. É guerra e festa, sangue e terra, olho por corpo e dente por carne, não mexe, não fi. Este vídeo foi gravado com segurança, respeitando as orientações de isolamento social, na casa da artista.



ILUSTRAÇÃO: ISABELA ALVES

## SAIA

### POEMA 1:

POR CARMEN FAUSTINO

Se para você  
Minha saia  
Está sempre curta  
Vulgar ou justa

Não se preocupe com isso  
Saia de perto de mim  
E tenha a certeza  
Não será contigo  
Que andarei na rua...

Meu decote  
Não é medida  
Para justificar o horror  
Que assombra os corpos

E mata os sonhos  
Daquelas que nunca dormem  
Não tem água salgada  
Que cure essa ferida aberta

Sempre em alerta  
Posso ser a próxima  
Vítima dessa cegueira  
Rotina de mulheres mortas

Me deixe em paz  
Não se aproxime  
Minha pouca saia  
É medida de luta  
Movimenta afeto  
E não roda sozinha

Se ameaçada  
Saia curta e fina  
Vira navalha  
Corta na carne

E vê sangrar  
Até esvair a dor  
Silêncio ensurdecedor

A fenda do peito  
Que alimenta  
Fome e orgasmo  
Vira buraco sem fundo  
Sufoca sua opressão  
E esse ódio  
Das mulheres no mundo

E não venha  
Me julgar louca  
Dizer que minha dor  
É coisa pouca  
Minha saia é o limite  
Para pernas livres  
E a blusa colada  
Não cabe mais  
Em um corpo calado

É imensidão  
Eu a transbordar...

Meu caminhar  
Tem passos largos  
Não mede esforços  
Para o tamanho  
Do meu desejo de mulher sã

E tenho uma certeza  
Não sou a única  
Somos muitas!  
E isso não é uma ameaça  
Já é uma ação!



## POEMA 2: CONTRATEMPO

POR CARMEN FAUSTINO

No meu relógio  
O passar do tempo  
Não é um problema  
Ruim é quando não desperta  
Ou sempre atrasa  
Pois o mundo não espera  
Adianta à demanda

Meu ser mulher negra  
Pesa as costas  
Dói no corpo  
E sem o devido cuidado  
Labuta vira tormenta  
Cansa o punho cerrado  
Faz dureza na alma  
E esvazia o coração

Na contramão do atraso  
Despertar o poder ancestral  
É direito e reparação  
Viver o afeto  
Prazer de olhos abertos  
Evapora revoltas  
E fertiliza a terra seca  
E o caminhar  
Junto às Pretas  
É força mágica que cura

Não vou mais salgar em dor  
Quero escorrer livre para terra  
E fertilizar esse chão  
Abençoado por deusas  
Pisado com força  
Resistência  
Para que hoje  
Eu pudesse estar aqui

Pergunte ao tempo  
E a verdadeira história  
O que aconteceu comigo  
Conte os dias  
Mas não aguarde sentado  
Será como nunca visto antes

Eu terei fim  
A luta não! ■



# VILA SÃO JOÃO, ALAGOA GRANDE, 23 DE JANEIRO DE 2018.

POR DAYANE FERNANDES

Senhora dos tempos,  
do presente, do que se foi, do que está por vir;  
Sei que andas muito ocupada,  
com o de comer, com o que vão falar;  
Mas peço, humildemente: olhes para mim,  
veja em verdade o que me tornei;  
Eu, essa parte de ti que não lhe coube,  
tenho andado por caminhos que não entendo,  
a procura de respostas nunca perguntadas;  
Eu, fruto que da árvore não caiu muito longe,  
embora perto também não tenha permanecido,  
a pensar onde seria meu lugar;  
Por onde andastes? Do que bebestes?  
O que te provocou risos? Que espinhos te sangraram?  
Senhora das encruzilhadas,  
dos nós nunca explicados, das histórias não terminadas;  
Sei que parece tempo não haver,  
pra recomeçar, pra aprender um novo ofício, encontrar um novo amor;  
Mas peço, singelamente: ouça teu coração,  
veja, em fé, o que podemos nos tornar;  
Tu, esse conto ainda não finalizado,  
tens se demorado em terras secas já caminhadas,  
como a espera de chuva que não virá;  
Tu, raiz plantada no sertão brejeiro,  
feito macaxeira resistiu até depois da queimada,  
como na esperança de gerar farinha fina e parir tapioca quente;  
Por onde estive que deixei tantos cafés por tomar?  
O que procurei sem te encontrar?  
Senhora da boa viagem,  
me ouça: ainda temos tempo,  
de nos ouvir, de nos abraçar, de rir juntas,  
de encher baldes de água, pintar paredes azuis,  
fazer peixe no coco, cuscuz com leite;  
Ainda há tempos, ventos, lugares.  
Me acompanhas? ■

# - E DA TUA JANELA, O QUE SE VÊ?

POR DAYSE OLIVEIRA

COMPREI UM SAPATO LINDO  
NÚMERO TRINTA E NOVE  
SENDO QUE CALÇO NÚMERO  
QUARENTA E DOIS. ANDEI  
MUITO A PÉ, ADOENTEI-ME.  
PRA ACALMAR OS PÉS E  
NÃO REPETIR ESSE ANO  
INSANO FIZ UMA SALMOURA  
DE ÁGUA QUENTE E ENSINEI  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
QUE NÃO SE VENDE O  
PRÓPRIO SONHO.

(maria tereza, em negrices em flor)

a única lembrança que eu tenho dela é de uma janela. primeiro, era ela dentro e eu fora. depois, todas nós dividíamos a calçada, as ameaças e a sirene da polícia cada vez mais perto, cada vez mais dentro. ela, tomada de raiva, portão trancado e a já conhecida sensação de quem fico [outra vez] de fora da festa. ela quebrou a janela. era a revolta marcando no espaço a voz de quem não repetiria a cena calada. o buraco que ela abriu na janela atravessava tudo e rompia agora também a linha que separa quem está dentro e quem está fora – estava agora todo mundo fora? era uma falha.

já se vão três anos desde aquela noite que a pedrada atravessou o vidro e ainda me chegam significados diferentes a cada vez que o farol fecha em frente a janela e eu percebo que o buraco ainda está lá.

(...)

eu, às vezes, pergunto às pessoas onde dão as suas janelas. na casa dos meus pais, a do meu quarto dava nos fundos da casa, no muro de concreto que subia até as telhas de amianto. de lá, meus olhos não tinham horizonte. quando eu subia na laje eu gostava da possibilidade de ver mais longe, expandir a visão. era [e é] uma ladeira muito alta e de lá eu via muitas casas ainda em construção, de alvenaria e de madeira, via o córrego no fim da rua, via algumas vielas por onde a gente cortava caminho para a rua de cima.

outra lembrança viva em mim é das janelas da escola. o cenário era muito parecido àquele da laje da minha mãe, a gente é marcada e reconhece a estética do nosso território periférico. esses pontos de semelhança também apareciam nas respostas às minhas perguntas sobre janelas. muita gente tem o horizonte recortado pelo reboco da casa da frente, por um muro do vizinho que subiu um pouco mais a casa.

janelas são metáforas conhecidas para falar de sonhos. geralmente são lembradas como canal de comunicação entre o que mora dentro e a vastidão do mundo [lá] fora. no entanto, somos atravessadas constantemente por esse horizonte que põe nossos olhos a buscar a fresta que permita o escape, que dê caminho mais longo ao nosso olhar; por esse diálogo que é rebatido por dentro e, por vezes, tudo que encontra são as frases curtas e as muitas perguntas. quais são os nossos sonhos?

descobri num dia de acasos que uma amiga nunca tinha comprado um queijo [diferente] no mercado para comer em casa.



## miniconto #1

eu buscava uma passagem secreta que fosse capaz de me transportar no tempo. viver o próprio tempo é um duelo cansativo que quase sempre me faz ter a sensação de perda. a soberania das luas se impõe sem perguntar se deu tempo para se preparar ou se é possível acompanhar a passagem. a gente vai. então eu encontrei – ou imaginei – a fenda e fiz dela acesso interno. já que tudo me espremia por fora, eu tentei um outro caminho e dei um passo adentro. não sei como te soa essa história de fenda que dá dentro da gente, mas foi a viela que eu mesma abri para alcançar... para construir um chão macio e confortável. e aqui tem uma complexidade porque o mesmo tempo que aperta minhas ideias e que me põe para fuga é o que me dá o barro úmido e a enxada. que dá ação às minhas mãos. do lado de cá da fenda não mora ninguém e o vazio me dá espaço, sem disputa, sem duelo. por dentro da fenda eu desenho um tempo sem horas, afrouxo as linhas e os pontos, escrevo usando reticências. tudo que eu invento, existe!

## miniconto #2

sim, eu sou uma colecionadora. porque tenho medo de perder o importante, eu junto, empilho, faço torres sensoriais. não, eu não sei explicar quando encontro o tesouro nas coisas comuns - palavras que parecem sinônimas, mas não são em mim. não sei fazer que outros pisem nesse lugar que habito, que sintam a brisa boa que bate aqui e me faz ficar. eu crio esse espaço de memórias. acúmulo dentro e acúmulo fora. o acúmulo parece bagunça para os outros. desordem. desalinho. e eu, eu acho bonito dar minha ordem às coisas - às de dentro e às de fora. é meu jeito de não me perder também. de não perder a alegria d'alma reencontrando coisas. alma que se alarga ao ver folha decomposta pelo caminho, bilhete escrito de caneta azul em letra feia. que se excita cruzando com coloridos descombinantes, com tamanhos desencaixados. com assimetrias. é tesouro que faço lugar e faço fonte. e não é que eu esconda, mas meu tesouro poucos olhos podem ver. de minha parte, eu desarrumo e deixo a porta sempre aberta - as de dentro e as de fora.

## miniconto #3

eu te chamava de meu dendê e não era só porque a gente tinha se cruzado pelas ruas quentes da Bahia num banho que misturava suor e mar. era meu dendê não só porque tua pele escura e avermelhada despertava apetites por todo o corpo. também não era só porque eu senti num quarto de hora que a gente já tinha vivido pelo menos outra vida inteira lado a lado. tu eras dendê e fazia correr calor abrindo um risinho safado de quem nunca prometeu nada mais que um amor tipo pólvora: BOOM! findou. eu tava ali fascinada na abundância de vida que tu me oferecias, vida mesmo, barulhenta, preenchida. "tu sabias que dendê dá o ano todo, sem entressafra?" - como se alguém pudesse duvidar dos teus olhos de fogaréu laranja. acontece que tudo em ti era festa e eu queria mais era dançar pelo teu corpo-dendezeiro. e não é só porque nosso encontro temperou meus dias ou porque teu sabor é mesmo inesquecível, mas até hoje se alguém me pergunta como foi que eu me apaixonei por ti, minha resposta é sempre a mesma: tem dendê?

ela tinha os dez ou quinze reais, não se trata disso, mas no curto horizonte que a vista alcança não cabia o queijo. e o queijo, para a gente, também virou metáfora de tudo aquilo que ficou depois da curva, fora das vistas: o edredom [quente] que a gente nunca comprou; a cadeira [confortável] que a gente não deu conta de ter. cada uma tem uma história dessa embrulhada na memória.

tem um documentário que eu assisto chorando e que traz algumas vozes de estudantes brasileiros de escolas públicas. eu acho que eles reconhecem as janelas da minha escola assim como me reconheço neles. um deles é Felipe Lima e ele conta: "acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo professor, nunca me sonharam sendo um médico, não me sonharam. eles não sonhavam e nunca me ensinaram a sonhar. eu tô aprendendo a sonhar."

aprender a sonhar tem sido parte fundamental do meu [do nosso] enfrentamento ao mundo. nem que para isso seja necessário quebrar vidraças e desembulhar cada pacote de sonho guardado.

**E VOCÊ, AONDE DÁ A SUA JANELA? ■**

## miniconto #4

os cacos que agora recortam o chão anunciam: sete anos de azar. ela não sabe se a contagem começa amanhã ou se esses pedaços já são parte dos primeiros minutos. esta é mais uma coisa que se quebra em suas mãos sem dar tempo de puxar o fio do equilíbrio. a primeira coisa que pensou olhando praquela mosaico que agora refletia a própria imagem estilhaçada foi que era o retrato mais fiel dela mesma dos últimos tempos. talvez há mais de sete anos andasse tentando juntar as peças todas para descobrir-se figura composta. ficou ali parada um largo tempo como se o espelho quebrado fosse agora um portal de lembranças. memórias de conversas que ensaiava ter, das fomes que desejava saciar, do chão movediço que ainda pisaria - em outra hora ou era. era tanto pedaço partido, espedaçado que ela pensou que seus sete anos fossem durar talvez mais... sete? diante do azar, que se há de fazer? juntar ou espalhar? achou bonito se ver assim, em tantas formas. se era pequena era também grande. larga e estreita. olhou pro chão como se ainda houvesse tempo, como se a vida não fosse somente uma sucessão de prazos cumpridos e atrasos. saiu sem limpar o chão, deixou as lascas maiores do lado de fora, postas no muro. ainda tinha um coração bonito e, apesar das partidas, quis que outras pessoas vissem também seus cacos, que agora recortam o chão e anunciam: sete anos de azar.

## miniconto #5

as manhãs foram minhas ensinadoras durante aquele tempo. ainda são, mas naqueles dias em que eu podia viver o tempo da espera, que eu podia deixar que o curso da vida seguisse sem interrupções de alarmes, elas me ensinaram o milagre de esperar. eu acordava com o frágil ruído das pedaladas do menino e ia para a janela - o menino também era bom ensinador. eu, que detestava o início das manhãs sempre acompanhados da pressa, dos compromissos, das chegadas indesejadas, do horário marcado, aprendia a festejar o nascimento do dia pelos pés do menino. antes do sol, ele chegava com sua bicicleta verde e a camiseta branca velha. a camiseta quase nunca grudava no corpo do menino e era meu jeito de saber sobre o vento. ele cuidadosamente encostava sua companheira verde sobre a grama também verde - o menino sabia sobre os muitos tons possíveis aos nossos olhos. sentava no chão e como fosse ele o convidado mais esperado, autorizava o nascimento do dia. eu nunca consegui explicar, mas o menino ria para o dia nascer e, como resposta, o céu pintava tudo em amarelo. com a vagareza de um bicho que desconhece o que é ansiar o futuro, o menino se entregava ao dia e me ensinava o milagre de esperar. porque só naquele momento é que dava pra ver o universo todo tingido de uma cor sem nome e que atravessa tudo. de esperar que o sol veja o riso do menino e inicie a subida. de esperar o corpo ser preenchido de calor. quando voltei, eu trouxe o menino que agora acorda em mim e segue me ensinando o milagre: esperar é presente!



## ROMANCES COM AUTORIA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA CONSTITUEM UM QUADRO DE POUCAS OBRAS, UM QUADRO RAREFEITO.

Em minha pesquisa (2015-2019), arrisquei fazer um mapeamento preliminar para possibilitar uma visão panorâmica da cartografia da forma. Não localizei sequer uma centena de títulos, e encontrei apenas 14 autoras com romances publicados. Esse mapeamento já parte do princípio (esperança) da falha, isto é, de que existam muito mais obras e autores do que o que está visível neste momento. Oito dessas obras compõe a roda que costura minha tese de doutorado<sup>2</sup>, dedicada ao estudo de um conjunto de romances escritos por autoras negras brasileiras, em que teço um recorte temporal de 1859 a 2006, por serem estes dois anos paradigmáticos: o primeiro, porque funda o corpus, com o pioneiro Úrsula, o segundo, porque o assenta, com Um defeito de cor – destacando que desde o livro de Maria Firmina dos Reis, no século XIX, até a publicação da obra de Ana Maria Gonçalves, apenas 11 romances de autoras negras foram lançados no país. Mas, depois do lançamento de Um defeito de cor até o outono de 2019 (isto é, no período de treze anos) foram publicados 17, o que aponta, podemos conjecturar, um cenário futuro de caminhos mais abertos para a forma.

Deste corpo de romances emerge uma roda insurrecta, que lança palavra contra o silêncio a que a História relegou pessoas negras e suas narrativas de si, do outro, do mundo. Uma roda composta por um corpo textual que vem secularmente disputando significados perante conteúdos que formulam e interpretam o nacional, o passado colonial e a sociedade presente exclusivamente a partir do eurocentrismo. A roda engendra outras vias de significação para pensar, por exemplo, as relações de poder e as heranças que nos configura enquanto sociedade.

Textos que disputam narrativas desde o momento de formação das ficções de fundação. Disputam a narrativa de imaginação da nação e a narrativa da memória que seleciona o passado a ser lembrado, impondo-se ao arquivo pretérito que apaga o negro ou o mantém escravo. Disputa a História oficial enquanto projeção das elites dominantes, inscrevendo as temporalidades da experiência negra na narração da nação. Mas não só, evidentemente. Tece cotidianos, sumidouros, bifurcações.

### A TECNOLOGIA DA RODA

A roda é antes de tudo uma forma de leitura comparada, uma metodologia. O pressuposto da roda são as trocas, os atravessamentos daquele momento vivo. A roda é um prisma a partir do qual se pode pensar a literatura como experiência contemporânea de conexão e partilha, de comunidade. Na roda não há hierarquia, o centro é móvel, contingente, transitório. A roda é o avesso da torre. A roda não é lúdica nem está à parte, pelo contrário, pode gerar uma inteligibilidade oxigenada para lermos nosso tempo.

A roda nos abre caminhos. De entender e se movimentar. Cada personagem, tessituras cujos sentidos dialogam com o real – e com os imaginários – que nos atravessa(m) agora. Um corpus ficcional, do qual emerge um pensamento que nos atualiza acerca do conhecimento do passado, pois a memória é um chão comum nos romances, nos levando de volta à cena liminar da escravidão (Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, Negra Efigênia, de Anajá Caetano, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves), à cena difusa do pós-abolição (Água funda, de Ruth Guimarães, Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus, Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo), à cena fractal do contemporâneo permeado de fantasmas do pretérito (A mulher de Aleduma, de Aline França, As mulheres de Tijucoapo, de Marilene Felinto). Estes textos articulam continuidades num nexos enunciativo que abrange quase três séculos de confronto às narrativas que moldam a face da literatura brasileira sem dinamizar nela o seu princípio colonial. Isto é, afrontam a seletividade dos arquivos discursivos com os quais se tem imaginado a nação, porque impõe à essa imaginação o componente fundante que, contraditoriamente, é mantido soterrado (na literatura canônica):

## A TECNOLOGIA DA RODA<sup>1</sup>

POF FERNANDA R. MIRANDA

1 Uma versão maior deste texto foi publicada como ensaio de capa do periódico literário Suplemento Pernambuco. (<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capas/2289-a-roda-como-forma-de-ler-romancistas-negras-brasileiras.html>)

2 “Corpo de Romances de Autoras Negras Brasileiras (1859-2006): Posse da História e Colonialidade Nacional Confrontada” (Letras, USP, 2019). Publicada pela editora Malê (2019) com o título “Silêncios PrEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)”.

NEGRA EFIGÊNIA  
AIXÃO DO SENHOR BRANCO

anajá caetano



a experiência histórica do negro. Susana (Úrsula); Efigênia, do romance de Anajá Caetano; Kehinde (Um defeito de cor); Maria Vitória (A mulher de Aleduma); Rísia (As mulheres de Tijucopapo); Joana (Água funda); Ponciá (Ponciá Vicêncio): personagens de romances, numa roda. Pensando cada uma dessas mulheres de papel, vou imaginando conversas: ler é um ato vivo. Susana é a mais velha da roda, sua voz pavimenta caminhos e enunciações. Ela tem memórias intensas de sua vida na África, antes dos bárbaros a capturarem para ser escravizada no Brasil. Susana narra, sob o fluxo da água saindo dos olhos, aquelas outras águas, que lhe atravessaram quando sob elas passou dentro de um navio negreiro. Ela narra, e leitores do século XIX escravocrata puderam escutar assim: "Vou contar-te o meu cativo". A partir desse momento, um universo representativo foi instaurado na ordem discursiva.

Afiando suas facas sob o peso do colonial que empareda, Efigênia é só escuta e espera – pantera no procedimento, comunicando um cenário distópico e totalmente realista, em que a escravidão termina, mas as desigualdades e hierarquias perduram. A abolição no romance não representa uma mudança de fato para as pessoas negras, nada indica que o 13 de maio garantirá à comunidade ex-escrava a ascensão à cidadania e igualdade, ao contrário, o romance termina sugerindo que a consciência do homem branco é seria realmente transformada com a mudança oficial de regime político: liberto da condição de senhor, mas não do lugar de poder que essa posição lhe conferia, essa consciência do senhor de escravos irá sobreviver, de alguma maneira, transposta a outros homens (no pós-abolição) pela permanência da colonialidade.

Ponciá, gestando tantos elos rompidos, faz a ponte entre os tempos idos e as dores que paralisam hoje, realçando que evitar ou esquecer feridas históricas nos expõe a perigos, impedem a saúde do sujeito, da comunidade. Feridas que precisam ser fratura exposta, para depois de vistas, dar lugar à pele nova do futuro. Os círculos em torno dos quais Ponciá Vicêncio se enreda geram uma catarse que extrapola a personagem: a experiência das memórias que herdamos de nossos antepassados, articulada aos desafios do nosso próprio presente, é que pode descolonizar a vida.

Rísia andou por nove meses à margem da BR 101, que liga São Paulo a Recife, procurando no passado um futuro para nascer de novo, mas agora na placenta da revolução. Uma revolução interior, subjetiva, que envolve o retorno para a cena das "esculhambações" históricas que formam o sujeito no presente, e um mergulho na composição dos afetos, também eles, respondendo aos atravessamentos (de raça, gênero, classe social, geografia) que constitui a primeira pessoa da narrativa. O tempo, filtrado pela subjetividade da narradora, é um dos temas centrais da ficção. Passado e presente surgem como temporalidades amalgamadas, espirais, medi(a)das pelo sentimento, e pelos próprios fantasmas.

No caminhar da roda, corajosa e aguerrida chega Bitita, dizendo do que permanece, do que a abolição prometeu e depois ninguém sabe ninguém viu. Mulheres negras sendo presas sem razão (ou melhor, dentro de uma (ir)racionalidade racista) e a permanência do chicote – macro símbolo da opressão dos senhores de escravos. Carolina Maria de Jesus é uma intérprete da modernidade brasileira, uma fonte de água revolta. Suas narrativas nos ensinam a ler a sinonímia moderno/colonial, porém, não sem antes nos confrontar: Trouxeste a chave?

Sob o som dos tambores, inventando espaços no imaginário para a existência plena, eis que surge na roda Maria Vitória lá da ilha de Aleduma, um quilombo na Terra projetado por negros vindos de um planeta imaginário. Neste romance, o histórico é inscrito como deriva do real, antecipando linhas afrofuturistas na narrativa. A ficção, científica para alguns, surrealista para outros, projeta uma comunidade de destino transnacional, afropolita<sup>3</sup>, que se encontra e conecta por uma mesma linguagem oral e corporal, o Ijexá.

Kehinde, filha de Oxum astuta e criativa, vem na roda mostrar os desenredos de seus caminhos atlânticos. Cruzando vários mundos no romance, sua narrativa torna prescritos múltiplos silêncios, abrindo espaço para uma rede intrincada de relações, linhas de fuga, atalhos e curvas, tornando tudo mais fundo e complexo, lembrando-nos a todo tempo a necessidade e a força do arquivo. O romance constrói uma narrativa para o cotidiano de uma mulher negra em suas relações, transições, negociações, buscas, frustrações, alegrias, amores, enfim, enquanto sujeito que vive e resiste à morte (do corpo, da memória e da agência). Escrava,



alforriada, fugida e livre, Kehinde experimentou todos os estados em que no passado se categorizou a vida da pessoa negra, e em todo eles, produziu saídas e vias de existência.

Pelos seus conteúdos, o pensamento produzido nesta roda de romances retoma o passado e nos atualiza sobre o contemporâneo, ao elaborar de forma criativa a concepção de que no Brasil há uma lógica de poder atuante que sustenta ininterruptamente a colonialidade. Mas, se uma das ferramentas mais importantes da manutenção da ordem é o controle sobre o esquecimento de determinadas fendas, a sua enunciação na narrativa rompe o silêncio, propõe linhas de fuga, constrói a ruptura.

Retêm-se da leitura destes romances que a roda é substantivo espiral, produz um pensamento sobre o Tempo, sobre o que do passado permanece constituindo nosso presente, rareando nosso futuro.

Estes romances, visíveis e em circulação, interrogam o Brasil pela chave do que denominei espiral-plantation, seu paradigma mais durável, por isso convergem tanto com o contemporâneo, marcado pelo fortalecimento continuado dos mesmos círculos no poder, na repetição das mesmas engrenagens de opressão, no retorno a certo modus operandi já conhecido, nos retrocessos, em tudo que no nosso momento aquilata forças de caráter regressivo. No campo dialógico deste corpo de romances está composto narrativamente, isto é, com o mesmo padrão de tropos narrativo que molda nossa concepção de história<sup>4</sup>, a experiência/pensamento/perspectiva/existência do sujeito negro, a partir da qual outra narrativa do Brasil emerge – uma narrativa descolonizada. ■

4 Ella Shohat e Robert Stam. Crítica da imagem eurocêntrica – Multiculturalismo e representação. Tradução: Marcos Soares, 2006.

3 Taiye Selasi, "Bye-bye babar", 2005.

## VULGO LUAN

POR FORMIGÃO

SOB O SOL DE ESCORPIÃO  
MIL NOVECENTOS E OITENTA  
E UM ANOS  
PRA NASCER  
IMAGINO SEU ASCENDENTE  
NO PERSONARE  
LEÃO  
ERA DEMAIS PRO SEU QUINTAL

lua em touro pressentia o cheiro de couro  
ostentação quem não quer um conforto uns kit  
mais do que um nike no pé um pouco de luxo

di família mãe viúva vários filho filha tipo kilombo  
periferia uns tombo dakeles dia sobre viventes  
resistentes muleka sapeka era fogo no pavio sem  
parkinho foguinho tio na brinkadeira a rua era toda  
sua zika empinando pipa se pã descia ladeira de  
rolemã no sol dia inteiro futebol na eskola não kola  
mas komprar uns livro era difícil tem uns indícios  
né tênis maior ke o pé

não é a toa ke se tem um negócio ke noiz gosta é  
tênis

não kero me deter na pobreza espelho da minha  
quero pensar que o tênis maior que o pé  
é  
profecia

do grande sapatão preto ke seria

sem opção virou monstrão nas pistas aterroriza  
fechado kom as mina imagina várias fita cena do  
loko é poko ladrão não reintegração de posse fosse  
komo fosse não tinha medo não anos 90 pedra 90

adolescência rebeldia na essência ida seu time caiu  
vida do krime

155 y porte ilegal de arma atrás da muralha  
passagem febem foram várias  
uns dia guardado  
miolo de pão tortura  
prisão não tinha ke existir

o sistema mesmo com grades não controla sua  
revolta

luan tirou o A do nome de batismo  
simples assim  
navegar no mar da liberdade  
porke  
sapatão é ser humano  
sapatão é ser um mano

tinha uma gata  
ke gostava de luan  
por ser sujeito sapatão não sumiu depois da rua  
assumiu pediu direito à visita íntima porque era  
kasado

mas foi melhor sua esposa ke conheceu na kadeia  
ia ganhar a rua  
belamente versejou a poeta “ser feliz é  
fundamento preto”

o estado inimigo klamores é pelo direito ao gozo  
amores que a vida trouxe mesmo  
na privação de liberdade

rg não é identidade

um sapatão komum pike zum pela kebrada arrasta  
as plaka motoka envenenada um destake sotake  
do interior de bobo não tem nada camiseta de time  
diz ke é timão há kontrovérsias jão preto y branco  
gavião fiel não mais réu pipas no céu trabalhador



pelamor na busca do alimento labuta sem lamento  
 é luta lava-rápido garçom faxina y o som ke estala  
 lógiko é o rap fortalece o psikológiko não é pé di  
 breke negro drama várias dama nunca só ó mol  
 presença dá licença desenha churrasko resenha  
 evidências y eskrevivências estudando no eja  
 sonhando kortar kabelo tinha o dom nas tesoura  
 makininha us preto na estika kastelo era salão  
 futuro patrão não mais ódio mas ker o pódio mira  
 favela intelectual pago pau disciplina não vacila  
 responsabilidade na maternidade do filhão amigão  
 xará pode pá afilhado tipo filho aliado

os enquadro falso fado fardo tem malícia na  
 polícia não konfio fio raça do karalho

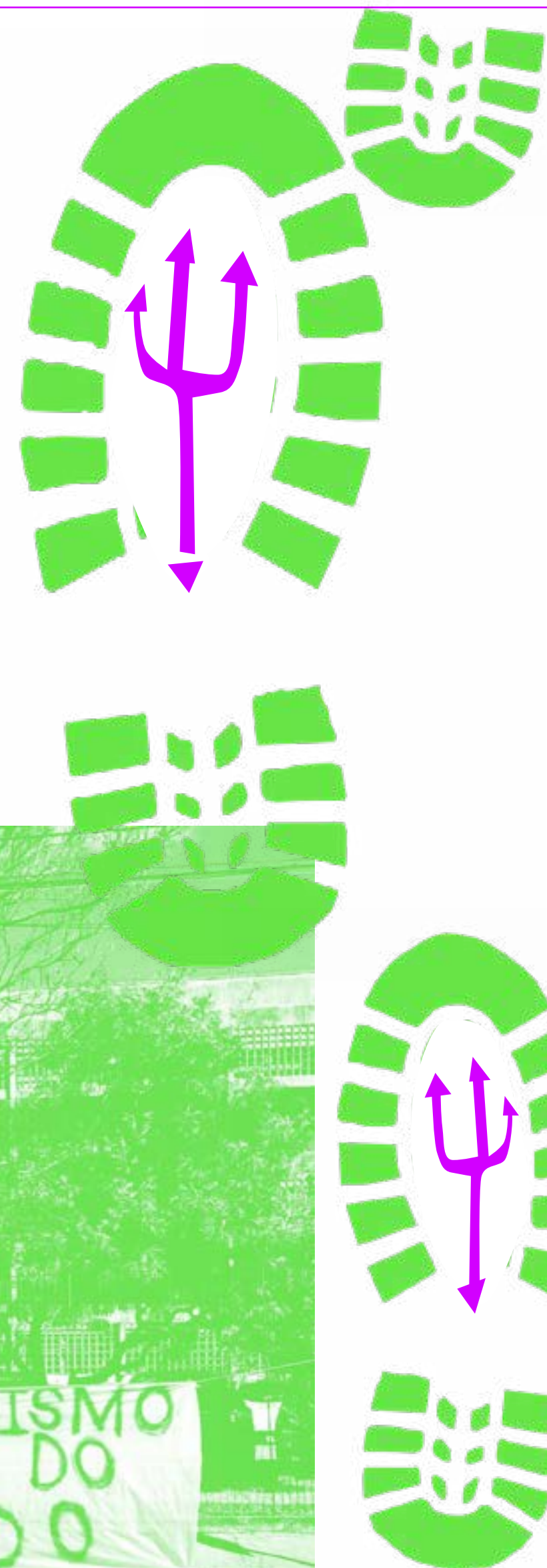
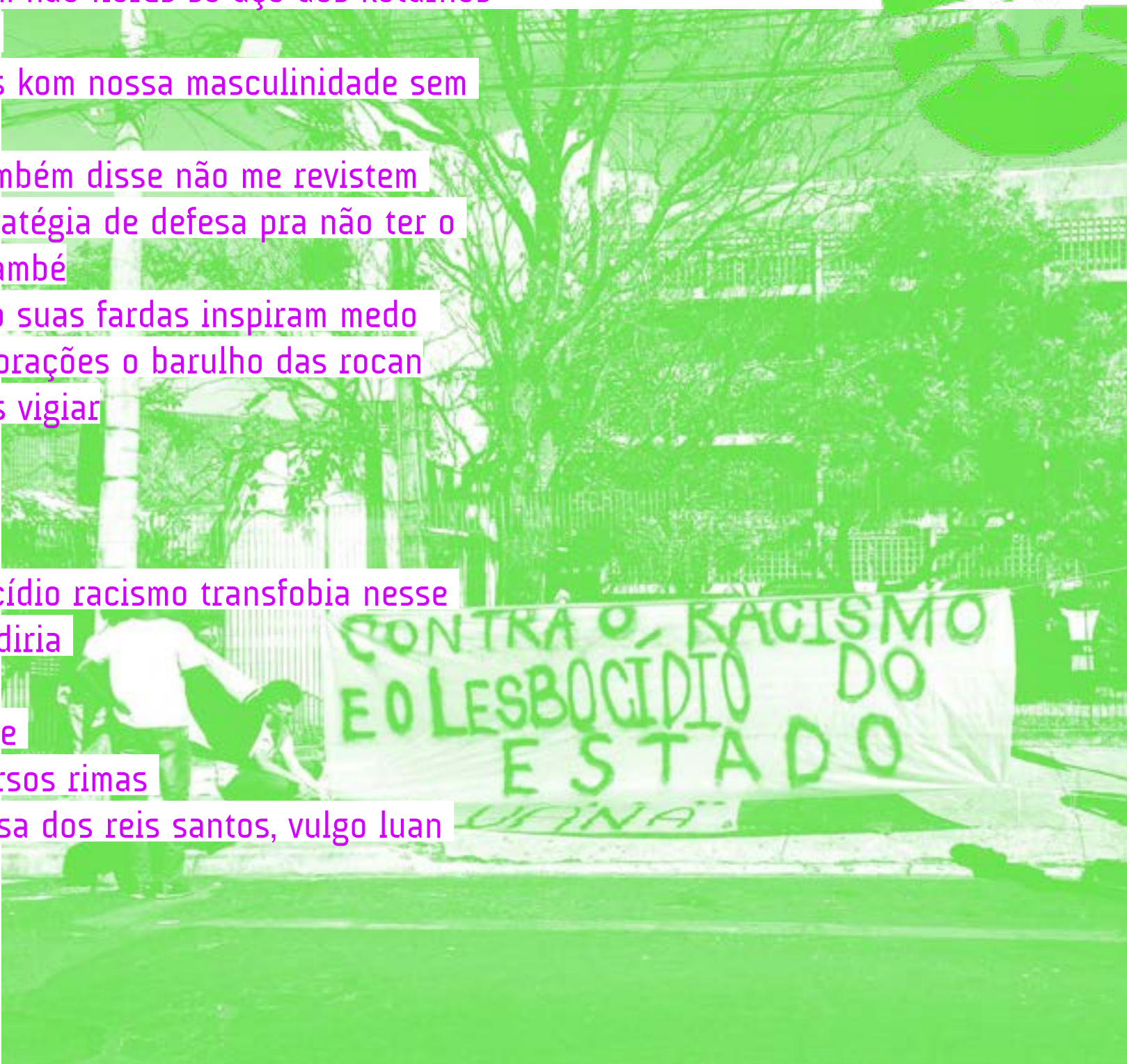
jardim paiva II tem não flores só aço dos koturnos  
 kacetetes fálicos  
 konfusos e irados kom nossa masculinidade sem  
 pênis

kuantas vezes também disse não me revistem  
 “sou mulher” estratégia de defesa pra não ter o  
 korpo tokado por gambé  
 mas não tem jeito suas fardas inspiram medo  
 rondam nossos korações o barulho das rocan  
 ainda estão a nos vigiar  
 arrastam vários  
 preto tipo a

lesbo-ódio lesbocídio racismo transfobia nesse  
 mesmo kor-po kem diria

aqui meu presente  
 em formato di-versos rimas  
 para luana barbosa dos reis santos, vulgo luan

por formigão

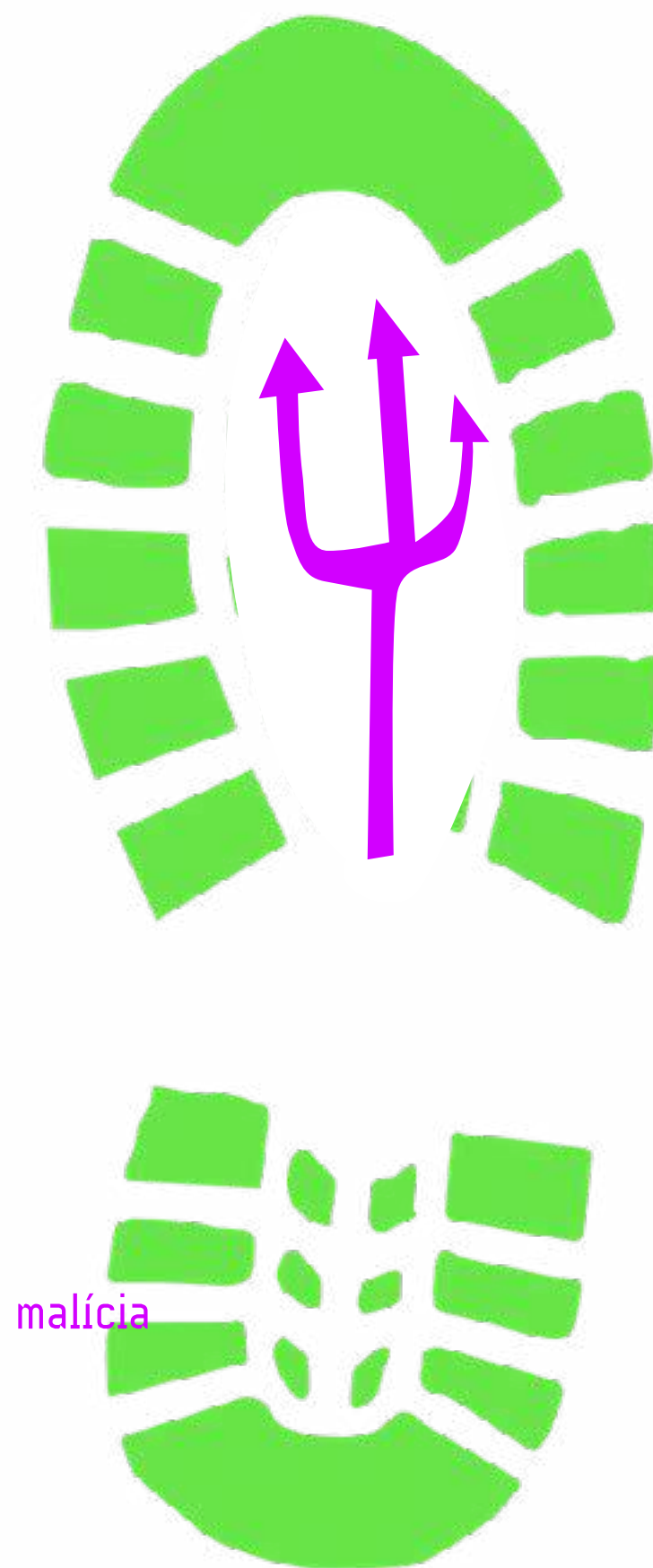


## TODO SAPATÃO PRETO É EXU

todo sapatão preto é exu  
 meu okani é um dildo  
 todo sapatão preto é exu  
 kuando minha mina goza eu ke vibro  
 todo sapatão preto é exu  
 meu kor-po inteiro é meu okani  
 todo sapatão preto é exu  
 passarim feito origami  
 todo sapatão preto é exu  
 muita gente tem medo de mim  
 todo sapatão preto é exu  
 algumas preta é a fim  
 todo sapatão preto é exu  
 vida cirkular  
 todo sapatão preto é exu  
 komo diria ifá  
 todo sapatão preto é exu  
 não sou demônio  
 todo sapatão preto é exu  
 mexo kom seu feromônio  
 todo sapatão preto é exu  
 nem ruim nem bom  
 todo sapatão preto é exu  
 meio amargo mas é bombom  
 todo sapatão preto é exu

fugindo dos botas  
 todo sapatão preto é exu  
 korrendo atrás das nota  
 todo sapatão preto é exu  
 merkado negro  
 todo sapatão preto é exu  
 dinheiro negro  
 todo sapatão preto é exu  
 vendo pó  
 todo sapatão preto é exu  
 vendo pó... esia e não só  
 todo sapatão preto é exu  
 minha vida é tesouro  
 todo sapatão preto é exu  
 valho mais ke ouro  
 negociando no merkado  
 todo sapatão preto é exu  
 rimando mando meu rekado  
 todo sapatão preto é exu  
 noiz não gosta de polícia  
 todo sapatão preto é exu  
 na humildade sem maldade sem malícia  
 todo sapatão preto é exu  
 eu gosto de komê  
 todo sapatão preto exu  
 farofa de dendê  
 todo sapatão preto é exu  
 sou fã do seu lindo bumbum  
 todo sapatão preto é exu  
 eu kero minha oxum  
 todo sapatão preto é exu  
 tô de brinkadeira  
 todo sapatão preto é exu  
 mas é lição verdadeira  
 todo sapatão preto é exu

por formigão



### notas

1 atenção esse poema foi  
 publikado na revista garupa em  
 maio de 2020 v.9 na seção abre  
 caminho. publikei komo formiga  
 hoje me nomeio formigão uma  
 virada na minha compreensão de  
 lesbianidade komo um sapatão  
 maskulino.

2 alguns versos foram mudando  
 de lugar em outubro de 2020.

### referência

<http://revistagarupa.com/edicao/sentinela/secao/abre-caminho/>

# POÉTICAS NEGRAS DO COTIDIANO

DE DANDARA KUNTÊ



FORMATO: VÍDEO PERFORMANCE  
(BRASIL-2021)  
DURAÇÃO: 13MIN E 55SEG  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

VÍDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

**TÍTULO:** POÉTICAS NEGRAS DO COTIDIANO  
**CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO:** DANDARA KUNTÊ

**SINOPSE:** O vídeo apresenta o trabalho solo da atriz, performer e poeta Dandara Kuntê, realizado durante a pandemia de COVID-19, na Praça da Sé, zona central da cidade de São Paulo, um dos lugares com maior concentração de pessoas morando na rua. Guiados pelos movimentos de seu corpo, caminhos sensíveis de presença e interlocução são apontados. A provocação é para refletirmos sobre a invisibilidade social da população em situação de rua em meio a crise sanitária e as poéticas que se sobressaltam ante a dureza da vida, para quem tem olhos de ver.



## A GUARDIÃ DE HISTÓRIAS

POR JENYFFER NASCIMENTO

COMO FALAVA A MULHER. TINHA ACABADO DE CHEGAR E JÁ TINHA SE FORMADO UMA PEQUENA PLATÉIA DE PESSOAS ENFEITIÇADAS, OUVINDO-A. ATÉ EU, QUE NÃO SOU DE ME RENDER FÁCIL, FIQUEI COM MEUS OUVIDOS HIPNOTIZADOS. COM O TEMPO FUI PERCEBENDO, NÃO IMPORTAVA QUE HISTÓRIA ELA ESTIVESSE CONTANDO, TUDO QUE ELA NARRAVA CRIAVA VIDA.

Na época, eu ainda tinha medo de bruxas. O que mais me intrigava é que as palavras começavam a dançar assim que saíam de sua boca, como se o som do saxofone invisível as fizessem rodopiar, uma atmosfera cosmogônica ia envolvendo tudo ao redor e quando me dava conta, estava acompanhando o bailado charmoso de seus enredos. Eu lembro da história da criança que ia nascer sem cabeça, um acontecimento terrível, nunca tinha ouvido falar numa coisa dessa. Naquele dia, quis sair correndo. Uma merda isso de ser medrosa, mas fazer o quê? Não conseguia parar de ouvir mesmo com o medo me consumindo.

O jeito de contar histórias dos homens eu já conhecia, cheio de valentias heróicas e bravuras imaginárias. Me dava uma canseira tão grande, superlativos cansam! Também não se pode exagerar nas mentiras, só quando é causo. A mulher? A mulher tinha uma coisa, um jeito dela de narrar que era enigma do começo ao fim, não tinha desfecho óbvio. Era pequena, mas tão ativa que me fazia pensar no jeito mulherístico de contar histórias. Já viu doido falando? Ela era doida e bruxa, mas tão sóbria. Nunca vi nada parecido. Como falava a mulher.

Quando ela some por uns tempos, sinto comichão no pé da orelha. Meus ouvidos pedem suas histórias. Soube que andava viajando por aí, colhia algumas histórias nos rios e pés de árvores, até no estrangeiro ela foi atrás das histórias que moram nas barrigas das montanhas, dizem que sentia os batimentos do coração da terra na planta do pé, ainda gostava de prosear com os peixes e pescadores. O melhor de tudo, sua volta.

Ano passado foi a primeira vez que ela veio e não contou nenhuma história. Nada. Precisava ver os olhos dela. Nós fomos avisados que a mulher estava passando por um momento difícil. Rezei para que não fosse loucura, porque ser doida não é igual a ser louca. Uma pirralha me cutucou, cochichou baixinho que era problema grave. Vistas distorcidas. Eu não estava entendendo, afinal, nem óculos ela usava. Fui pesquisar



sobre catarata, miopia, astigmatismo e soube que nenhum desses problemas era o dela. Mas se não falava, só podia ser lesão nas cordas vocais e não nas vistas.

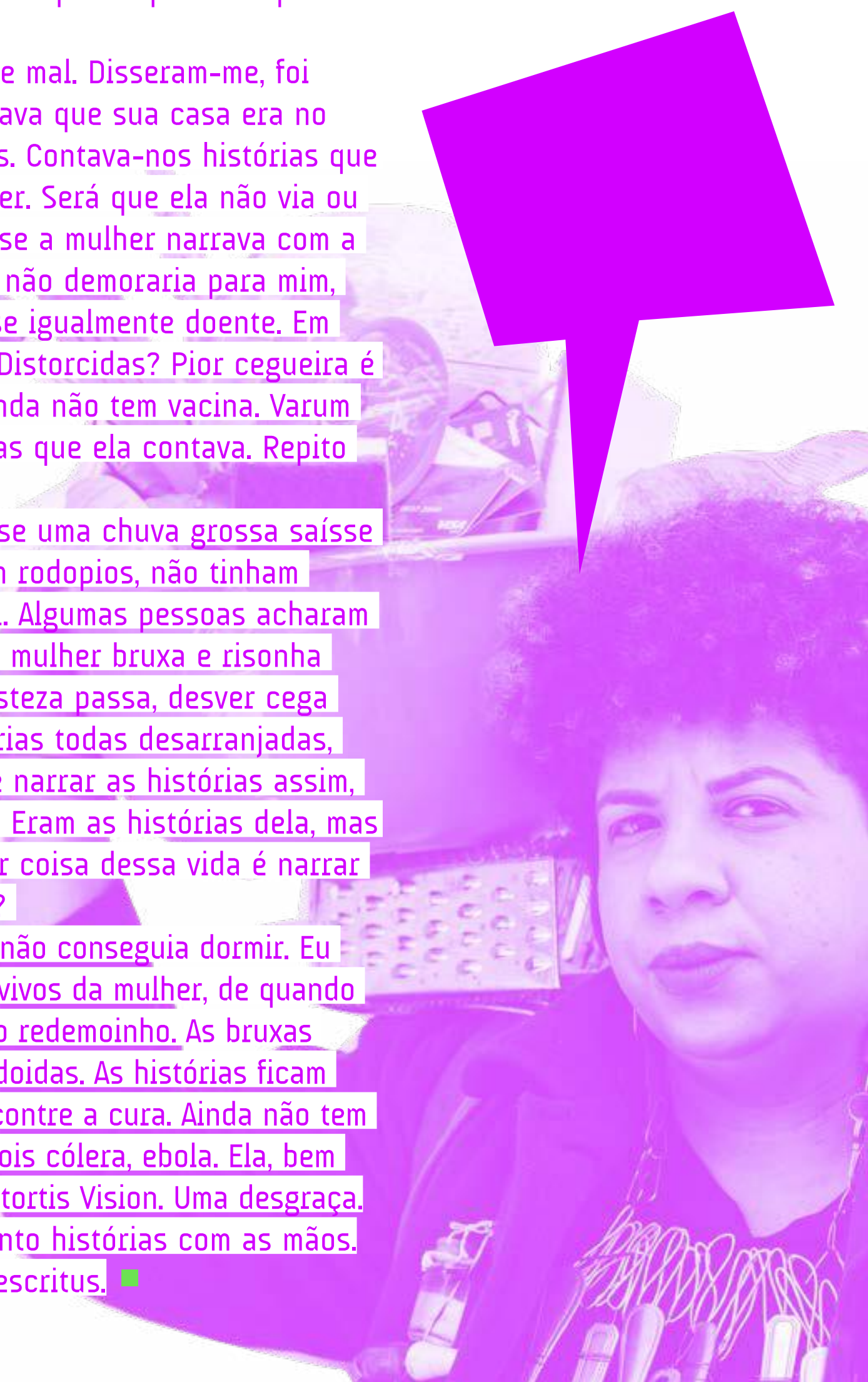
Ela era dona de todas as histórias do mundo e dona do jeito de contar histórias das mulheres daquele mundo. Comecei a ter muito medo da doença das vistas distorcidas. Será que ela pegou no ar? Ou comeu alguma coisa estragada? Encostou em algum lugar contaminado? Ou caiu no buraco e começou a desver? Que saudade da falação da mulher. A mulher ficava muda, mudinha da Silva. O pior era ver o quanto pesava aquele silêncio. O mundo sem as histórias da mulher, era desmundo.

Nunca pensei que um dia aquela mulher viria a sofrer desse mal. Disseram-me, foi quando ela teve que mudar de lugar que começou. Eu acreditava que sua casa era no mundo, mas havia uma casa que era guardiã de suas histórias. Contava-nos histórias que moravam nas paredes, eu lembro. Desver é diferente de não ver. Será que ela não via ou desvia? Eu comecei a pensar usando a inteligência. Ora veja, se a mulher narrava com a boca e, na verdade, falava pelas vistas – agora distorcidas –, não demoraria para mim, que escutava com os ouvidos, mas sentia com os olhos ficasse igualmente doente. Em pouco tempo, seria uma pandemia ou Ensaio Sobre as Vistas Distorcidas? Pior cegueira é não sentir. Rezo todos os dias para que encontrem a cura. Ainda não tem vacina. Varum Distortis Vision. Passo horas repetindo e repetindo as histórias que ela contava. Repito por medo de esquecer. Esquecer é pior que desver.

Acontece que um dia, a mulher voltou a falar. Falava como se uma chuva grossa saísse de sua boca, as palavras iam direto pro chão e escorriam sem rodopios, não tinham mais aquele encanto de redemoinho. Sacudi ela, não aguentei. Algumas pessoas acharam violento. Eu também achei, mas foi o desespero. Depois, outra mulher bruxa e risonha fez café e deu pra ela. A mulher risonha estava triste, mas tristeza passa, desver cega e emudece. Como falava a mulher. Começou a contar as histórias todas desarranjadas, distorcidas. Foi por isso que eu sacudi. Ela sabe. Não se pode narrar as histórias assim, turvas, enviesadas, ainda mais quando é sobre a própria vida. Eram as histórias dela, mas não era uma reescrita, uma re-fala, era envenenamento. A pior coisa dessa vida é narrar histórias com tom de desimportância. Eu hein! Onde já se viu?

Cinco e vinte da manhã. A história de quando o mundo todo não conseguia dormir. Eu tenho saudades da mulher, das histórias da mulher, dos olhos vivos da mulher, de quando suas palavras rodopiavam ao som do saxofone invisível fazendo redemoinho. As bruxas não podem se render à doença das vistas distorcidas, nem as doidas. As histórias ficam sem rumo, perdem o andar. Rezo todos os dias para que se encontre a cura. Ainda não tem vacina. Eu já tinha nascido e ouvi falar da varíola, rubéola, depois cólera, ebola. Ela, bem mais nova que eu, sem rugas. Como falava a mulher. Varium Distortis Vision. Uma desgraça.

Não sei contar histórias com os olhos, nem com a boca, conto histórias com as mãos. Como escrevia a mulher. Não sabia usar vírgulas. Delirium escritus. ■



# SOBRE MORRER

POR LUANA DE OLIVEIRA

QUANTAS VEZES VOCÊ JÁ MORREU? MINHA AVÓ COSTUMAVA DIZER QUE A GENTE QUE É POBRE JÁ NASCE MORRENDO. SE FOR MULHER ENTÃO, AÍ É QUE FICA PIOR: NASCE CULPADA E MORRENDO. EU CRESCI COM ISSO MARTELANDO NA MINHA CABEÇA.

O que seria pior? A culpa ou a morte? Até hoje não sei. A primeira vez que senti a morte ela veio fantasiada de amor e proteção, talvez por isso tenha conseguido apagar o brilho da alma e cortar a carne. Nenhuma gota de sangue foi derramada. Sou uma mulher forte! É assim que eu ouço, primeiro de mim, depois de outros e outros e outros... Primeiro de outros e depois de mim. Tenho dificuldade de assimilar o mal. Talvez porque ele sempre tenha vindo de dentro, da casa, da família, do amor. Quando era criança gostava de brincar de cuidar. Cuidava da casa, dos irmãos, dos primos, preparava jantares surpresa para minha mãe. Uma vez preparei arroz e salada de ovo cozido com batata. Perto da hora dela chegar, apaguei as luzes e acendi duas velas. Em nossa casa tinha muitas velas brancas, coloridas. Para o santo sempre havia uma acesa. Foi a primeira vez que ela trouxe uma pizza. Uma das noites mais felizes!

Na casa velha repleta de rachaduras, o chão era de cimento queimado, aquele que chamam de vermelhão, brilhando da cera em pasta, aplicada com meias usadas e lustrado com uma blusa de lã cinza. Telhas furadas, janela de madeira fechada com tramela e porta de papelão. O banheiro sem reboco com a porta de entrada do lado de fora da casa servia de abrigo para as lesmas e, em dias de chuva, abrigavam-se ali também a Titita e a Preta. Uma vez elas brigaram feio. Titita perdeu um dente e a Preta ficou sangrando. Choramos muito. Foi difícil apartar a briga. Minha mãe gritou, jogamos água, colocamos um cabo de vassoura entre as briguentas, mas nada funcionou. Só pararam quando já estavam exaustas. Aquilo durou mais de meia hora contada de relógio!

Durante uma semana tomamos banho de caneca e comemos a luz de velas. A eletricidade foi cortada. Havia um punhado de contas acumuladas. Nos divertíamos queimando fios do nosso cabelo na chama acesa. Os dias passaram rápido. Na noite em que a luz voltou, assistimos Tieta. Ah Tieta! Gostava de sua ousadia e coragem, mas também me divertia com o conservadorismo de sua irmã Perpétua, que guardava numa caixa o órgão genital do marido falecido. Lembro-me de uma cena dela, no fundo de um ônibus, segurando a tal caixa. Eu era criança e não entendia muito bem aquilo, mas imaginava que coisa boa não havia de ser. Havia um ar de mistério nas cenas com Perpétua e a caixa misteriosa. Naquele tempo as novelas eram a principal forma de entreter as famílias brasileiras, especialmente as mais pobres como a nossa. Minha mãe só conseguia assistir aos capítulos às quartas-feiras. Nos outros dias tínhamos



## MÃE

AUTORIA: PRISCILA OBACI

REVISADO EM PORTUGUÊS POR: MAITÉ FREITAS E PRISCILA OBACI

Mãe é um lugar que a gente nunca devia sair de dentro  
Da quentura e sombra necessária para as ideias germinarem...  
Mãe é uma terra firme que impulsiona o vôo e depois se abre em colchão bem fofo para quando quebrada a asa, nosso rosto ainda sentir seus beijos  
Quanto mais somos galhos crescentes em direção ao Sol, nos afundamos nela  
Mãe é raiz forte que vitamina a vida  
E quando o mundo diz NÃO, em seu ventre há sempre SIM  
Sinceridade que nunca acaba para aterrar  
Mãe é o lugar que a gente corre toda vez que tem medo

O coração dela é uma célula de amor que se multiplica e vira quantos corações a gente precisar, para seguir com coragem  
Ela é sempre um olhar além do alcance, que vê a pedra como uma pedra e não como muralha  
É sempre renascimento  
Chuva quando está tudo seco  
Sol de novo  
Amanhã  
É Lua no mistério de ter resposta para tudo  
Mãe é um aconchego que tem o balanço do mar e cheiro de entardecer  
Uma rede que embla seu sono, quando a cabeça está ligada na confusão  
É uma respiração profunda que preenche tudo de serenidade e paciência  
É a eternidade, amor que não finda  
E luz...

Mãe é Dar luz quando tudo parece perdido...  
E não adianta se fingir de forte, ela sempre sabe quando algo se quebrou...  
Só quando somos Mãe também entendemos...  
... somos sempre parte dela...  
Por isso quando queremos nos sentir Todo, é para debaixo do seu olhar que corremos...  
E mesmo quando ela não está mais em matéria, se faz presente em sonho e memória...  
Poema de Mãe não tem fim, Ela sempre vai te surpreender com uma nova possibilidade de ser generosidade e amor...



## DEUSA DE MIM MESMA

Grandes senhoras ancestrais, vou mergulhar em suas águas  
Naná, me enraíze em feminino  
Traga sua força portal da vida e da morte  
Eu vou parir meu renascimento  
Oyá, vente todas as mortes para o Orum  
Eu vou parir a vida  
Obá, me mantenha firme até que eu vença a mim mesma  
Eu vou parir a minha vitória  
Oxum, me acolha em seu grande ventre, me banhe de auto amor  
Eu vou parir  
Ewá rainha das águas nascentes, transforme todas as dores em alegria  
Eu sou o ciclo, a espiral  
O tempo que não finda

# BASTA

Eu não sou tolerante a dor  
 Eu sei navegar na dor  
 Ela sempre foi o meu mar  
 Eu sou muitas  
 Yemanjá, Odoιά  
 Eu me entrego as águas ancestrais  
 Em cada onda me deixo ir e vir  
 Cesárea não  
 Eu vou parir

Entrego meus filhos ...  
 ... as minhas filhas...  
 a um mundo que vos odeia  
 Eu estou aqui para amar, reinventar

Parteira é para preta  
 Cuidado é para preta  
 Carregar é de lá, é de África  
 Eu sou descendente de ventre indígena  
 Eu sei parir  
 É para preta parir  
 É para preta cuidar  
 É para preta maternar

Eu vou parir por todas as mulheres pretas que não puderam cuidar dos seus filhos  
 Eu vou parir por todas as famílias pretas que foram separadas  
 Eu vou parir por todos os pretos que serão revide  
 Por todas as pretas que serão resistência e leveza  
 Eu vou parir sem sua mão  
 Ninguém mais vai me parar  
 Eu vou parir

AUTORIA: PRISCILA OBACI  
 REVISADO EM PORTUGUÊS POR: MAITÉ FREITAS E PRISCILA OBACI

Sai daqui  
 Sai daqui jaleco branco  
 Eu não quero mais que você seja dono do meu corpo  
 Eu sou dona do meu útero  
 Eu vou parir por cada criança lançada ao mar  
 Eu vou parir por cada ventre arrancado de mulher preta  
 Eu vou parir por cada jovem negro morto pela polícia  
 Eu vou parir por cada parte que você arrancou do meu corpo  
 Eu vou parir por cada filho de estupro

Eu vou parir por todas ancestrais  
 Eu vou parir banhada de ervas  
 Eu vou parir rodeada de mulheres  
 Mergulhada em sabedoria que inunda cada poro da minha pele  
 Eu vou parir  
 Eu vou parir  
 Eu vou parir

Meu ventre será livre  
 Não pelas suas palavras malditas escritas ao vento  
 Eu vou parir o meu caminho

Eu vou parir com meu corpo templo  
 Eu vou parir consagrando a vida  
 Saia do meu caminho  
 Saia do meu caminho  
 Saia do meu caminho com essas ferramentas  
 Saía do meu caminho com seu racismo  
 Saía do meu caminho com violência obstétrica  
 Saía do meu caminho  
 Eu estou passando  
 E comigo tem uma multidão de mulheres  
 Elas estão sabendo de tudo  
 Não  
 Eu digo não

Eu vou parir

E me consagrar  
 Deusa de mim mesma

Ventre espiral

Somos a insistência  
 A resiliência  
 A curva que não indireita  
 A vida que não seca  
 Rio que deságua  
 Pretas Cachoeiras

Nosso ventre é condenado a pena de morte  
 Na contramão  
 Somos a rebelião  
 A desobediência  
 E parimos nossa sorte

Há medo  
 Mas há esperança

É arma apontada o tempo todo na nossa cara  
 Coração que pára de bater  
 Mas nosso legado está garantido  
 80, 111, milhões de tiros todos os dias  
 E eles não entendem , como ainda estamos aqui  
 Vivas e procriando

Jogo é xadrez  
 Branco matando Preta  
 E nossa Rainha esbanja altivez  
 Chorosa  
 Mas de coluna ereta  
 A cada criança Preta que nasce  
 o mundo torna a girar

# ORAÇÃO DA MÃE POSSÍVEL

Eu me liberto de todas as promessas que fiz na gestação  
Aceito usar fraldas descartáveis  
Não estar feliz sempre  
Querer jogar tudo para o alto e sair correndo sem direção

Eu me liberto de cozinhar todo dia  
De não ter a casa impecável  
De às vezes não ter roupa limpa

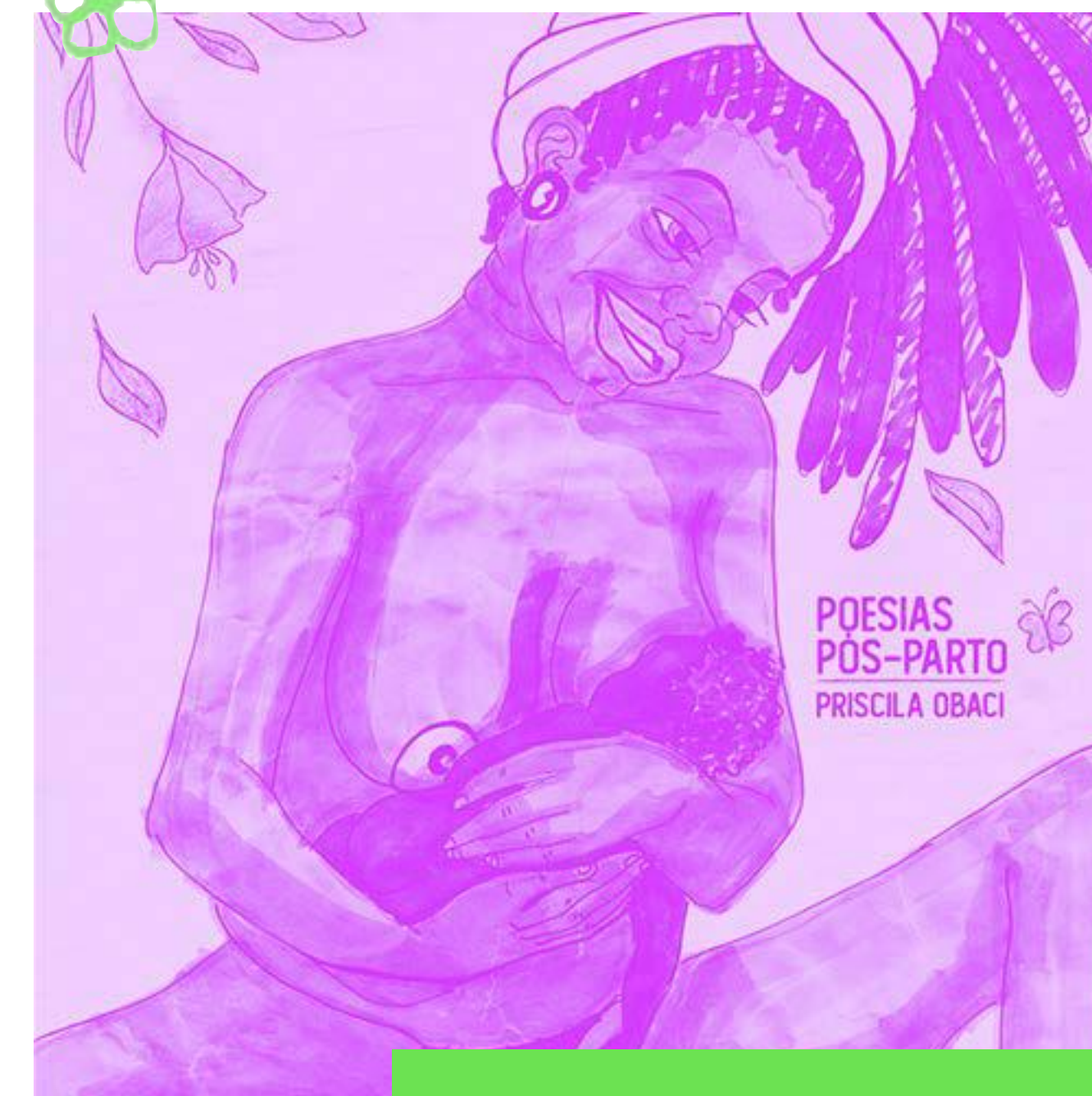
Eu me entrego ao choro dele porque também não sei sempre o que fazer  
Me liberto de ter resposta pra tudo  
Estar no controle e deter o poder

Estou absolvida de todas as prisões que eu mesma me fiz  
Quando nem sabia um triz de como tudo seria  
Eu aceito as vezes não ter paciência e querer guardar meu peito quando ele quer mamar  
Dizer Não também é amar

Eu agradeço todas as vezes que não sou forte  
Que me deixo ser cuidada  
E deixo de lado um pouco aquela "Guerreira" que toda Mulher Preta tem ser o tempo todo  
Eu aceito a Mãe que eu posso ser hoje  
Agradeço a de ontem  
E o abraço a que está por vir ■

AUTORIA: PRISCILA OBACI

REVISADO EM PORTUGUÊS POR: MAITÊ FREITAS E PRISCILA OBACI



TEXTOS DO LIVRO “POESIAS PÓS PARTO” (2020), PUBLICADOS PELA EDITORA ORALITURAS.

Sobre a obra: Poesias Pós Parto - É o resultado de uma vivência-pesquisa-observação de quatro anos de Maternância Preta e Periférica. Essa jornada é escrita em 40 poemas, se fazendo um livro-abraço para mães e comunidade de apoio. Um manifesto artístico que traz leveza, força e respiração para o puerpério.

# VENTRE ESPIRAL

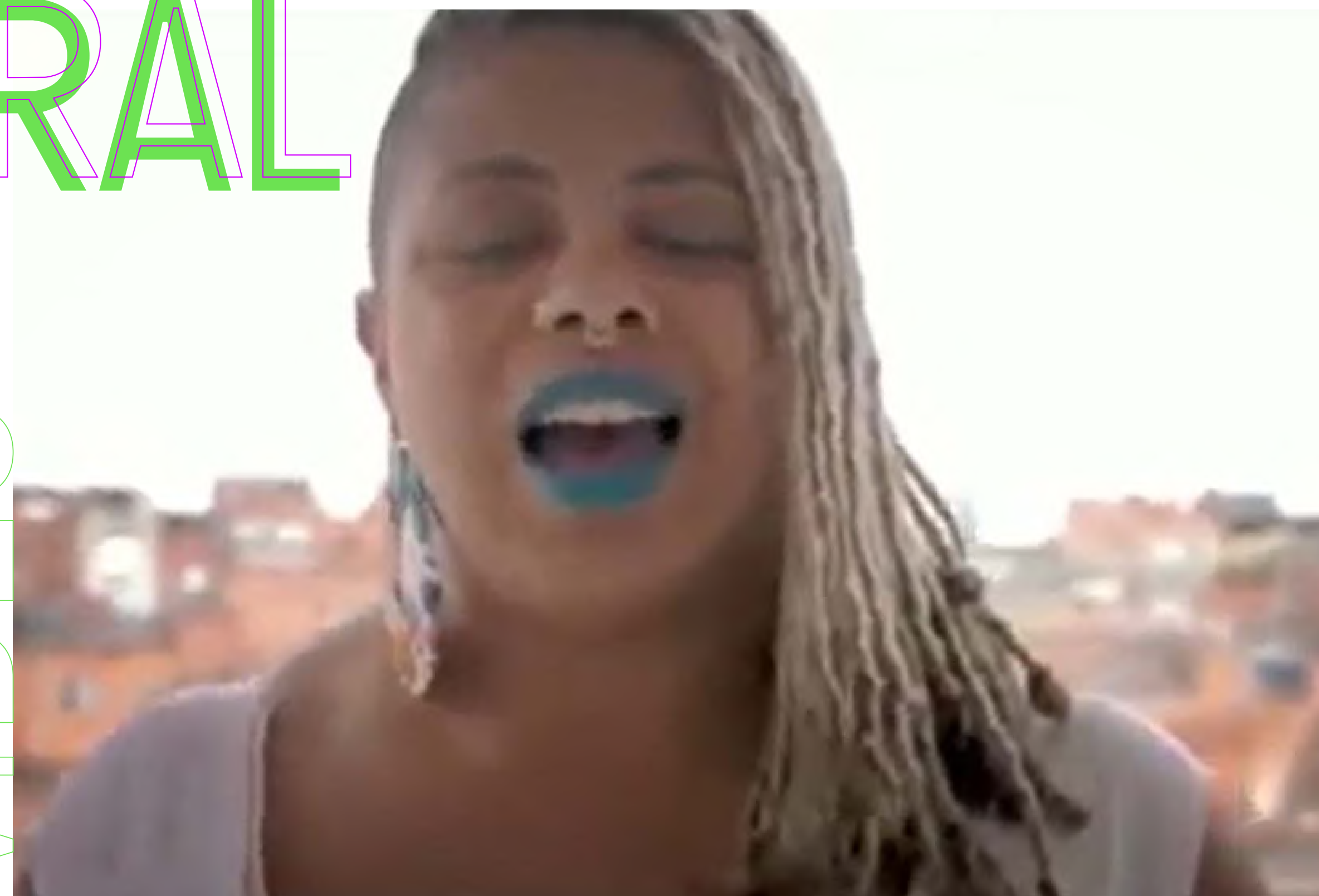
DE PRISCILLA OBACI



<https://youtu.be/ztHnvjhiJto>

FORMATO: VÍDEO POEMA (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: 1MIN E 10 SEGUNDOS  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
LEGENDA: PORTUGUÊS/INGLÊS

VÍDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA, RECOMENDA-SE  
OUVIR COM FONES DE OUVIDO.

TÍTULO: VENTRE ESPIRAL

TEXTO E INTERPRETAÇÃO: PRISCILA OBACI

PRODUÇÃO: FLUXO IMAGENS

SINOPSE: A poeta, escritora e atriz Priscila Obaci, interpreta “Ventre Espiral” dando vida, corpo e voz ao poema de sua autoria, em um cenário cuidadosamente escolhido, revelador de seu pertencimento ao território. Ampliando sentidos de gestar e parir é o que nos propõe esse texto, extraído de seu livro “Poesias Pós Parto” (2020), obra publicada pela Editora Oralituras, resultado de uma vivência-pesquisa-observação de quatro anos de maternância preta e periférica. Um manifesto artístico que traz leveza, força e respiração para o puerpério.



BOTECO É BAR, ESPAÇO DE ENCONTROS, DE SE ACHEGAR, COLOCAR A CONVERSA EM DIA, RELAXAR, SE DIVERTIR, INTERAGIR, DESANUVIAR. LUGAR DE MOLHAR AS PALAVRAS E FAZER ECOAR NO VAI E VEM DAS VOZES EMBRIAGADAS DAS RUAS. TERRENO DE PLANTIO ONDE NOS JUNTAMOS PARA SEMEAR OUTROS MUNDOS, CULTIVAR TECNOLOGIAS ANCESTRAIS, COLHER SONHOS COLETIVOS E GERMINAR OUTROS ESPAÇOS DE CUIDADO E FORTALECIMENTO EM REDE. (BOT)ECOS É UM AJUNTADO DE DIFERENTES IDEIAS E FRAGMENTOS QUE CRIA POSSIBILIDADES DE SER E ESTAR NO MUNDO.

# BOTECOS









## POR UMA SOCIOLOGIA DO TEATRO NEGRO FEMININO DAS CAPULANAS: INDÍCIOS E PERCURSOS\*

POR ADRIANA PAIXÃO



**CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA TEM SE PAUTADO EM UMA INVESTIGAÇÃO SOCIAL E CRIAÇÃO ESTÉTICA EM QUE AS MULHERES NEGRAS SEJAM TEMA E PROTAGONISTAS, INSTIGADAS A BUSCAR COMPREENSÃO DE TAL PERCEPÇÃO DO RACISMO E DA DOMINAÇÃO DE GÊNERO.**

A aparente ausência feminina negra no meio artístico brasileiro nos leva a fatos já constatados por outras gerações. A busca, localização e recomposição da história sociocultural do teatro negro brasileiro, em sua expressão feminina, tem nos colocado diante da produção do silêncio e da invisibilidade de figuras de impressionante ação, mas que, no decorrer dos anos, pouco a pouco, tiveram suas memórias apagadas, no processo de construção das narrativas, inclusive daquelas que se pretendem contraponto ao racismo institucional.

Ao identificar as narrativas femininas negras e localizar outras referências históricas e artísticas para nossa criação e poética, compreendemos que houve, e há, muitas mulheres negras na produção teatral, mas suas produções são invisibilizadas. É possível perceber, tendo como referência o que Michael Pollack chamou de “memórias subterrâneas”, que há uma memória oficial hegemônica que pode ser confrontada com memórias não reconhecidas e subterrâneas.

São Paulo é uma cidade cuja produção cultural é variada e rica. Grupos e escolas públicas e privadas de teatro encontram-se enraizados na

\* Texto publicado no livro “Negras InsUrgências Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas, teóricas e práticas”, São Paulo. 2018  
Cia Capulanas de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Organizadores)



cidade que tem sociedades de representação de vários setores profissionais da atividade teatral. A Secretaria Municipal de Cultura possui a maior rede de casas de espetáculos teatrais da América Latina. Além disso, há também instituições que fomentam e incentivam a produção teatral e, nos últimos dez anos, surgiram inúmeras casas privadas de espetáculos na área central da cidade. No entanto, o acesso a esses espaços é profundamente demarcado por raça e classe, e esses equipamentos culturais estão situados em áreas centrais e bairros nobres. Negros e pobres são, em sua maioria, artística e culturalmente excluídos das políticas públicas de cultura.

Mulheres negras estão presentes no seio da constituição histórica, social e econômica do Brasil, mas submetidas à dominação de gênero/etnia;

seus esforços são soterrados a fim de inviabilizar a continuidade de suas práticas autônomas e aguerridas.

A sociedade brasileira sofreu inúmeras mudanças políticas, sociais, culturais; a própria linguagem teatral passou por muitas inovações. Nos anos 1940, o engajamento de intelectuais e artistas negros estava bastante restrito a pequenos grupos situados em São Paulo e Rio de Janeiro. A produção teatral profissionalizada, quase exclusivamente, voltava-se para o consumo cultural de setores das elites urbanas, brancas em sua maioria.

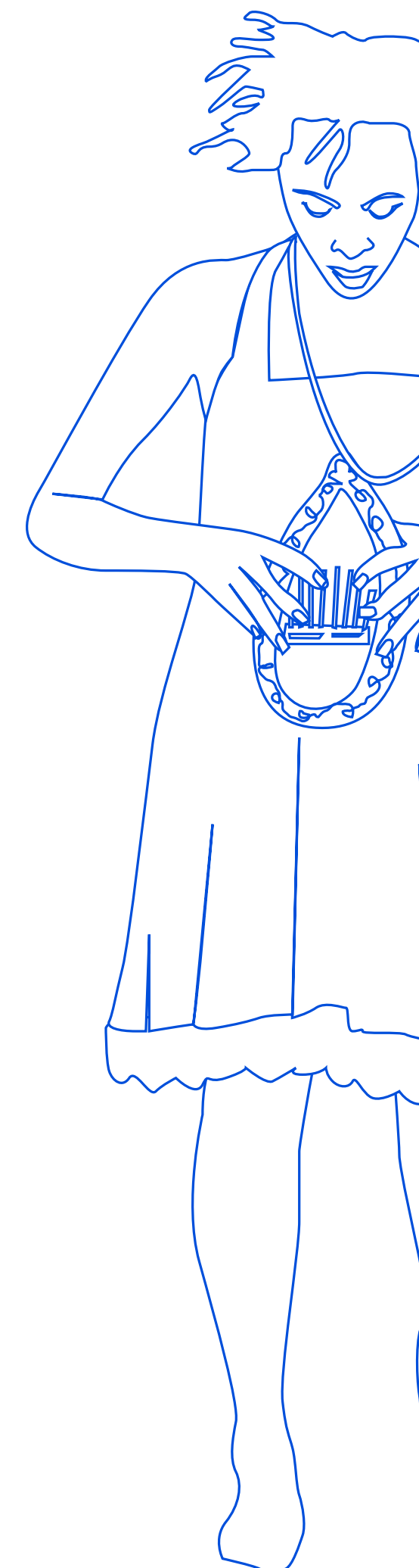
Entende-se por teatro negro um conjunto de produções culturais que usam a linguagem da escrita e oralidade, dramática e teatral, combinando corporeidade, gestualidade, visualidade, musicalidade e representação para compor quadros fictícios da vida social, enredadas com personagens predominantemente

negros - cujos traços étnicos e culturais podem ser remetidos às Áfricas, tanto ancestral, quanto histórica, e/ou aos africanos e seus descendentes nas Américas. Uma arte que comunica conteúdos simbólicos e recompõe imaginários dos descendentes de africanos e suas culturas residuais no “novo mundo” ou mesmo na Europa.

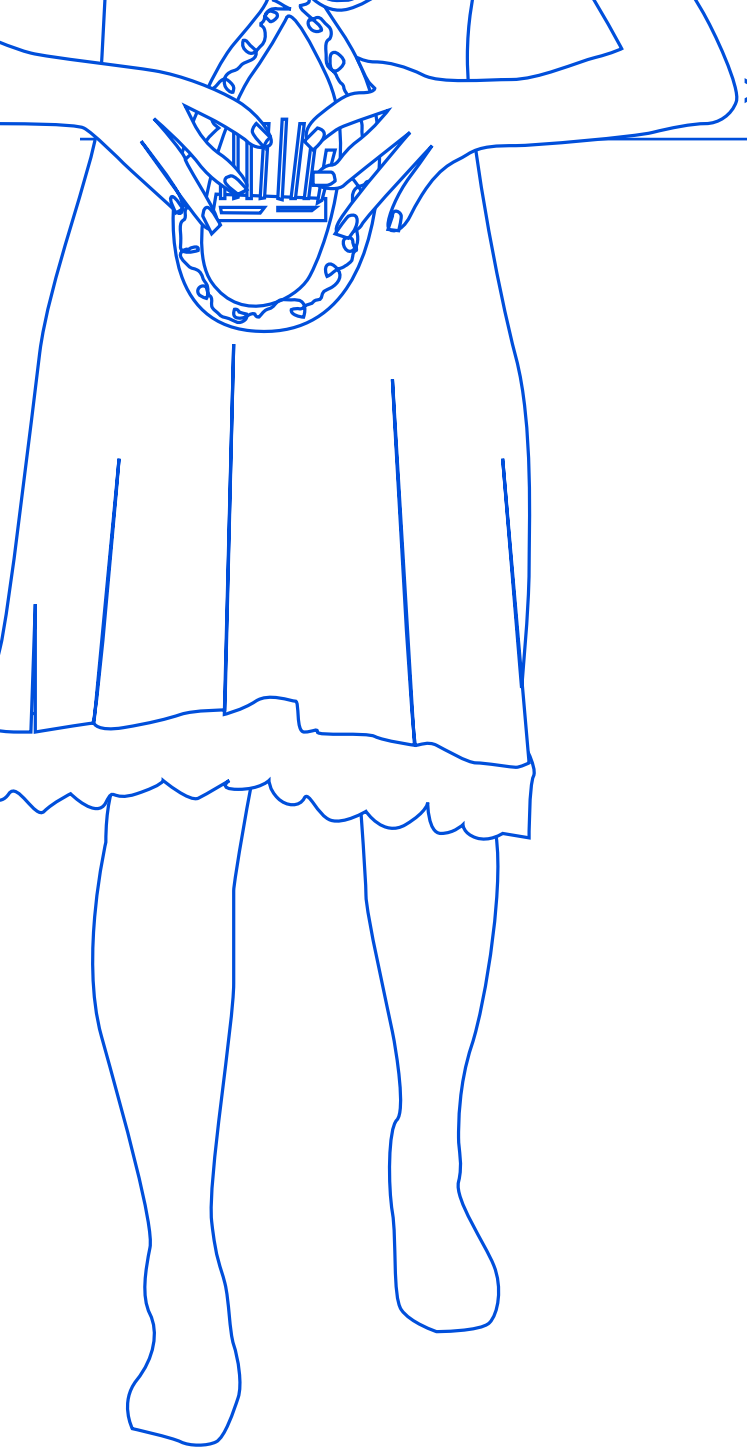
Segundo o historiador e orientador das Capulanas, Salloma Salomão Jovino da Silva (2015, p. 95), o teatro enquanto linguagem artística, tal como conhecemos, é uma criação ocidental. Operada por negros - a partir de referências específicas das civilizações africanas, dos contatos da diáspora, da experiência da escravidão e do racismo antinegro -, converte-se não em um subteatro com corpos negros e conceitos ocidentais, mas em um antiteatro, instaurando um deslocamento da hegemonia cultural e artística do poder racial. A dramaturgia e o teatro negro podem ser considerados étnoteatros, a medida em que seus agentes reivindicam uma linguagem, com conteúdo e formas específicas.

A presença de africanos nas Américas, de forma geral, foi condicionada pelo tráfico de pessoas. Ainda assim, as culturas negras na diáspora comprovam uma diversidade de experiências, soluções práticas, resoluções filosóficas e estéticas que atestam algo que autores como Joseph Ki-Zerbo, Carlos Serrano, Elikia M'Bokolo, e outros tantos, já haviam ressaltado: a unidade e diversidade das culturas africanas.

A localização das situações em que houve efetiva quebra dos processos sociais de dominação e adoecimento encontra respostas na ancestralidade. A emergência de uma leitura sobre a origem africana atemporal e mítica, contraposta às memórias de luta e resistência, por algum momento pareceu ser capaz de nos ajudar a refazer nossos







contexto porque, primeiramente, há um acúmulo que pode ser visitado, discutido e superado. Além disso, o maior índice de escolarização e ativismo social e político dessas mulheres, muitas vezes as primeiras com curso superior em suas famílias, possibilitou que adquirissem habilidades, técnicas e saberes que as capacitaram para compreender de forma crítica sua condição, assim como o contexto de produção de sua linguagem artística.

Os discursos corporais, imagéticos, poéticos, textuais e gráficos trazem as dimensões presentes nas estéticas negras anteriormente apresentadas. Corporalidade é um conceito a partir do qual as representações são reconfiguradas como experiências históricas, princípios filosóficos, saberes ancestrais.

A oralidade tem sido um elemento centralizador do processo criativo. Para Hampaté Bâ, na tradição africana, a oralidade assume valor imensurável, é um vínculo com o ancestral, permite a transmissão do conhecimento, da arte e da espiritualidade, adquirindo valor sagrado e ritualístico; “a tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrado no sentido ascendente”<sup>1</sup>. Na sociedade contemporânea urbana e brasileira, a palavra é vista como algo arcaico e ultrapassado. Aqui, qual é o lugar da oralidade de matriz africana?

A cultura escolar é, de modo geral, responsável pela introdução da escrita na vida da população e tem sido, ao mesmo tempo, um fator importante de manutenção das desigualdades históricas e estruturais, alimentadas pelo racismo antinegro e anti-indígena no Brasil. Rejeita-se a cultura oral, alimentando-se por ela o desprezo, e perpetua-se a exclusividade da escolarização. As formas orais negras são recuperadas justamente em função dessa tensão entre a normalização cultural escrita e a

marginalização escolar da população negra.

A Cia Capulanas constrói seus repertórios bebendo simultaneamente nas fontes orais presentes nos espaços negros de sociabilidade, e acessando as tecnologias de combate ao racismo, construídas pelos movimentos negros, como escrituras, peças teatrais, estudos e monografias disponíveis em várias plataformas. Rompem também o silenciamento imposto às mulheres negras nesses espaços, instaurando outras perspectivas.

Um dos primeiros elementos de autoafirmação da negritude passa pela valorização e reconhecimento da imagem, processo que na maioria da população negra é deteriorado e forjado como aspecto negativo.

A exclusão social das mulheres negras nos coloca em condição de subalternização, com vidas marcadas por referenciais definidos por uma sociedade racista e machista.

Historicamente, a partir de ideologias complementares e cruzadas, a representação negativa da imagem da mulher é um fato incontestável. Quando se considera as mulheres negras, a situação é muito mais grave: elas ocupam o último lugar nas hierarquias sociais. Essa condição de dupla dominação de sexo e raça, já nos anos 1970, era denunciada e conceitualmente elaborada por intelectuais como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzales. A imagem social depreciada da mulher negra foi sedimentada na expressão literária, teatral e principalmente na mídia televisiva. A construção do lugar social da trabalhadora doméstica, apesar de coincidir com a realidade de muitas mulheres negras, fixava para elas um lugar abaixo do rés de chão.

Capulanas em suas criações artísticas propõe a articulação de um discurso visual imagético constituído a partir dos imaginários africanos e afro-brasileiros, reconhecidos culturalmente pela população negra, figurados em objetos e materiais que se destacam no mundo doméstico das famílias negras, por meio das

folhas e raízes, cabaças e alimentos, cumbucas e adereços de tradição dos espaços religiosos, cores associadas às entidades e divindades africanas. Trata-se de uma teatralidade referenciada na abertura de caminhos, para uma nova percepção, ao fazer emergir do silenciamento as trajetórias de vidas marcadas pela violência física e simbólica perpetrada pelas formas de dominação de gênero e raça presentes na formação sócio-histórica do Brasil. As peças e suas montagens envolvem questões relativas a vários níveis da saúde, imagem e subjetividades da mulher e das mulheres negras, frisando as suas especificidades históricas e culturais, o que só é possível com a recuperação dos saberes e memórias específicas do mundo feminino e da noção de ancestralidade africana. Pretendemos, assim, alcançar a reinscrição das experiências afro-diaspóricas especificamente femininas. ■



<sup>1</sup> HAMPATÉ BÂ. *A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África*. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/Unesco, 1980, p.181-218.

# A EXPERIÊNCIA DE COLETIVO DE MULHERES: MULHERES EM CÍRCULO

POR ANABELA GONÇALVES

SEMPRE TIVE MUITAS MULHERES À MINHA VOLTA. FUI CRIADA PELA MINHA MÃE, POR AMIGAS DA MINHA MÃE, PELAS MÃES DE CRECHE E PROFESSORAS: TODAS ELAS ME AJUDARAM NA PASSAGEM DA INFÂNCIA PARA A ADOLESCÊNCIA. SEMPRE TIVE MUITAS MÃES. MINHA CONEXÃO COM MULHERES SEMPRE FOI MUITO FORTE E PARA ALÉM DO MEU ENTENDIMENTO.

Eu conheci o feminismo muito pela minha professora e amiga Selma Saraiva, ativista social e artista plástica. Entre aprender a beber, fumar e me divertir nas noites da periferia de São Paulo, aprendi a diferença estabelecida entre falar do feminismo e a prática do que é o comportamento esperado de uma mulher.

Minha primeira luta foi o espaço de fala. Ser ouvida é, sem dúvida, uma das maiores dificuldades na vida de uma mulher. Fui oradora do grêmio estudantil como secundarista e não foi fácil conquistar esse espaço.

Posso dizer que apesar de todos os ruídos existentes, a apropriação de ideias e a negação do conhecimento presente nessa pequena mulher que aqui relata, consegui ser ouvida e reconhecida pelo meu posicionamento em diversos espaços. Eu sabia que a luta contra esse silenciamento fazia parte da luta feminista, mas não dávamos esse nome para o que sempre fez parte da realidade das mulheres periféricas.

O feminismo, para mim, era branco, falava em outra língua, trazia argumentos fora da realidade. Por isso, até quase os 25 anos, eu não fiz parte de nenhum coletivo feminista. Aos 27 anos já havia feito muita coisa - fui atriz, cantora, poeta e mãe -, mas ainda não havia me conectado com algo que considerava fundamental: a mim mesma. Tudo que eu lia e conhecia, frequentemente me distanciava das minhas próprias experiências, pois a vida é feita de fatos e não de análises, mas de nada vale se eles não estão conectados. Então fui para a faculdade de sociologia entender como o conhecimento poderia fazer sentido no cotidiano periférico e suas mazelas.

A essa altura eu já fazia parte das estatísticas de mãe solteira, mulher preta e pobre de periferia. Essa constatação estreitou minha relação com o feminismo, pois ele se fazia necessário como base de compreensão para todas as dificuldades que eu enfrentava nesse percurso de mulher universitária e mãe.

Durante esse período, me afirmei, mais do que nunca, como mulher negra. Apesar de muitas pessoas terem uma visão embranquecida da minha presença em razão dos meus traços indígenas, assim como minha forma de comunicação - adquirida no movimento social e político - confunde algumas delas sobre a minha classe social. Sempre fugindo dos estereótipos e buscando uma construção de uma autoimagem que me fortalecesse no contexto social público, me vi muitas vezes constrangida, por não







em relação aos outros e, principalmente, em nossa atuação como mulheres livres. Nós trazemos dores visíveis e invisíveis como marcas em nossos corpos físicos e metafísicos, pois nossas ancestrais também viveram trajetórias marcadas pela dor. O racismo, machismo e o preconceito de gênero nos atravessam historicamente e elaboram esse medo imaginário da liberdade que se confunde com a impossibilidade de viver plenamente como mulher.

Esse encontro foi um marco no meu imaginário de feminismo, pois nunca havia participado de algo tão completo, belo e extravagante. Mulheres de diversas partes da cidade e contextos variados em círculo, com uma peça de fala (instrumento utilizado como mediador de fala, quem está com a peça está com a palavra, até que se esgote sua fala e ela passe a peça para outra mulher), falando de suas histórias. Entre dores e alegrias, nós também compartilhamos a importância de nossas histórias para a elaboração de nossas vidas.

Sem dúvida aquele círculo me curou de formas que não cabem em palavras. Descobri ali que a discussão sobre a importância da luta da mulher contra o machismo e as diversas formas de opressão que se apresentam em nossas caminhadas acontece por meio da escuta e do compartilhamento.

Esse foi um momento em que na periferia Sul diversos coletivos feministas começaram a emergir. A Coletiva **Fala Guerreira**<sup>2</sup> estabeleceu um curso de comunicadoras populares, reunindo mulheres de diversos cantos da cidade na Associação Cultural Bloco do Beco, no Jardim Ibirapuera, em São Paulo (SP). Desse curso nasceu a revista Fala Guerreira que, em seis volumes, levou diversas mulheres na produção de textos sobre as mulheres periféricas, além de debates e ações relevantes.

Outras coletivas surgiram, como as coletivas **Camomilas**, **Núcleo de Mulheres Negras**, **Audácia**, entre outras espalhadas pela cidade. Elas surgiram ou ressurgiram, em um contexto mais denso da discussão de um feminismo periférico. Grupos artísticos,

como a **Capulanas Cia de arte negra**, composto por mulheres, têm em sua produção artística a mulher negra e a diáspora - produção que já existia, mas que nesse contexto de descobrimento da importância dos coletivos de mulheres, representa o poder nas narrativas ligadas à ancestralidade negra e sua importância no feminismo periférico.

Ficamos fortes, eu fiquei forte, e o debate de gênero esquentou no contexto nacional. Rodas e mais rodas de debate e formação de gênero surgiram, e mais se estabeleceram conexões, histórias e trajetórias entre mulheres.

Eu aprendi muito no círculo de mulheres, aprendi que minha vida na periferia de São Paulo tem importância.

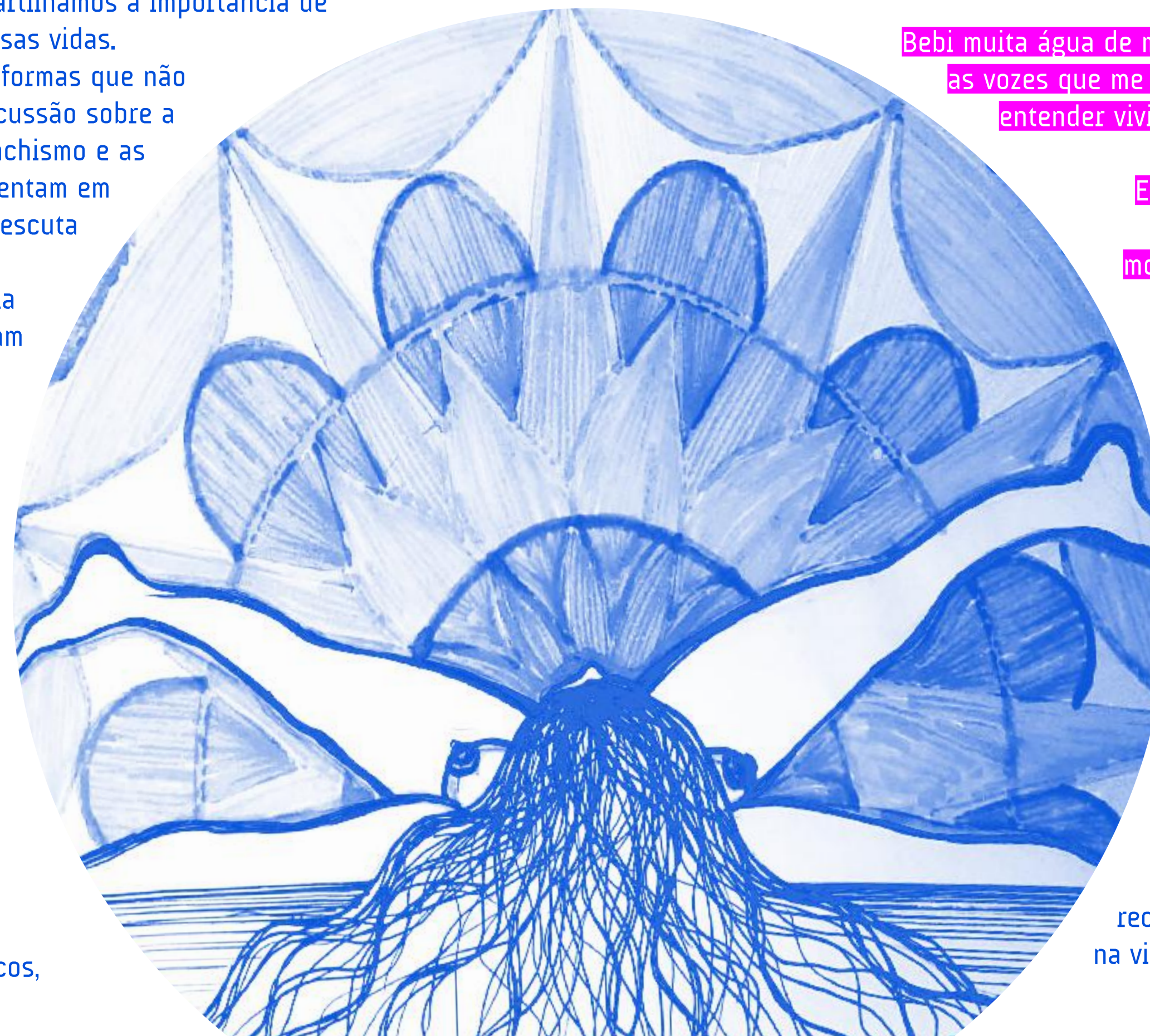
Sabedoria de mãe, sua cabeça, seu guia, ela me dizia entre conversas sobre o futuro e  
minha covardia.

Bebi muita água de mina, me banhei, brinquei, comunguei com ela  
as vozes que me seguiam. Meu berço mina da Monte Azul, sem  
entender vivi em torno da água quase que uma vida, água  
morta dos córregos, água viva da mina.

Essa água fez a menina... Ah, se eu soubesse o  
que sei hoje, teria feito daquela mina minha  
morada. Mas eu sentia de outra forma com meu  
baldinho de idas e vindas, sentia tristeza da  
minha pobreza, vergonha não, isso nunca  
foi servido lá em casa em nenhuma mesa.

Eu cresci numa comunidade de verdade,  
muitas mãos para forjar essa menina,  
mães de creche, crianças, amigos e a  
mina.

Aqui se estabelece uma narrativa existente nos círculos de mulheres, não estou aqui tentando conjecturar dentro de uma análise intelectual a importância desses encontros, mas que vejam a partir de mim a importância de transformação da linguagem e da fala no processo de alinhamento da luta feminina. Sem dúvida quando falo de mim, tenho que recorrer a um dos temas mais perturbadores na vida de uma feminista heterossexual:



2. Fala Guerreira: Mulheres e Mídia na Quebrada, disponível em: <http://blogfalaguerreira.blogspot.com>.

relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais na contemporaneidade e suas amarras na manutenção do machismo e do capitalismo como normas sociais. Questiono sempre: essa discussão se refere ao sexo ou a construção de uma masculinidade machista que pode reverberar em qualquer dos corpos que se relacionem? Sabemos que essa masculinidade machista tem se manifestado em corpos masculinos, sujeitando mulheres a relacionamentos privativos, violentos e torturantes.

Eu não sou exceção dessa regra terrível, mas os círculos me fortaleceram para sair desses processos, olhando para como as estruturas sociais alimentavam essas relações. Hoje o amor não é mais casar, mas também é casar, não é mais alianças, mas também é alianças, entre outros comportamentos patriarcais equivalentes – o que melhora nossa situação hoje, são as possibilidades.

Como não se intoxicar com as velhas inflamações patriarcais que atrasam nossas conquistas pessoais, independente de gênero ou orientação? Tudo isso faz parte de uma grande e velha construção sobre nossas vidas. Hoje somos “Marias que vai com as outras”, estamos organizadas em pautas de extrema relevância para o passado, presente e o futuro, resolvendo inflamações ancestrais que tiram de nós o peso de um passado de silenciamento e violência, tornando possível que a fala de nossas ancestrais reverbere nas nossas, mesmo lidando com o silenciamento e a violência constantemente.

Bem, hoje não estamos mais sozinhas para pensar sobre nossas relações, sendo elas heterossexuais ou não, sendo elas monogâmicas ou não. As mulheres e seus estudos nos trouxeram a possibilidade de saber que nada é natural, tudo é uma construção, e como tal pode ser demolido.

Quando falamos dos círculos de mulheres aqui da periferia Sul de São Paulo, ainda em um recorte menor, da parte periferia sul que eu vivo – Jardim São Luís, Jardim Ângela e Capão Redondo –, estamos falando de mulheres negras, mesmo com o relativismo do colorismo, nós ainda nos reconhecemos, também e ainda mais, por conta das condições materiais de empobrecimento que vivemos. Por meio desse reconhecimento nossa diáspora nos inspirou a reafirmar a importância das organizações femininas, por meio das lutas do movimento feminista organizado, composto historicamente por mulheres negras em nosso país.

Em 1983, quando o governador de São Paulo, Franco Montoro, nomeou 30 conselheiras, todas brancas, para o Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF) – o primeiro conselho governamental dos direitos das mulheres no Brasil –, desencadeou-se um processo de mobilização de mulheres militantes do movimento negro paulista. O resultado foi a criação do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo. Sua mobilização fez com que duas mulheres fossem nomeadas para compor o CECF.

Em 1984, realizou-se o 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras, que discutiu, entre outros temas, as relações entre homens negros e mulheres brancas, a violência, a participação política, a estética, o mercado de trabalho, a educação, a mídia e a religião. Em 1988, ano comemorativo do centenário da Abolição da Escravatura em que surgiu oficialmente o movimento das mulheres negras do Brasil, surge também o **Fala Preta** e o **Geledés**, grupos que inspiram nossas ações até hoje.

Em nosso contexto ancestral africano, temos duas associações femininas importantes: **lalodê** era uma associação feminina cujo nome significa “senhora encarregada dos negócios públicos”. Sua dirigente tinha lugar no conselho supremo dos chefes urbanos e era considerada uma alta funcionária do Estado, responsável pelas questões femininas, representando, especialmente, os interesses das comerciantes. Enquanto a **lalodê** se encarregava da troca de bens materiais, a sociedade **Geledé** era uma associação mais próxima da troca de bens simbólicos. Sua visibilidade advinha dos rituais de propiciação à fertilidade e fecundidade, aspectos essenciais do poder especificamente feminino.

Temos nossas **lalodês** e nossas **Geledés**. Acredito que os círculos femininos são nossos **Geledés** contemporâneos, formas de encontro que nos remetem a nossa ancestralidade e formas de cultivar a vida dentro do sistema ocidental de forma alternativa, com processos de cura, religare com nossas heranças ancestrais e retomada da força feminina existente em nossa história.





## CIRANDA POR TODAS AS MULHERES!

POR ANDRÉA ARRUDA PAULA\*

**RAÍZES PROFUNDAS,  
NÃO ME PRENDEM A CHÃO ALGUM.  
LIBERTAM MEU CORPO.**

*Neide Almeida<sup>1</sup>*

Em seu livro *A Ciranda das Mulheres Sábias*<sup>2</sup>, a escritora Clarice Pinkola Estés (2007) nos relata sobre os encontros preciosos entre mulheres. Durante toda a obra, ela nos leva a pensar a potência e a possibilidade de cura e transformação quando as mulheres se encontram, se reconhecem e descolonizam pensamentos, saberes e performances, que estrategicamente permeiam o imaginário coletivo criminalizando o “poder feminino”, na intenção de inviabilizar esses encontros e processos transformadores. Fica cada dia mais evidente que somente juntas, exalando seus afetos, desprendendo seus corpos e se reconciliando com seus líquidos sagrados, as mulheres serão capazes de destruir o patriarcado e todas as opressões e adoecimentos por ele causados.

Ainda pensando sobre a obra acima descrita, a autora afirma que esses encontros entre mulheres de todas as idades podem ser descritos como “bênçãos”, já que são capazes de

nos lembrar totalmente quem somos para que possamos, a partir desta consciência, fazer bom uso da magnitude que nasceu embutida no nosso “eu”, precioso e indomável, fruto de toda nossa ancestralidade.

Essas Cirandas foram por mim experimentadas na prática durante os encontros da coletiva Periferia Segue Sangrando. Durante cinco anos, esse grupo de mulheres pensa encontros que possam despertar a “mulher selvagem e sábia” em cada uma que se propõe a estar presente. Uma das ações que mais me impactou foi a participação do movimento 8M na Quebrada, quando se amplia esse encontro de mulheres, sempre com a intenção de nos aproximar e reafirmar que não estamos sozinhas, além de levar reflexões a respeito das diversas violências experimentadas em nossos corpos e subjetividades. Estar nesse processo, também me aproximou da “mulher selvagem e sábia” que habitava em mim, adormecida e silenciada. O convite recebido foi escrever uma carta que seria compartilhada com outras mulheres em lugares de muito movimento, como terminais de ônibus, estações de metrô, avenidas com grande circulação de pessoas em horários de pico, onde mulheres trabalhadoras pudessem receber essa “benção”, que fosse capaz também de acordar e tirar as mordidas da grande mulher que habita cada uma de nós.

Quero transcrever aqui a minha carta:



*Como vai companheira?*

*Sim! Essa é a maneira como deveríamos nos chamar, nos reconhecer, nos tratar! Somos companheiras de jornadas, e olha que as nossas não são leves!*

*Não sei você, mas eu cresci ouvindo que não deveríamos confiar em mulheres, pois somos fofoqueiras, rivais, traidoras! Mas isso é uma grande mentira, uma jogada, uma maneira de nos manipular! Pode acreditar!*

*E eu te digo isso de experiência própria, pois todas as vezes que caí ou fui derrubada, a mão que me levantou foi de uma ou mais mulheres. Foram elas que enxugaram minhas lágrimas e cuidaram das minhas feridas, inclusive da alma!*

*Foi junto com outras mulheres que pude descobrir quem sou eu, me olhar no espelho, me achar bonita, amada e inteligente!*

*Esse é o convite que quero te fazer hoje! Seja gentil, acolhedora, amável e apóie uma mulher. Comece com você. Tome um banho mais demorado, acaricie seu corpo, se olhe no espelho. Lembre-se de seus sonhos, eu sei que às vezes é difícil continuar sonhando, mas ao mesmo tempo quero te lembrar que sonhar nos mantém viva.*

*Queria que você acreditasse, assim como eu, que em todas as mulheres, sobretudo as mais velhas, existe uma força, uma energia que às vezes está desconectada, adormecida pela dor, abandono, tristeza, frustração. Mas, parecemos uma grande árvore, que mesmo sofrendo e sendo agredida pela fúria dos homens, se recusa a morrer e, milagrosamente, nutrindo-se através de suas próprias raízes, restaura-se e renasce para manter o próprio espírito vital, poder florescer e dar novos frutos. Essa mulher, ACREDITE, mora dentro de você, dentro de mim e de todas nossas irmãs. Queria que apesar de tudo, pudessemos viver de verdade!*

*Para isso o primeiro passo é resgatar suas raízes, saber quem você é, juntar-se nessa Ciranda com mais e mais mulheres. ACREDITE é uma libertação, é um processo de CURA.*

**VENHA, TE ESPERO!**

Decidi escrever esse texto por todas as mulheres, para que se dêem conta de como são preciosas, de como, apesar de quaisquer imperfeições, elas são os baluartes, as pedras de toque, as notas fundamentais, os paradigmas necessários. ■

\* Mulher periférica, mãe, educadora popular e psicóloga.

1. ALMEIDA, Neide. *NÓS – VINTE POEMAS E UMA OFERENDA*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

2. ESTÉS, Clarissa Pinkola, *A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS: Ser jovem enquanto velha, velha enquanto nova*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CAROLINA ITZÁ EM UMA DAS CENTENAS DE INTERVENÇÕES DO ÚTERO URBE PELO BRASIL E AMÉRICA LATINA

**SÃO PAULO, ONDE A PERIFERIA SEGUE SANGRANDO**

POR CAROLINA ITZÁ

“SUBURBANA, APRENDI A RENUNCIAR À LUA CHEIA. QUEM ME ILUMINA: ESSA LUZ FRIA, O PIPOCO, O FREIO DO BUSÃO. PREENCHO E ESCORRO PELAS MARÉS DA CIDADE”.

*Útero Urbe (Útero escancarado urbano urgente ancestral poético vermelho violento maloqueiro enraizado político delicado)*

Um dia, ao grafitar um útero no muro da vila em que moro, uma mulher me abordou. Estava um pouco alcoolizada e me observava atentamente, um pouco tombando para o lado. Perguntou o que eu estava desenhando, e respondi que era aquilo mesmo, aquele órgão que algumas pessoas têm. Ela sentou e, com real compadecimento, olhou pra mim e disse: “Nossa, você deve ser uma pessoa triste... traumatizada. Conta, fia, você perdeu um filho, o que aconteceu?”.

Há aproximadamente seis anos tenho perseguido e encontrado, deixado escapar e perseguido novamente o território-útero. Chamo de território, pois estou encarando aqui o útero como lugar de disputa na sociedade, espaço alienado dos corpos notadamente femininos – mas não só – e dizimado do imaginário social. De potência que é, virou terra seca. Infertilidade. Aborto. Acredito que todo ser vivente possua um útero alienado e não só nós, mulheres. Mas aqui, de dentro desse corpo, busco a reintegração de posse - dentro do meu ventre e em cada viela que passo.

Perseguido o útero, andei por algumas cidades em um processo que chamei de resistência artística (em alusão à expressão residência artística), me encontrando com outras mulheres, sim, mas também bichas, homens, travestis, homens trans, lésbicas, crianças e velhas e compreendi que é cada vez mais distante pensar que somos pessoas por um dom divino ou porque a natureza fez assim. Além de nossa profunda identidade, somos diversas, temos histórias e cores de pele diferentes e nem sempre o mesmo número de buracos na cabeça. Essas pessoas que conheci contaram memórias do seu corpo, ao mesmo tempo que iam mapeando os escadões e avenidas, os lugares proibidos de descansar e andar de noite. Muito silêncio e muito pixo veio à tona. Filhas de outras ruas. Nos encontros, criamos a cartografia que ia aos poucos desvelando pra nós todo um feixe de relações que iam da unha do pé à rua da infância, da violência escolar ao suor do corpo. Estupros, muitos estupros e proibições. Desapropriações e privatizações. De dentro do corpo, a cidade se abre e, em toda esquina, o corpo se refaz. No processo de fim do silenciamento e da vergonha, a voz sai e, no encontro com outras mulheres e dissidentes de gênero, se torna pública. A voz feminina no espaço público inventa outro corpo para nós. Outra cidade. Mira a revolução.

Periferia sul de São Paulo, 6 de março de 2016. Dezenas de mulheres caminham pelas ruas do Jardim Ibirapuera em um encontro que chamamos de Periferia Segue Sangrando e que já está em seu segundo ano. Ao mesmo tempo em que lemos o manifesto com ajuda de um megafone, os moradores saem na janela, as motos pipocam o carburador, a igreja evangélica sempre lotada. O cortejo de maracatu é barulhento e alegre, atrás de nós um rastro de tinta vermelha marca todos os lugares que passamos. No ponto de ônibus, grande em letra de fôrma, uma mulher negra deixa a pixação demarcando seu território: PRETA, SEU CABELO É LINDO!

Aqui na zona sul o feminismo tem que fazer curva e adentrar no imenso caldeirão de complexidades que formam esse espaço. Sabemos que qualquer feminismo cara-pálida aqui seria mera representação ou reprodução de uma discussão que descende de outras matrizes, outras realidades bastante diversas. Na necropolítica em curso no Brasil, promovida pelo Estado e que mata centenas de negras todos os anos, a periferia sabe, do fundo do seu útero, que o próximo filho assassinado pode ser o seu. Pois entende-se do lado de cá que os homens não são todos iguais. Um homem negro e periférico, indígena, favelado não é o mesmo homem que frequenta os grandes centros do capital ou dos acessos a tudo. Sabemos que a violência obstétrica mata e mutila a mulher de pele escura, pois é cultural por aqui que essa mulher é o tipo que não pode tombar, ser frágil nem pensar. Sabemos que abortar na periferia tem outras variáveis de quem pode pagar uma clínica cara e andar nas ruas sem iluminação - crescer em famílias destruídas pela falta de perspectiva ou aprender em

escolas que são verdadeiras prisões é um processo árduo e que mutila todos os dias e sistematicamente os corpos. Estupro. Aborto. Infertilidade.

Com o compromisso político de quem persegue a invenção da sua própria forma de conhecer e agir, e de quem não pode se dar ao luxo de separar a vida teórica da vida cotidiana sem correr imensos riscos de ser mais uma baixa na guerra travada aqui no Brasil contra os povos periféricos, estamos buscando fazer o caminho inseparável entre nossa subjetividade e nossa ação estrutural no mundão. É um olho no peixe e outro no gato. Se alguma dessas perspectivas se distancia, a outra fica capenga. Então, partimos daqui da zona sul da nossa experiência mais subjetiva e corporal, mais íntima e particular contra o fato consumado e frio de que cada cabeça periférica seja um número na estatística. Isso significa - já que assumimos politicamente que existimos - deixar sair o pus e toda inflamação de traumas ancestrais, de cicatrizes vindos da Casa Grande e das memórias mais profundas, deixar vir o ônibus lotado, o desemprego, o soco na cara do homem que amo ou a perda do feto, deixar vir... para olhar, jogar luz, curar. Inventar novas subjetividades, atravessar abismos e fechar círculos viciosos têm sido nossa construção de horizonte no mapa das relações que se estabelecem no fazer e compartilhar histórias com outras mulheres. Tecemos o mapa, nele nos inserimos e dessa coletividade brota algum tipo de força ou florescimento, um broto vulnerável e comunitário, às vezes violento e desajeitado, da retomada de nossas vidas de uma maneira mais íntegra e criativa. Eita palavra difícil, criativa. Continuemos: aos poucos, um revide. Esse revide ganha cor e expressão na nossa coletividade, que busca transformar também nossa vida pública. A rua agora é nossa morada, demorô, e dela também queremos respostas. Pois se nos comprometemos a traçar o caminho das nossas intimidades mais silenciadas, fazer nossa própria estratégia de luta é assumir as consequências dessas transformações no dia-a-dia e nos espaços que frequentamos em solidariedade com as outras manas.

## O PERIFERIA SEGUE SANGRANDO É DAQUELAS EXPLOSÕES DE SENTIDO, EM QUE UMA COISA QUER DIZER DUAS COISAS OPOSTAS AO MESMO TEMPO E AGORA.

Para nós, portadoras de um útero, nenhuma novidade, sentir alívio em sangrar todos os meses e odiar esse sangue que nos machuca. A periferia de São Paulo segue sangrando pelo genocídio que mata a tiros nossos adolescentes e silenciosamente pelos ladrões de merenda. Esse sangue nós não queremos mais. Porém, do alto da reintegração de posse de nossos corpos e armadas de nossa teia de solidariedade, gritamos nossa fertilidade e úteros vivos, esse sangue que é nosso e traz saúde e bênção para nós e às futuras gerações: Periferia Segue Sangrando e não estanca! ■



ALGUNS REGISTROS DE COMO OS ÚTEROS ERAM DESENHADOS PELA CIDADE E UM CHAMAMENTO PARA O PRIMEIRO ENCONTRO DA INTERVENÇÃO EM SÃO LUIZ DO MARANHÃO



FUTEBOL FEMININO, MULHER NA TORCIDA, A PAIXÃO DE UMA MULHER PELO CORINTHIANS. SÃO MUITAS AS DEMONSTRAÇÕES QUE DISTINGUEM A CONDIÇÃO DE GÊNERO NO FUTEBOL, ESPORTE TÃO NOTÓRIO NA SOCIEDADE BRASILEIRA, E UM DOS QUE MAIS EXPRESSA A PREPONDERÂNCIA DO MACHISMO E SEU DESENVOLVIMENTO AO LONGO DO TEMPO.

POR CLARICE DE LA SIENA e MARTINIANA SOUSA

## NOTAS SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NA MAIOR TORCIDA ORGANIZADA NO BRASIL

Não por acaso fazemos a distinção de futebol feminino, mas não de futebol masculino. Todavia, para tratar da questão de gênero no âmbito da torcida organizada é necessário primeiro entender que a torcida não

está apartada das estruturas sociais, mas que vive as contradições oriundas dessa sociedade e ela não é homogênea. Isso significa dizer que há níveis de consciência e particularidades próprias de torcedores, principalmente de suas lideranças, os quais vão compor as narrativas e interpretações da história do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, maior torcida organizada do Brasil.

Mas é fundamental apreender que novos processos, sobretudo, os relacionados a busca pela preservação da história na torcida e a construção de um acervo, possibilitam revisitar essa história tal como ela foi contada – seus momentos e

rupturas –, ao ver nos documentos e objetos os elos perdidos e conectivos e, conseqüentemente, apresentar outros níveis de apreensão e questionamentos sobre os princípios e ideologias da torcida.

Este texto busca apresentar algumas considerações a respeito da situação da mulher na torcida Gaviões da Fiel e, desde já, queremos explicitar que utilizamos a preposição “da” ao mencionar os “Gaviões” como uma provocação em relação ao texto implícito em “da torcida Gaviões”, ao invés da preposição “dos”, que é comumente utilizada por ocultar o substantivo feminino da palavra

“torcida” e a simbologia que ela apresenta para fazer apontamentos neste texto sobre a questão da mulher, os quais requerem maiores pesquisas e estudos.

Para iniciar é fundamental dizer que são muitos elementos para narrar sobre a situação da mulher na torcida. Por vários depoimentos que levantamos em nossa pesquisa, podemos indicar alguns pontos como mais problemáticos para a maioria das mulheres na Gaviões: o principal deles é não assumir posições na diretoria da agremiação por eleição, como presidenta, conselheira, entre outros; mas há

outros como a impossibilidade de tocar um instrumento na arquibancada ou tremular uma bandeira. No tocante as relações nas arquibancadas, há ainda outros níveis, de viés moralista, aos quais a mulher está exposta, como ir ao jogo de futebol sozinha sem o pai, irmão, marido ou namorado e isso significar que estaria ali para arrumar homem, mas, ao contrário, se vai acompanhada, só está ali por causa de um homem. Com relação a desmoralização em decorrência de roubo e/ou por palavras mal colocadas, no caso de ocorrer com os homens não há tanta repercussão, mas quando se trata de uma mulher, os boatos têm grande reverberação e, embora nunca











# COLETIVA LUANA BARBOSA - RESISTÊNCIA AUTÔNOMA DE QUEBRADA

POR COLETIVA LUANA BARBOSA



SOMOS A COLETIVA LUANA BARBOSA, ATUALMENTE COMPOSTA POR CINCO MULHERES NEGRAS, AFROINDÍGENAS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, MORADORAS DE VÁRIAS REGIÕES PERIFÉRICAS DE SÃO PAULO E GRANDE SÃO PAULO. NOSSA UNIÃO COMEÇOU EM 2016, DURANTE A CONSTRUÇÃO DA XIII CAMINHADA DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DE SÃO PAULO, ATRAVÉS DO GRUPO DE TRABALHO - GT DAS PRETAS.

primeiras ações foram: Ato em Memória de Luana Barbosa dos Reis, na Avenida Paulista, São Paulo (SP), em 03 de Maio de 2016; e Ato no Centro de Ribeirão Preto (SP) em julho, também no ano de 2016, com o intuito de denunciar a impunidade desfrutada por seus agressores e a violência fatal sofrida por Luana e sua família.

São 4 anos entre idas e vindas de Ribeirão Preto, atos em frente ao fórum acompanhando os trâmites das audiências sobre o caso de Luana, brigando para que o caso não seja esquecido e arquivado sem justiça. Hoje, a família e a população ainda aguardam a data de nova audiência, na qual os policiais serão julgados no Júri Popular.

Estar presente em cada audiência é reviver as emoções de sua morte, o sofrimento de sua família que vive amedrontada pela ameaça de levar o Estado e a PM à julgamento. Tivemos testemunhas que sumiram por medo de retaliação, o desgaste é o nosso gás para não deixar que o caso de Luana seja arquivado. Luana Presente, hoje e sempre!

A fim de não deixarmos esquecer na memória, como forma de homenagem, mas principalmente para dar visibilidade para casos iguais ao de Luana, produzimos o documentário “Eu sou a Próxima”, lançado no dia 13 de abril de 2017, exatamente um ano após a morte de Luana. A apresentação ocorreu na Ação Educativa, na cidade de São Paulo (SP), e arrecadou um quilo de alimento não perecível de cada presente. Os alimentos foram direcionados para o Viaduto Alcântara Machado, espaço onde residem homens e mulheres em situação de rua, e é um dos espaços de principal atuação das ações da Coletiva.

O documentário surgiu a partir da ideia de dar voz a mulheres lésbicas, negras e periféricas, que foram violentadas e/ou assassinadas por lesbofobia. Escolhemos os casos mais





emblemáticos ocorridos em 2016, porém estima-se que foram registrados pelo menos 21 casos de assassinatos por lesbofobia só neste ano, segundo o site [lesbocidio.wordpress.com](http://lesbocidio.wordpress.com).

Trabalhamos na criação do doc de forma totalmente autônoma, sem ajuda de recursos públicos, apenas com a boa vontade de Tai Bruni, que aceitou somar nessa construção, disponibilizando o espaço da sua casa, seus equipamentos e tempo para gravar, editar e entregar esse filme em 15 dias corridos de produção. Organizamos exposições itinerantes, passando por regiões periféricas da cidade de São Paulo, interior e outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) etc. Trouxemos um trecho no vídeo abaixo:

Compreendendo a ausência de espaços de vivências, troca de conhecimento e afetos entre mulheres, passamos a desenvolver atividades que abordam diversos temas referentes às especificidades de mulheres negras lésbicas e bissexuais, como: lesbofobia, bifobia, gordofobia, maternidade lésbica, violência entre mulheres, violência doméstica, redução de danos, autocuidado, saúde mental e sexual, relacionamentos afrocentrados e interracializados entre mulheres etc.

Nossas atividades são voltadas somente para mulheres lésbicas e bissexuais, com enfoque em mulheres negras. São propostas sugeridas pelas integrantes da Coletiva, segundo demandas externas e internas, que estão sempre se reconstruindo. As atividades são realizadas exclusivamente por nós, porém sempre buscando apoio com outros coletivos.

Durante a realização dessas atividades, percebemos a necessidade que este público tinha da existência de um espaço de lazer, onde essas mulheres pudessem se sentir livres, sem sofrer assédio, gordofobia, lesbofobia, bifobia etc., com isso produzimos uma festa exclusiva para mulheres: a Sarrada no Brejo.

A festa é um espaço de livre circulação de afeto, construção de laços e desconstrução de padrões estéticos hegemônicos, buscando o empoderamento de corpos gordos e negros.

Com o crescimento da Coletiva, começamos a receber demandas externas, como pedido de ajuda financeira para sobreviver nesse mundo tão capitalista. Chegam até nós pedidos diversos, como ajuda com alimentos, com materiais escolares,

valores para pagamentos de aluguéis e contas, entre outros. Todo valor arrecadado com a entrada da Sarrada é direcionado para essas mulheres.

Na Sarrada, adaptamos uma creche, o Brejinho do Pijama, para que as mulheres que são mães possam deixar as crianças, assim nenhuma mulher fica de fora da festa e todas podem desfrutar da noite sem medo ou culpa. Sabemos como a solidão é presente quando se tem um filho e que nem todos espaços tem um olhar cuidadoso para incluir essas mulheres. O Brejinho do pijama está presente em todas as atividades desenvolvidas pela Coletiva Luana Barbosa.

Em 2018, surgiu o Slam Luana Presente, para que mulheres que amam mulheres possam declamar seus afetos, sentimentos e vivências através de suas poesias - iniciativa que levou uma das participantes até a final da competição do Slam Singularidade.

É uma luta que parece não ter fim, porém não deixaremos que a história de Luana seja esquecida, lutaremos para que outras Luanas não tenham o mesmo fim, para que nenhuma outra seja a próxima. Essa Coletiva é composta somente por mulheres de diferentes áreas de atuação e temos em comum a garra e a vontade de lutar por dias melhores para todas as mulheres negras, especialmente as lésbicas e bissexuais. Caso queiram conhecer ou ficar por dentro de nossas atividades, nos siga no perfil facebook Coletiva Luana Barbosa ou envie um e-mail para: [coletivananabarbosa@gmail.com](mailto:coletivananabarbosa@gmail.com) ■



# EU SOU A PRÓXIMA

DE COLETIVA LUANA BARBOSA



[https://youtu.be/tTlwDQp\\_06Q](https://youtu.be/tTlwDQp_06Q)

**FORMATO:** DOCUMENTÁRIO (BRASIL-2017)  
**DURAÇÃO:** 6MIN E 51 SEGUNDOS  
**ÁUDIO ORIGINAL:** PORTUGUÊS  
**LEGENDA:** PORTUGUÊS/INGLÊS

VIDEO



**TÍTULO:** EU SOU A PRÓXIMA

**CRIAÇÃO E PRODUÇÃO:** COLETIVA LUANA BARBOSA

**SINOPSE:** Construído com relatos de mulheres lésbicas, principalmente negras, o documentário evidencia as violências e mortes decorrentes de lesbofobia. Para a Revista Quebrada Inteira foi selecionado um trecho do documentário original, com interpretação da ativista e atriz Fernanda Gomes, em que narra a morte brutal de Luana Barbosa, mulher lésbica assassinada em 2016 por policiais militares na cidade de Ribeiro Preto-SP, caso este que permanece em julgamento. Esse documentário produzido de forma independente pela Coletiva Luana Barbosa, é um trabalho de fundamental importância para ampliar a visibilidade das lutas políticas de negras lésbicas e periféricas, pela manutenção da vida e do bem-viver de mulheres lésbicas no Brasil.

**PARA MAIOR APROFUNDAMENTO, SUGERIMOS ACESSAR O “DOSSIÊ DO LESBOCÍDIO NO BRASIL”:**

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADio-no-Brasil.pdf>

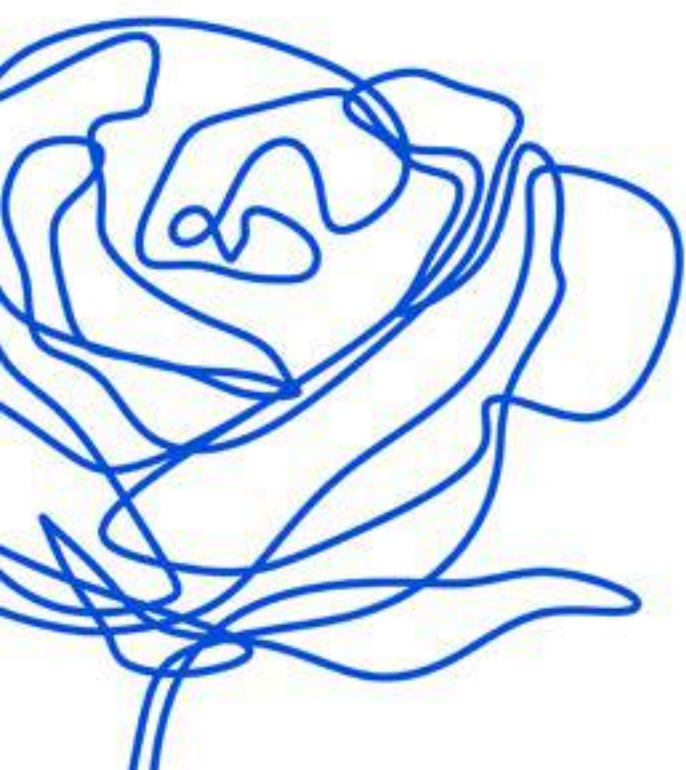
## A VIDA FLUI MELHOR PARA TODOS QUANDO RESPEITAMOS O QUE É SAGRADO PARA O PRÓXIMO (ARANTES, 2020)

Gostaria de prostrar com vocês sobre o assunto que amo, e respeito com todo meu afeto, que é o luto, tema que dedico meu fazer profissional e que pauta a minha luta. Não é o meu objetivo abordar o tema de forma acadêmica ou algo do tipo, mesmo reconhecendo a relevância, isso vai ficar para outros espaços. Neste quero falar a partir de vivências e do sentir.

Sempre que falo sobre luto, eu questiono para aqueles que me escutam o que eles sentem ou do que se lembram quando a questão é LUTO. Reforço, não tente dar respostas inteligentes, apenas pense e sinta como esse tema lhe atravessa? Pois bem, hoje lhe faço tais perguntas e lhe faço um convite a visitar sua humanidade mais profunda, porque esse tema coloca as nossas fragilidades e medos diante de nós, de repente nos deparamos com algo que a todo momento evitamos. Mas, calma, não é só isso. Certamente, se ao falar de luto você lembrou de alguém ou algo, logo vai se dar conta de que estamos falando de amor também, de memórias de dedicação, investimento, sacrifícios e tudo mais que uma relação ou construção de algo precisa para ser importante em nossas vidas. Além das experiências boas e outras nem tanto, estamos falando do viver e sentir. Responda, qual o nome de sua saudade?

O luto pode ser caracterizado por um processo dinâmico e natural diante da perda de algo ou alguém significativo em nossa vida. Por ser um processo particular e multidimensional, as significações, rituais e o próprio processo de enfrentamento variam de acordo com as diferenças culturais e históricas de cada pessoa e sociedade (Maia et al., 21). Ou seja, estamos falando de subjetividade, por isso é tão necessário parar de comparar e esperar que as pessoas passem por este processo de maneira similar, ou até mesmo pré-determinar um tempo aceitável para a superação deste processo. Acredito que o fato da morte e as perdas da vida serem tratadas como tabu em nosso cotidiano torna nosso processo de luto muito mais dolorido, o que acaba acarretando inúmeras problemáticas para além da dor esperada para o processo. A maior queixa de pessoas enlutadas é a solidão e o fato de não poderem falar sobre, justamente porque a maior parte de nós não sabe ouvir por achar que precisamos falar algo ou fazer algo para ajudar o outro, sem mesmo entender qual é a real necessidade para quem está em sofrimento. É difícil ouvir com

DO LUTO À LUTA!  
QUAL O NOME  
DA SAUDADE  
QUE TE MOTIVA  
A LUTAR?



POR CRISTIANE UCHÔA PINHEIRO





POR MILENA MATEUZI CARMO



## REDES DE CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA

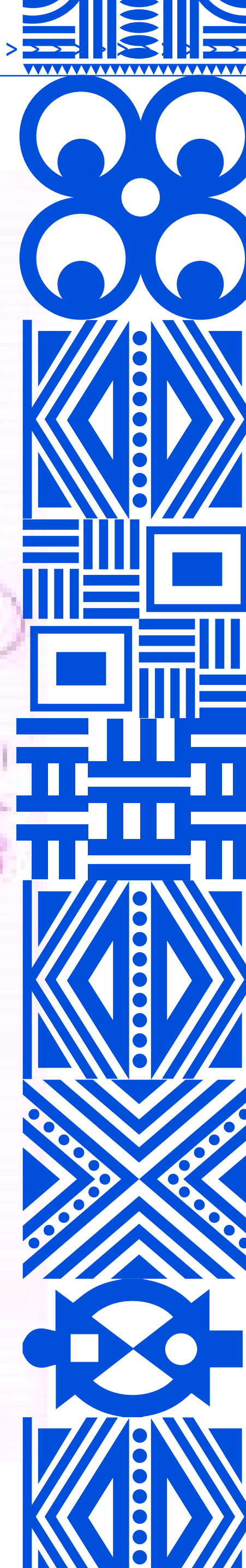
“...A FRASE QUE EU USARIA PRA ESSE MOMENTO É QUE AS PESSOAS SEMPRE SE VIRARAM COM CRISE, MAS NESSE MOMENTO AS PESSOAS NÃO ESTÃO TENDO COMO SE VIRAR. ENTÃO ANTES EU NÃO TINHA O ALIMENTO SOBRANDO, MAS EU TINHA RECURSOS PRA FAZER GIRAR ESSA ECONOMIA AINDA QUE ELA FOSSE LOCAL, COM VENDAS DE QUALQUER COISA, COM NEGOCIAÇÕES E TAL. NESSE MOMENTO, ISSO NÃO EXISTE! AS PESSOAS NÃO TÊM GRANA PARA COMPRAR A LINHA PARA FAZER O SEU CROCHÊ PARA REVENDER PARA COMPRAR COMIDA DENTRO DE CASA! NESSE MOMENTO DE PANDEMIA, COMO A GENTE ENTROU NUM PROCESSO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS AQUI NO SASF (SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL À FAMÍLIA), O QUE NÃO É UMA CARACTERÍSTICA DO SERVIÇO, MAS QUE PELO MOMENTO EMERGENCIAL A GENTE ACABOU SENDO USADO COMO ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO... É ISSO, SÃO PESSOAS QUE VÊM DIARIAMENTE E TODOS OS DIAS PORQUE EM ALGUM MOMENTO O VIZINHO OU O AMIGO FALOU QUE AQUI TINHA CESTA BÁSICA... EU VI PESSOAS CHORANDO, CHORANDO: “SE VOCÊS NÃO TIVESSEM ME DADO ESSA CESTA BÁSICA, EU NÃO IA TER O QUE DAR PARA OS MEUS FILHOS COMER HOJE”. TEVE GENTE PEDINDO DUAS CESTAS BÁSICAS PRA VENDER UMA E CONSEGUIR COMPRAR O GÁS: “SE VOCÊ ME DER UMA EU VOU TER QUE ESCOLHER ENTRE FICAR COM O ALIMENTO CRU OU COMPRAR O GÁS”.





## O QUE MANTÉM EM PÉ, SUSTENTA

...



“...E O ITAN ERA, QUE ORUNMILÁ QUERIA MUITO TER UM FILHO E AÍ ELE FOI PROCURAR OLODUMARE PRA PODER CRIAR ESSE FILHO PRA ELE. E AÍ QUANDO ORUNMILÁ CHEGOU NA CASA DE OLODUMARE TINHA UMA CRIANÇA NA PORTA, NÉ? QUE É ELEGBARA, EXU MENINO. ORUNMILÁ SE AFEIÇOOU AO MENINO, SE AFEIÇOOU A CRIANÇA, NÉ? E FALOU PRA OLODUMARE “QUERO SER PAI”. AÍ OLODUMARE DISSE “BELEZA, VOU CRIAR UMA CRIANÇA PRA VOCÊ, VOU TE CRIAR UM FILHO”... ELE: “NÃO, MAS EU ME AFEIÇOEI TANTO A ESSA CRIANÇA QUE EU GOSTARIA DE LEVAR ESSE AQUI MESMO”. AÍ OLODUMARE FALOU ASSIM: “NÃO! ESSA CRIANÇA JÁ TÁ AÍ, JÁ FAZ PARTE DAQUI JÁ, TENHA PACIÊNCIA QUE EU VOU TE CRIAR UM FILHO”. ORUNMILÁ: “AH NÃO, POR FAVOR, DEIXA EU LEVAR ESSE MENINO, ME AFEIÇOEI TANTO A ELE, QUERO FICAR COM ESSE MENINO”. AÍ OLODUMARE: “TÁ BOM, ENTÃO PODE LEVAR”. E ASSIM VAI ORUNMILÁ PARA CASA, LEVANDO ELEGBARA, O EXU MENINO.

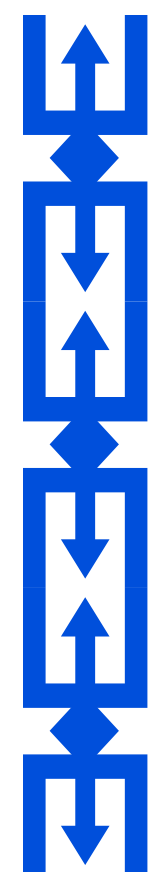
Chega em casa, apresenta o menino pra sua esposa... Aí o menino diz “Tô com fome!” Aí lá vai a mãe, faz comida, dá de comer pro menino, e o menino come tudo, come tudo e diz: “Continuo com fome”. Aí a mãe vai, faz mais comida, e dá pro menino. Ele vai, come tudo e fala: “nossa, ainda estou com fome!” Então Elegbara, Exu menino, começa a comer tudo que tinha em casa. Come as galinhas, come os cabritos, como tudo que tem em casa. E ainda com fome. E aí ele foi, olhou pra mãe e falou: “mãe, ainda tô com fome... eu vou te comer”. Foi e comeu a mãe. E aí Orunmilá, já vendo que ia ser comido também, corre e vai consultar o Ifá. Chegando lá o Ifá diz que Orunmilá precisa fazer um Ebó, dar uma oferenda e coisa e tal, mas que ele iria travar uma batalha com Elegbara, né? E aí, Orunmilá foi com um facão... E assim que ele encontra Elegbara, Elegbara diz: “pai eu tô com fome, eu vou te comer”. E aí Orunmilá para não ser comido começa uma batalha... uma perseguição entre Elegbara e Orunmilá, e a medida que Orunmilá ia lutando com um facão, ia cortando pedaços de Elegbara, e cada pedaço que era cortado de Elegbara ia se tornando outro Elegbarazinho, cada um de uma forma e jeito diferente. E assim, quando viu, eram vários Elegbarazinhos diferentes, correndo atrás de Orunmilá, até que ele já não aguentando mais de tanta perseguição disse: “É, a gente precisa entrar num acordo”. “Tá certo, que acordo a gente vai entrar?” Aí é quando, a partir desse acordo, Elegbara vomita tudo que ele tinha comido, de forma transformada. E aí ele não é mais Elegbará, ele é Enugbarijó, a boca que tudo come e devolve, vomita pro mundo de forma transformada, né?”.

POR JOICE JANE TEIXEIRA.

## ALIMENTO

(pandemia x perspectiva pedagógica) -- como chegar nas crianças (problema internet) -- material de representatividade (contar as nossas histórias para as nossas crianças)

-- tecnologias ancestrais  
 --- oralidade --- símbolos adinkra  
 --- filosofias indígenas  
 -- Kindezi (acendimento do sol) tumbeiros --  
 tumbeiros -- vivência de Isolamento e Fome (tumbeiro) -- ancestrais comiam 1 vez/dia --  
 cantavam o dia todo --  
 “defeito de cor” (livro) --  
 navio negreiro - cantando para ancestrais



### ALIMENTO

comida, energia, fome - o que mantém em pé --- nutrir --- sustentar (evitar a queda, apoiar) sustento (vida) --- alimento que nutre ontologias -- cantar o tempo inteiro  
 ---- filosofia africana cosmopaladar ---  
 EXU como epistemologia --- criança ---  
 griot Djéli --- vomita tudo que come de forma transformada e recriada... a boca que tudo come e vomita pro mundo de forma transformada... saber saborear...  
 alimento... se nutrir pelo mundo... se alimentar da vida... (...)

A criação de uma prática artístico-pedagógica em que esteja encarnada a pluralidade das infâncias e territórios, bem como os saberes ancestrais, é o que nos alimenta no presente – “O que mantém de pé, sustenta”: máxima criada a partir do fundamento “**bulimento**” – a busca da desconstrução colonial impregnada nos nossos comportamentos, discursos, pensamentos e atitudes. A **N’Kinpa** – Núcleo de Culturas Negras e Periféricas – desde 2018 age e cria coletivamente propostas que trazem cosmovisões, cosmosentidos; formas e modos de vida nos eixos da arte, educação, performance, teatro, música, comunicação e ação cultural. A partir dos bulimentos - desconstrução colonial, disparadores desconfortantes que nos levarão por outros olhares, caminhos e nos darão movimentação - entendemos que, para criar práticas artístico-pedagógicas potentes para as infâncias, é preciso COMER-CONHECER, ter ALIMENTOS que nutrem os sentidos (paladar, olfato, tato, audição e visão); acendendo o Sol – CORPO/MUNTU – EXU: a criança, menino, aquele que come tudo e a barriga não enche, pois o COMER é uma metáfora da relação de CONHECIMENTO.

ALIMENTO = COMER = CONHECER

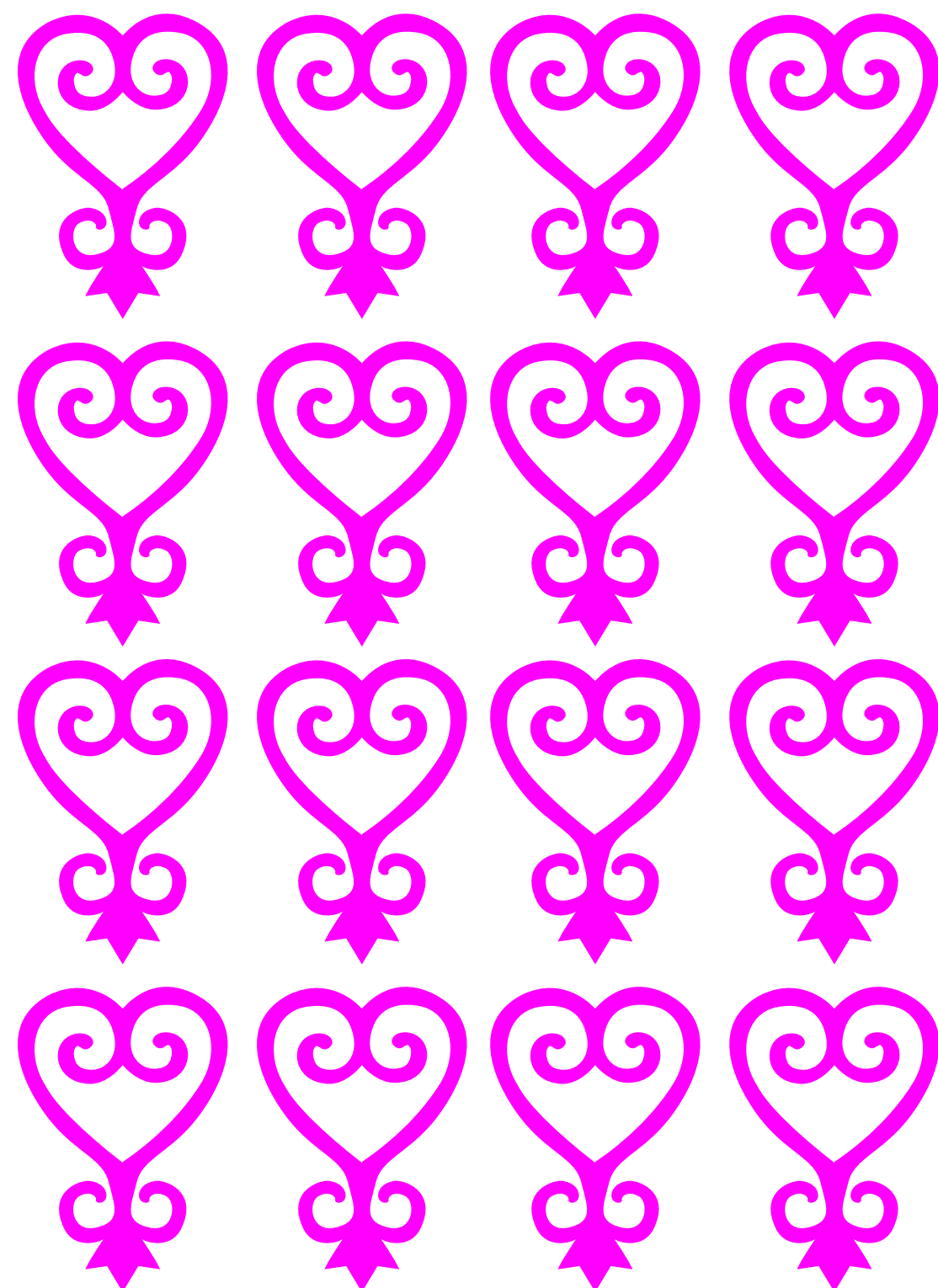
relação de nutrir-se com/pelo mundo  
 experiência que se relaciona ao gosto pela vida - ao gosto de viver. (...)

“...Depois que Orunmilá fugiu da morte encontrou Ewá, e se escondeu debaixo da saia dela, daí nasceram os ibejis... aí passou um tempo, e depois a morte - Iku - chegou naquela comunidade e começou a matar muita gente, não era uma morte assim de boa, tranquila, que levava as pessoas em seu tempo natural, era uma morte fora do tempo, que estava devastando aquele povo. A liderança de lá, o rei, ele ficou muito preocupado, e começou a mandar vários de seus ministros, conselheiros, todos tentavam negociar com Iku, mas ela não ia embora de jeito nenhum e matava qualquer um que se aproximasse. A morte em sua arrogância até disse assim: “olha! Eu só vou embora se alguém conseguir que eu faça, algo que eu não queira fazer”. Então apareceram os ibejis... eles são gêmeos e são crianças... Como assim, né? Tantos adultos tentaram espantar a morte, vencer a morte, como é que duas crianças vão fazer isso? Pois é, mas os ibejis falaram que queriam negociar com a morte! E

foram... Mas os ibejis são bem danados, ao invés de aparecer os dois na frente de Iku, apareceu só um, e começou a tocar o tambor encantado, o ibeji não falou nada, só deixou o tambor falar... Iku não resiste e começa a dançar ao som do tambor que toca sem parar. Eitha!!! Nem a morte resiste a um tambor bem tocado... Quando um dos ibejis se cansava de tocar, ele, sem Iku perceber, trocava de lugar com o outro ibeji, o irmão então se escondia na dobra de uma esquina, numa curva... deitava, dormia, comia, descansava, e então trocava de lugar com seu irmão de novo - e Iku não percebia

nada. E assim a morte não parava de dançar, e o tambor mágico não parava de tocar também, até que Iku disse desesperada: “Socorro, eu já não aguento mais! Faz esse tambor parar!”. “Eu faço parar”, disse o Ibeji,” mas você tem que me fazer uma coisa”. Iku disse: “Eu faço o que você quiser!”, “Vá embora da minha comunidade.” E assim, aquela morte descabida, fora do tempo, vai embora, e a comunidade recupera seu movimento em equilíbrio.”

POR SUELEN RIBEIRO



(...)

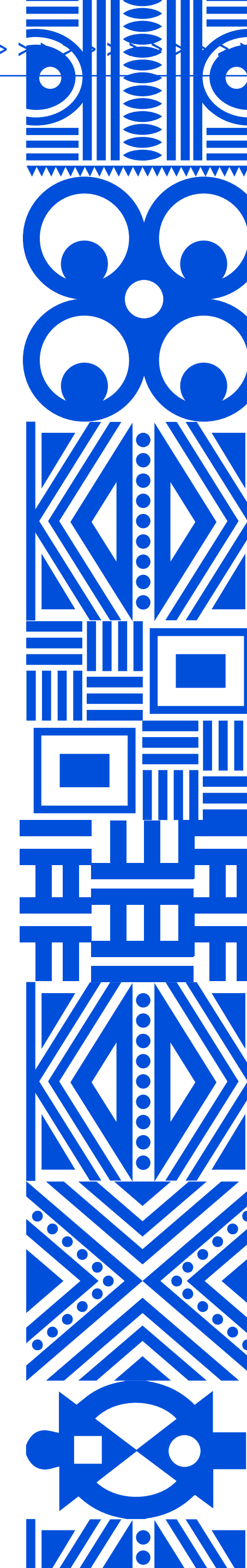
Neste lindo itan, as crianças - ibejis -, vêm em defesa da comunidade, dá até para ouvir Clementina de Jesus cantando: “Lá nas mata tem cachorro do mato, caxinguelê ô/ Lá nas mata tem cachorro do mato caxinguelê, chamei minhas crianças para vir me defender, chamei minhas crianças para vir me defender”. Com sua sagacidade, espantam uma morte que bem parece essa que presenciamos desde que partiu o primeiro navio negreiro - ou tumbeiro - do continente Africano. As crianças das periferias de São Paulo, majoritariamente negras, carregam as memórias ancestrais da dor dos seus que, sequestrados, cruzaram o Atlântico, mas também a força dos ibejis, que driblaram a morte colonial, aquela que desencanta a vida. A mesma que tem matado cruelmente crianças periféricas. Matam retirando a vida, matam retirando a ciência de sua origem, matam dizendo que são feias, sujas, mal vestidas, que anjinho é branco de olho azul e o que lhes resta é o destino de empregada doméstica ou policial. O colonialismo mata nas crianças a possibilidade de se imaginar protagonizando sua própria vida. Na lida com as crianças, os sentidos desatentos podem fazer-se convenientemente acreditar que somos mesmo um país mestiço e democrático, onde todos são brasileiros. Essas mentiras, geradas por senhores de engenho, se quebram quando os sentidos se aguçam, quando a barriga da criança ronca de fome, quando ela chega com marca de ferro de passar roupa na perna, quando o irmão mais velho é baleado, quando a mãe tem medo de que seu filho negro, ainda criança, ande alguns metros na rua, com cuidado até ao segurar um brinquedo - afinal, uma criança de 9 anos com uma garrafinha pode ser “facilmente confundida” com um homem adulto, armado. É preciso atenção, conhecimento e afeto.

Sentidos aguçados percebem a criança, na saída da aula, enfiando a cabeça debaixo da torneira com uma água gelada, em um dia mais gelado ainda, para molhar e esconder seu cabelo crespo; Percebem também a criança saindo no meio do exercício de teatro para se cortar com gilete - “porque dói muito”; Percebem a cara brava quando elogiamos sua negritude - “tá me xingando de preta por quê tia?”. Práticas que tragam a força das culturas indígenas e africanas em maafa com as crianças e famílias são urgentes. As infâncias estão desnutridas por adultos irresponsáveis, que não se comprometem com a vida, e pensam que a criança é “problema” de cada família. Nascido em Minianga, na República Democrática do Congo, o doutor Kimbwandende Kia Bunseki FuKiau escreveu um livro espetacular chamado Kindezi - A arte Kongo de cuidar de crianças, no qual diz que “uma infância arruinada é uma sociedade arruinada”. O doutor FuKiau nos narra a organização da educação das crianças no Kongo,

uma educação para a vida, cosmogônica, compartilhada e integrada. Kindezi é a arte praticada pelo Ndezi - o cuidador ou cuidadora das crianças, essa é uma das tarefas mais importantes e valorosas que alguém pode ter na sociedade do Kongo, sendo que nela, os velhos sábios têm papel fundamental ao difundir seus conhecimentos com a criança. Dr. FuKiau também narra o desmantelamento provocado pelo colonialismo, esse monstro de muitas patas, e nos convida a re-africanizar e afrocentrar a prática educacional, fincadas na ancestralidade.

A comunidade tem a missão de manter a criança como um sol vivo (muntu), brilhante, para que esse sol cumpra todo o ciclo de vida, sem que iku - a morte - apague o muntu antes de seu tempo. Daremos às nossas crianças o direito de envelhecer? De se tornarem Kumbas - velhos sábios? Como estamos nutrindo nossas crianças?

N'SANDA MULEMBA - Preenchidas de ancestralidade... É como caminhamos e comemos enquanto N’Kinpa, para superar a morte incorporada no desencantamento de vida, propondo movimentos nutritivos, saborosos, que sejam boa comida para as crianças e famílias, seres vivos nos mais variados contextos de privação, espera e violência que esse Estado-nação colonialista, chamado Brasil, impõe. Em muitas etnias de origens africanas e indígenas, as crianças são seres sagrados, pois, por estarem há pouco tempo “nessa vida”, ainda têm a memória do outro ciclo de vida - aquele que a cultura euro-ocidental costuma chamar de morte. O grande esforço dessas culturas ao educar as crianças está em cuidar de forma que elas



não se esqueçam da sabedoria advinda da vida cíclica anterior. Na estrutura colonial aduocêntrica, a memória é terceirizada com toneladas de textos nas mais variadas formas, para que assim as crianças se esqueçam e se tornem adultas, de preferência adultas brancas. Nós, da N’Kinpa, pilamos práticas de tecnologias ancestrais, agregadoras de gentes, tecnologias de invenção, de modos de existir, de comer

(...)

“...e aí ficou me soprando muito no ouvido, né... “tumbeiro”, “tumbeiro”, “tumbeiro”. (...) E eu me deparei que essa questão de estar em isolamento é uma coisa que a gente tem desde que a gente é sequestrado de África, né? (...) E aí, né? Nos tumbeiros, pesquisando, descobri que nossos ancestrais comiam uma única vez por dia, que eram restos da tripulação ou uma porção de farinha e carne seca, carne de sol, assim, e um pouco de água. E que eles cantavam o dia inteiro, né? Eles cantavam o dia todo, assim, sabe? É, cantar, orar, enfim, pro povo africano cantar é uma forma de oração. Não é à toa que tem essa máxima do samba: o samba é uma forma de oração. Porque de fato é. E... E aí foi que me veio essa coisa de que o alimento pra gente, né? o alimento pros nossos ancestrais ele não está só nesse lugar, né? Do que a gente põe na boca pra comer, mas também do que nos mantém vivos, do que nos sustenta (...). E é nesse sentido que a gente tá com bulimento em relação ao alimento, né? Do como que a gente pode se nutrir, enquanto corpo preto, né? (...) E aí a Su tem uma fala muito linda a respeito disso, né? De que a gente, né, corpo negro em Maafa, nesse território chamado Brasil, o tempo inteiro nos enfiam goela abaixo as violências, né? E nesse lugar de Enugbarijó, desse Exu, né? que come, mas devolve ao mundo de forma transformada (...), vomita essas violências em forma de samba, em forma de jongo, em forma de congadas, de maracatus, carnaval, carimbós (...) Bulimentos, né? Então, alimento nesse lugar que nos bulina e nos faz vomitar tantas potências, né? Tantas potências.”

por Joice Jane Teixeira

## ADULTECER É SE ESQUECER? ----- MÍDIA É CORPO ----- BIBLIOTECA É VELHO, RUA E FOLHA



facebook.com/nkinpa



instagram / nkinpa



nkinpanucleo@gmail.com

Podcast “Diáspora, a Cor da nossa cultura em encontros e redes”.  
<https://www.megafono.host/podcast/1-o-que-e-diaspora>

1. Ellen de Paula é atriz, artista, educadora e produtora cultural. Joice Jane Teixeira é artista, educadora, cantora, militante e ativista. Suellen Ribeiro é atriz, artista, educadora e coordenadora artístico-pedagógica do Programa de Iniciação Artística

doce, de sussurrar segredo, de brincar, de rir e falar abobrinha, de fazer coceguinhas, birras e papeação. Tecnologias ancestrais de pertença e continuidade de vida. Nós somos nossas ancestrais, somos as presentes e também somos aquelas que ainda vão nascer. Comemos juntas esses tantos mundos físicos, alguns não-visíveis a olhos vestidos, sim vestidos, que não estão nus. Olhos vestidos de “um modo de ser colonial”, que não experimentam os sabores da esfera. Comem só de dia porque o alimento da noite, para esses olhos, é o erro, o selvagem, o pecado. Quem come de dia e de noite vive inteiro, come a esfera do mundo, come o visível e invisível, é exu, é corpo brincante, ritmado, pulsante, plural.

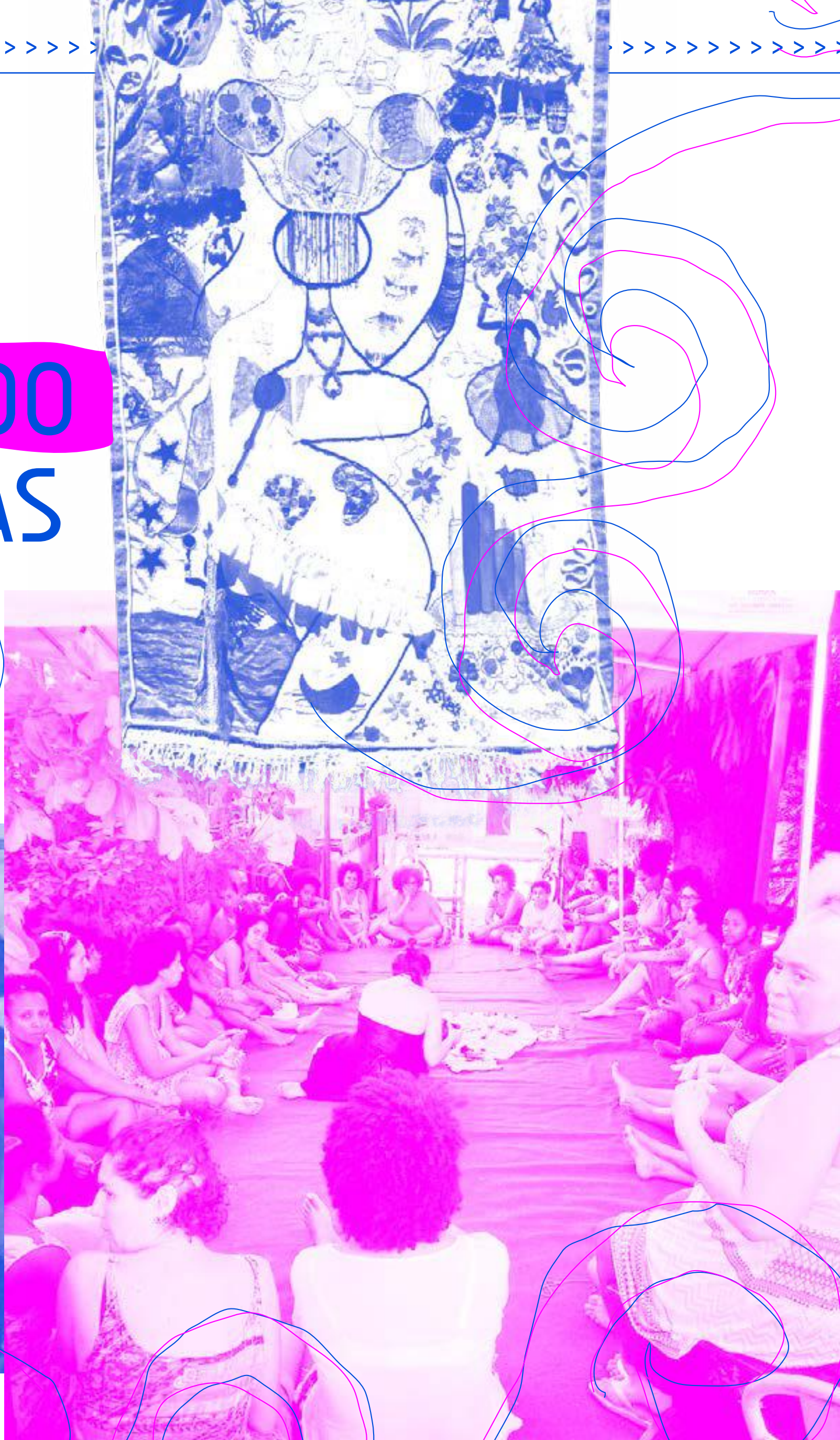
E daí com atenção, sentidos atentos, responsabilidade, e uma prática vibrando na ancestralidade, sopram os bons ventos, o Sol sagrado brilha: “Tia, a gente é preto, e é bantu!”; “Tia, vamos fazer uma roda de jongo?”; “Tia, olha, hoje eu vim com meu cabelo solto, tá bonito que nem o seu”.

Texto criado pelas integrantes da N’kinpa - Núcleo de Culturas Negras e Periféricas<sup>1</sup>: Ellen de Paula, Joice Jane Teixeira e Suelen Ribeiro. 12/07/2020. São Paulo.

Na construção de suas reflexões político-pedagógicas, a N’kinpa tem sido bulinada, entre outras referências, pelas epistemologias e vivências dos conhecimentos propostos por Sophie Oluwale, Oyewumi Oyeronke, Katiuscia Ribeiro, Renato Noguera, Luiz Rufino, Tiganá Santana, Bunseki FuKiau, Cheik Anta Diop, Molefi Kete Asante, Mogobe Ramose e Aza Njeri. ■

## QUINTAL DE PEDRA, BECOS FALANTES: QUANDO MULHERES E GUERREIRAS SE ENCONTRAM

POR DANIELA GOMES PELA COLETIVA MULHERES DE PEDRA



A SEDE DE MULHERES DE PEDRA É UM QUINTAL ENCANTADO. EM VOLTA DE UMA MANGUEIRA IMPONENTE E ACOLHEDORA, 3 CASINHAS ABRIGAM HÁ 21 ANOS AS AÇÕES DESSA COLETIVA DE ARTE, CUIDADO, EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA E CRIATIVA.

Fica em Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, há mais ou menos 60 quilômetros de distância do centro da cidade. Nos parece que sempre se soube do poder do nosso quintal. Sentíamos, sentimos: parece que somos transportadas para outra dimensão. A tal “outra dimensão” tem a ver com muitos registros de sensibilidade... Um deles é a dimensão afetiva, que se torna imensamente comovente no nosso espaço. A ponto de quem busca estar ali saber e se dispor a entrar em contato consigo por meio da participação ativa e comprometida de compor um ambiente coletivo.

Inventamos aquele primeiro encontro das nossas coletivas com o argumento de experimentarmos, num registro audiovisual, a conjugação de nossas mulheridades. Elas encheram nosso quintal, nossa cozinha, nossos quartos e banheiros, varandas, vizinhança. Marcaram nossas paredes de sangue e lutas. Mulheres com muitas guerras na ponta da língua, na superfície da pele, no ritmo sinuoso dos cabelos. Nos quebramos ao mesmo tempo: elas, apontando a mágica daquele silêncio calmo, em que se ouviam as folhas da mangueira farfalhando, os pássaros e até mesmo os raios do sol, a horizontalidade de caminhar perto do mar. Nós, subindo e descendo as ladeiras de suas narrativas sobre a força decidida de marcar o vermelho imposto aos caminhos, o ruído incessante dos ataques cotidianos, as gargalhadas estrondosas sobre o tédio imoral do patriarcado, a fome de quem não se contenta nunca com o raso. Nossas rachaduras





## MANIFESTO MÃE CORRERIA CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA?

POR MARIANA SALOMÃO



JÁ PROCUROU NA COZINHA, COZINHANDO PRA VOCÊ E MAIS SEIS PESSOAS FAMINTAS?  
LÁ NO FUNDO, LAVANDO ROUPA NA MÃO, COLOCANDO PRA QUARAR AQUELA MANCHA QUE VOCÊ FEZ?  
NO MERCADO, NA FEIRA, NA FILA DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL?  
NO PONTO DE ÔNIBUS ANTES DO SOL NASCER OU APERTADA E SENDO APALPADA DENTRO DE UM VAGÃO LOTADO?

Sempre atrasada, anda rápido, bolsas, sacolas e cabeça pesadas demais, se perguntando se esqueceu de algo ou se vai dar tempo, sempre.

É aquela ali, que sempre trabalha, sempre serve, sempre resolve, que alimenta, ouve, cuida, se preocupa, tem que lembrar de tudo e todos, que sempre provém?

Ou é aquela que é sempre empregada, mesmo quando desempregada, tem patrão, chefe, tem que bater um ponto eterno, até mesmo quando é a dona da casa, autônoma, empreendedora ou proprietária?

Mas ela É A MÃE, não foi ela quem escolheu?

Uma pessoa que nasce com um útero, com o poder de dar a luz, gestar uma vida, outra vida, ela tem uma vida, e é, antes de tudo, uma pessoa.

Ela tá ali, dançando, bebendo e se divertindo num sábado à noite, tentando se distrair sem pensar em nada, quando vem um alguém, muito preocupado:

### - MAS ONDE ESTÁ O SEU FILHO?

Tentando exercer a reintegração de seu próprio corpo, recuperar as tão desejadas borboletas no estômago, reinventar o seu auto amor, auto cuidado, tudo aquilo tão proclamado nos dias de hoje, exercitar uma “liberdade” de poder ser uma mulher em sua integridade, entre as frestas de uma maternidade forjada, solitária, quando, enfim, consegue deixar seu filho bem enquanto encontra um tempo pra si, esse tempo lhe é tomado: “encare a realidade - VOCÊ É MÃE!”.

Nossos corpos são legislados por homens, héteros, brancos e ricos, que nos quitaram o direito de escolha, nos impõem nossos papéis e, depois de parir, ganhamos uma maternidade compulsória, formatada no corretor automático do patriarcado que sufocam, em uma quase morte, a mulher que existia antes da mãe.

Como romper essas correntes se somos alicerces, provedoras, força motriz das comunidades aquilombadas e pulverizadas pelas periferias de nosso extenso país?

# TODA QUEBRADA É MATRIARCA!

Milhares de cidadãos se formam sem o reconhecimento paterno, lidam com abandono afetivo, são cuidados por suas mães, avós, tias, irmãs, que com a fortuna de “200 conto” por mês – o que não acontece via de regra –, vivem, criam e recriam essas configurações de famílias subjugadas, “desestruturadas” dizem os fazedores das leis, sob a força dos laços maternos, matriarcais e ancestrais.

A nossa realização é ver nossas crias correndo, com saúde e um sorriso no rosto, cuidados e amados, para se tornar uma boa pessoa para a sociedade. FIQUEM SEMPRE ATENTES, TODA CRIANÇA É COLETIVA! O cidadão é um ser dentro da comunidade, é peça nesse quebra-cabeça que se encaixa ou se desajusta dentro de algo comum a todos, então, nunca mais pergunte: CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA!

Estamos na luta, expandindo o nosso sentido de sermos mulheres, procurando ser pauta na fala de nossas manas, engendrando dentro de nossa luta o sentido de coletividade, assegurando que nossas crianças façam parte desse corpo, sem romantizar a maternagem e suavizando, assim, o peso do título de mãe.

Assegurados, não abandonados, vamos nos livrando da culpa – sombra severa que persegue toda mãe – retomando nossa subjetividade enquanto mulheres, caminhando juntas nessa luta em defesa de nossas corpos<sup>1</sup>, reexistindo enquanto matriarcas sim, no entanto sendo reconhecidas como as MÃES CORRERIA. ■

MARIANA SALOMÃO  
Extremo Sul de São Paulo, 2020.



## Mãe Correria

### MATERNAGEM

1. É O NOME DADO A ESSA MOCHILA, ESPECIFICAMENTE, ÚNICA E EXCLUSIVA, ELA CARREGA CONSIGO SUAS RESPONSABILIDADES, AS ALEGRIAS, SORRISOS, A VOZINHA DE SUA CRIA, OS MOTIVOS QUE A FAZ NÃO DESISTIR. MUITAS VEZES ELA PESA, COM CARGAS EXTERNAS QUE ELA TIRA PARA QUE NADA EMBARREIRE SEUS CORRES. SEU DIREITO IRREFUTÁVEL DE SER MULHER.
2. ELA É ARTISTA, GRAFFITEIRA, DA MÚSICA, DO CORPO, DOS FARÓIS, PROFESSORA, TIA DA COZINHA, CAIXA, DENTISTA, ADVOGADA, POETA, POLÍTICA, ELA É O QUE ELA QUER SER. SEMPRE PROTEGIDA PELA NOSSA SENHORA DO MATRIARCADO, SUA "MÄEDROEIRA". ELA BALANÇA A RABA ATÉ O CHÃO. NÃO TENTE JULGÁ-LA, ELA É MUITAS. ELO DE CORRENTE, CORRENTEZA.

### NÃO ESQUEÇAM

QUANDO VOCÊ ENCONTRAR UMA MÃE CORREIA, DÊ UM ABRAÇO, PERGUNTE SOBRE ELA, MOSTRE INTERESSE E RECONHECIMENTO POR ELA. SE ELA TIVER COM A CRIA, OFEREÇA PRA PEGAR NO COLO, BRINQUE, LEVE ELA PRA PASSEAR. PEÇA PRA CARREGAR SUA MOCHILA, COMPARTO O PESO, PARA QUE SEUS OMBROS DESCANSEM, COLABORE PARA QUE ELA MANTENHA SUA PULSAÇÃO VITAL EM SER ESSA MULHER QUE ELA CONQUISTOU.

@maecorreria

### ADJETIVO

1. DENOMINAÇÃO CONFERIDA A UMA MULHER PERIFÉRICA, EM SUA MAIORIA, QUE É MÃE, ASSUME, SABE E NÃO SE ESQUECE, PORTANTO, NÃO PRECISAS SER LEMBRADA DISSO;
2. ESTÁ NAS RUAS, EM MOVIMENTO, NA LUTA, FAZ ROLÊS, SEMPRE NOS CORRES, CARREGANDO EM SEUS OMBROS UMA MOCHILA.



1. Nome do projeto criado pelas profissionais do A Bordar Espaço Terapêutico.

# MEDITAÇÃO MENSAL

DE FLÁVIA ROSA



<https://youtu.be/BMs1Lxz6z2g>

**FORMATO:** ÁUDIO INSTRUCIONAL  
(BRASIL-2020)

**DURAÇÃO:** 3MIN E 35 SEGUNDOS

**ÁUDIO ORIGINAL:** PORTUGUÊS

**LEGENDA:** PORTUGUÊS/INGLÊS

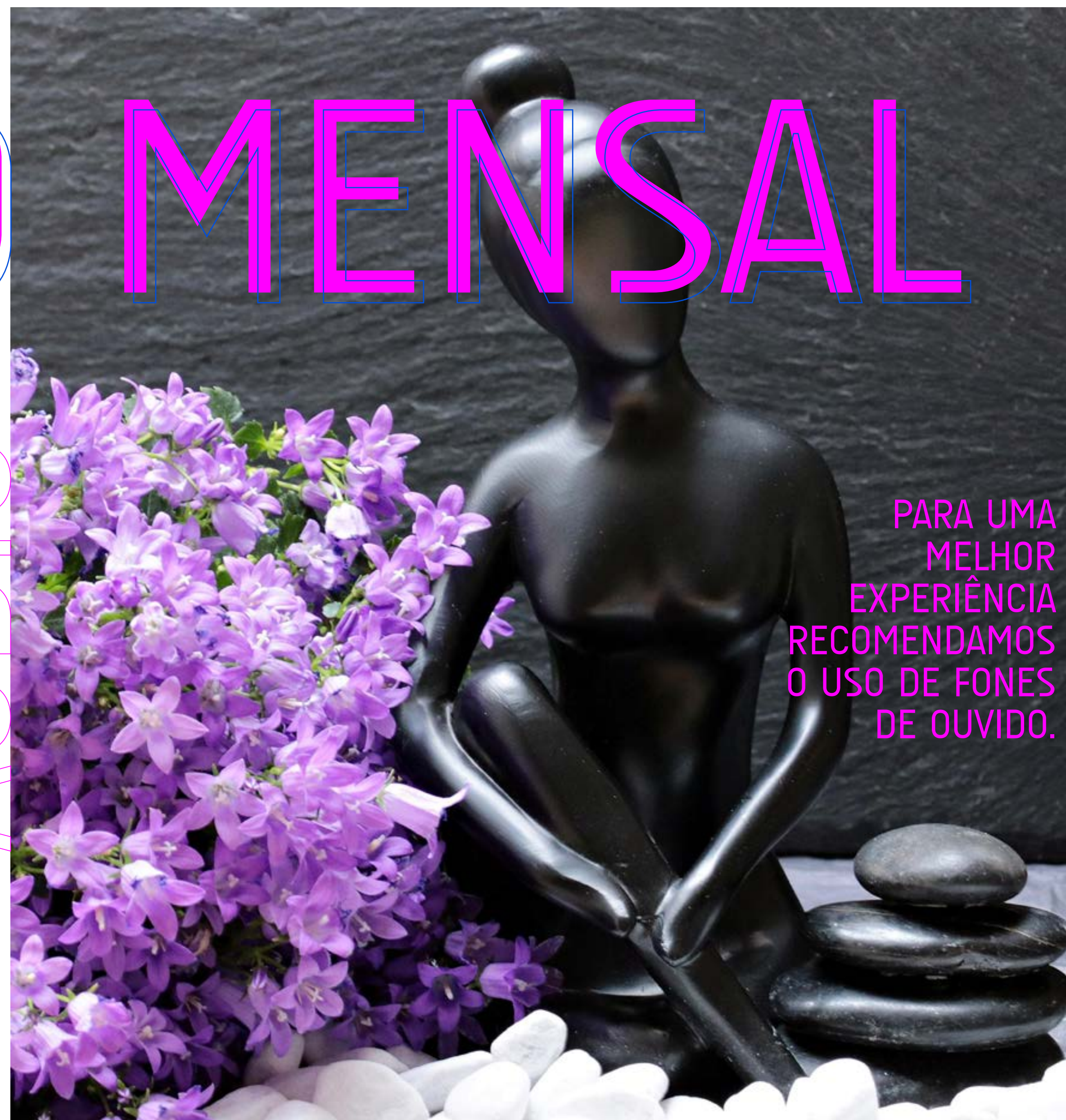
ÁUDIO

PARA UMA  
MELHOR  
EXPERIÊNCIA  
RECOMENDAMOS  
O USO DE FONES  
DE OUVIDO.

**TÍTULO:** MEDITAÇÃO MENSAL

**TEXTO, ÁUDIO E PRODUÇÃO:** FLÁVIA ROSA

**SINOPSE:** Nesta meditação guiada, a terapeuta Flavia Rosa, se dirige às mulheres convidando-as a reservar alguns minutos para conectar-se com o íntimo do seu corpo físico, afluindo sentidos, na intenção de experimentar-se. A meditação mensal estabelece uma conexão com os cinco sentidos, ampliando a forma de sentir, seja ela de dentro para fora ou de fora para dentro. Esse caminho é um lugar para acionar potência internas, à luz dos ensinamentos da escritora e intelectual Audre Lorde em seu texto “O uso do erótico como poder”. Acionar o erótico, na busca de empoderar, tornar as mulheres mais enraizadas, mais firmes, mais fluidas e grandiosas, formando uma conexão com a natureza essencial que habita cada uma.



# MULHERES CATADORAS

DE MARA SOBRAL



<https://youtu.be/1W4PtPVIP54>

**FORMATO:** DEPOIMENTO (BRASIL-2020)  
**DURAÇÃO:** 33 SEGUNDOS  
**ÁUDIO ORIGINAL:** PORTUGUÊS  
**LEGENDA:** PORTUGUÊS/INGLÊS

VIDEO



**TÍTULO:** MULHERES CATADORAS  
**IMAGEM E VOZ:** MARA SOBRAL  
**PRODUÇÃO:** MARA SOBRAL

**SINOPSE:** No contexto da pandemia de COVID-19, com vídeo gravado na Cooperativa de Catadores, local onde é realizada a triagem e separação de materiais recicláveis, Mara Lucia Sobral revela o cenário e as condições de trabalho de mulheres que representam um setor da sociedade que não podem fazer o isolamento social, enfrentando novos desafios e riscos para garantir a sobrevivência. Esse vídeo foi gravado com aparelho celular. O vídeo apresenta baixa resolução e parte do áudio está comprometida. Para melhor aproveitamento do conteúdo, sugerimos a leitura das legendas e o uso de fones de ouvido e aumento do volume máximo no aparelho eletrônico utilizado para acesso.

**PARA CONHECER MAIS SOBRE O TRABALHO DE MULHERES CATADORAS INDICAMOS:**

<https://www.youtube.com/watch?v=fhScgVnaYVw&t=7s>

QUANTO TEMPO UMA IMAGEM DEMORA PARA SE FORMAR NO HORIZONTE? NO COTIDIANO APRESSADO DA QUEBRADA, AS IMAGENS SE FORMAM DIANTE DOS OLHOS DAS MULHERES, QUE AS MIRAM ENQUANTO SÃO TAMBÉM MIRADAS COMO IMAGENS PELOS OLHOS DE OUTRAS. COMO UMA FRESTA NO TEMPO, MIR(AR) É UM CONVITE À PAUSA E AO SILÊNCIO EM MOVIMENTO.

MIR(AR)



# BREJEIRA

DE DAYANE FERNANDES



<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

FOTOGRAFIA  
20 IMAGENS  
ANO 2018  
ALAGOA GRANDE\_PB

PRODUÇÃO: DAYANE FERNANDES  
PESQUISA: DAYANE FERNANDES  
FOTOGRAFIAS: DAYANE FERNANDES  
REGISTRO DE PARENTES, AMIGAS E  
VIZINHAS DA FAMÍLIA





# DESCOLONIZAR A MENTE, O CORPO Y O ESPYRYTU: PARA NÃO SER MAIS FEITAS DE LAÇOS, MORDIDA POR CÃES, JOGADAS NO MUNDO

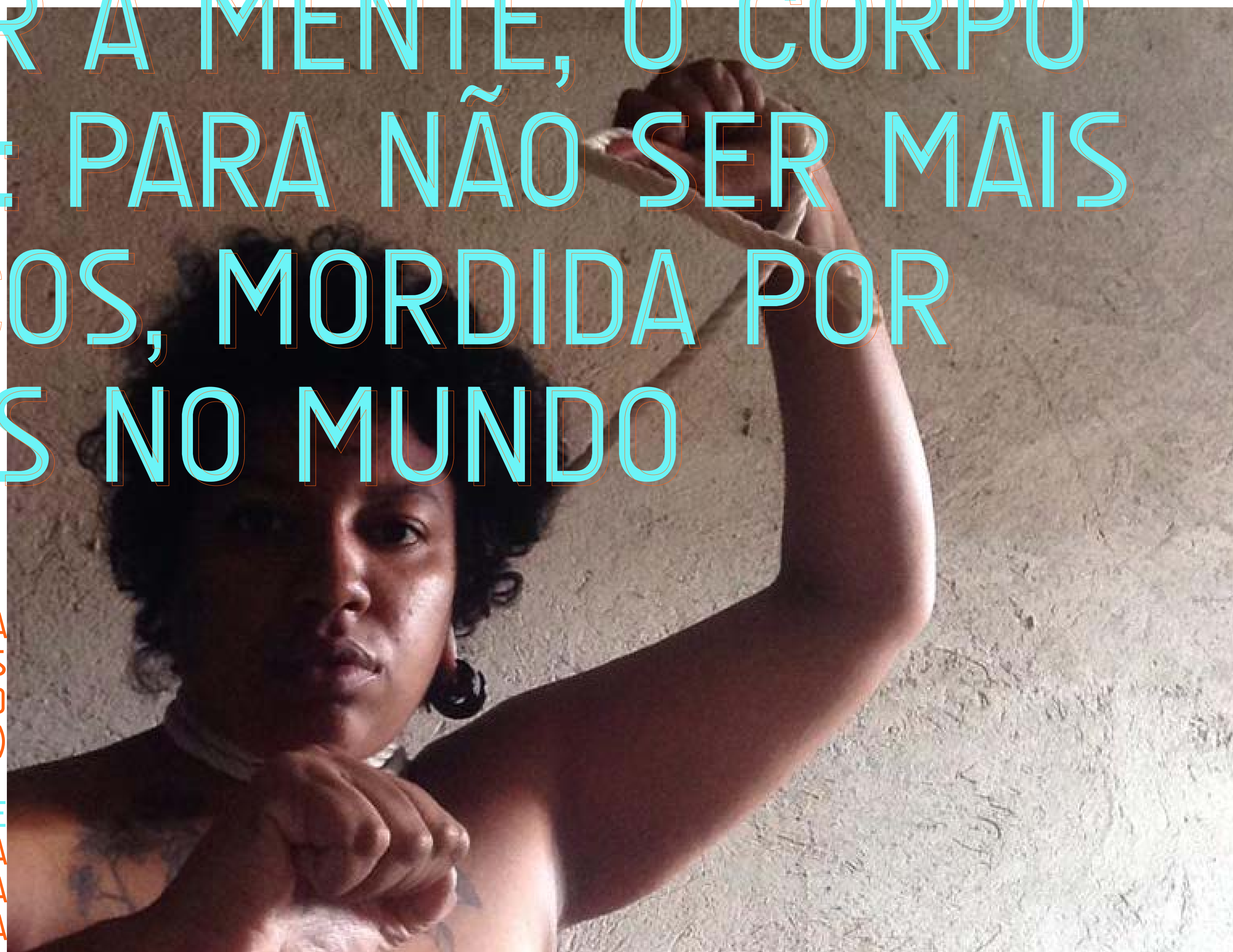
DE MAHU LIMA



<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

FOTOGRAFIA  
9 IMAGENS  
ANO: 2020  
(SÃO PAULO\_SP)

PESQUISA E  
PERFORMANCE: MAHU LIMA  
PRODUÇÃO: MAHU LIMA  
FOTOGRAFIAS: MAHU LIMA



# ORIKILOMBO

DE MARA MBHALI



<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

FOTOGRAFIA  
9 IMAGENS  
ANO: 2017  
(SÃO PAULO\_SP)

PESQUISA: MARA MBHALI  
PINTURA CORPORAL: MARA MBHALI  
PRODUÇÃO: MARA MBHALI  
FOTOGRAFIAS: MARA MBHALI E PRETO  
MODELOS: BÁRBARA MAGALHANIS,  
FERNANDA SANTANA, JULIO CÉSAR,  
LIDIANE, MAGDA SANTOS, MARA MBHALI  
LOCAL: SAÍDA DO BLOCO ILÚ INÃ NO  
APARELHA LUZIA / ESTUDIO



# PERIFERIA SEGUE

# SANGRANDO



<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

FOTOGRAFIA  
20 IMAGENS  
ANO: 2018  
(SÃO PAULO\_SP)

CURADORIA: REVISTA QUEBRADA INTEIRA  
FOTOGRAFIAS: DAYANE FERNANDES  
PRODUÇÃO: PERIFERIA SEGUE SANGRANDO  
CORTEJO PELAS RUAS DO JD. IBIRAPUERA  
PARTICIPAÇÃO: MARACATU BAQUE ATITUDE



# BAQUE ATITUDE

DE MARACATU BAQUE ATITUDE



FORMATO: VÍDEO ARTE (BRASIL-2020)  
DURAÇÃO: 2MIN E 31SEGUNDOS  
ÁUDIO ORIGINAL: PORTUGUÊS  
SEM LEGENDA

<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

TÍTULO: BAQUE ATITUDE  
PRODUÇÃO, GRAVAÇÃO, EDIÇÃO E DANÇA:  
BAQUE ATITUDE E LUCAS ANDRADE

SINOPSE: trecho da apresentação do grupo de Maracatu Baque Atitude, demonstrando a força dos alfaias, tambores ancestrais que evocam a força cultural do maracatu de baque virado, ritmo afro percussivo característico do estado de Pernambuco.

VÍDEO



PARA UMA MELHOR EXPERIÊNCIA RECOMENDAMOS O USO DE FONES DE OUVIDO.

# ANTES DA MÁSCARA JÁ HAVIA ASFIXIA

DE MARIANA SALOMÃO



<https://ehcho.org/conteudo/revista-quebrada-inteira>

PINTURA  
8 IMAGENS  
ANO: 2020-2021  
(SÃO PAULO\_SP)

ARTISTA: MARIANA SALOMÃO  
TÉCNICA MISTA: LÁPIS, CANETA, LÁPIS DE  
COR SOBRE PAPEL E COLAGEM  
DIGITALIZADO



QUEBRADA INTEIRA, CONSTITUÍDA DE MUITAS P(ARTE)S E NELAS ESTAMOS NÓS. CADA UMA, UMA VIDA, UMA HISTÓRIA, UMA P(ARTE), MOSAICO DE GENTES, TRAJETÓRIAS, ENCONTROS E DESENCONTROS. ATRAVESSADAS PELAS MAZELAS E DESCAMINHOS, MAS NÃO SÓ! É NA ENCRUZILHADA QUE DESDOBRAMOS ARTE. DESDE A ARTE DIÁRIA DA SOBREVIVÊNCIA, DE REINVENÇÃO DOS PERCURSOS E DOS LUGARES DE CHEGADA, SOMOS P(ARTE), PRODUZINDO ARTE, CULTURA, MOVIMENTOS E, SOBRETUDO, CULTIVANDO A ESPERANÇA DE FLORESCERMOS COMO CORPO DE BANDO PLENAMENTE NA ARTE DA VIDA.



# P(ARTE)

# ARTE

# COLABORADORAS



ELLEN DE PAULA



CAROLINA ITZA



DAYANE FERNANDES



ALESSANDRA TAVARES



SULAMITA ASSUMÇÃO



JENYFFER NASCIMENTO



SILVANA MARTINS



CAPULANAS CÍA DE ARTE NEGRA



MARA SOBRAL



DANIELLE REGINA DE OLIVEIRA



ARAILDA CARLA



MILENA MATEUZE



DÉBORA MARÇAL



MAHU LIMA



MAYARA JARBITHA



LUANA OLIVEIRA



MARIA EDIJANE ALVES



NAYRA LAYS



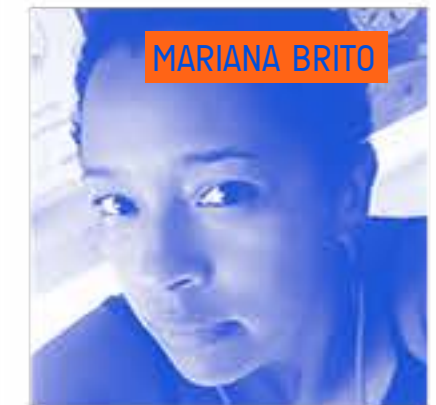
ADRIANA PAIXÃO



JULIANA SANTOS



CARMEM FAUSTINO



MARIANA BRITO



MULHERES DE PEDRA



ALINE ANAYA



FERNANDA GOMES



MARIANA SALOMÃO



A BORDA ESPAÇO TERAPEUTICO



MARI MBALI



PRISCILA OBACI



FLÁVIA ROSA



FERNANDA MIRANDA



ANABELA GONÇALVES



BAQUE ATITUDE



JÚLIA FERREIRA



COLETIVO N\_KINPA



LÍGIA HARDER



ELAINE LIMA



BRUNA GALICHIO



DANIELLE BRAGA



ANDRÉIA ARRUDA



YASMIN GONÇALVES



MARTINIANA SOUSA

CLARICE DE LA SIENA



DANDARA KUNTÉ



FORMIGÃO



DAYSE OLIVEIRA



CRISTIANE UCHÔA PINHEIRO



COLETIVA LUANA BARBOSA

### ABORDAR ESPAÇO TERAPÊUTICO

Coletivo formado por quatro mulheres periféricas, moradoras do extremo sul da cidade de São Paulo, graduadas em psicologia, buscando bordar meios e formas para a construção de processos de deselitização da saúde mental na periferia. Em junho de 2018, decidiram investir na criação de um espaço terapêutico acolhedor à população periférica. O coletivo tem a Ancestralidade, o Bem-viver, a Coexistência e a Valorização das Produções de Conhecimento na Periferia, como pilares de atuação.

### ADRIANA PAIXÃO

É atriz, cientista social, arte-educadora, professora de sociologia, pesquisadora e articuladora cultural, mestranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atua na Capulanas Cia de Arte Negra desde 2007, sendo co-fundadora, integrante do núcleo cênico e atriz-pesquisadora. Seus principais interesses estão nas áreas da arte-educação, sociocultural, de direitos humanos e em iniciativas que fomentem as políticas públicas, questões étnicas e de gênero, acesso à informação, autonomia e educação popular. Rede social: [https://www.instagram.com/adriana.paixao\\_capulanas/](https://www.instagram.com/adriana.paixao_capulanas/)

### ALESSANDRA TAVARES

Alessandra Tavares, moradora da zona sul de São Paulo, feminista, professora, mestranda em Antropologia Social, formada em Ciências Sociais, atualmente atua como formadora em Educação e Justiça Restaurativa. Estuda os marcadores sociais da diferença com ênfase em gênero e raça. Apaixonada pela América Latina, viagens e pela beleza das pessoas, dos lugares e da arte.

### ALINE ANAYA

Aline Anaya é pedagoga, poeta, atriz, produtora cultural e diretora audiovisual, integra o sarau Versos em Versos e Slam do Bronx. Escrevente das inquietações pretas e periféricas, atua desde a adolescência em frentes artístico-políticas dentro de seu território, localizado na zona sul de São Paulo. É integrante da produtora autônoma de audiovisual Goma Kaya.

### ANABELA GONÇALVES

É socióloga com extensão em estudos da Genealogia do gênero, pela PUC-SP, com experiência em gerência de projetos, planejamento e acompanhamento de equipe de ação e educadora. Atua como gerente de serviço do Centro de Juventude Julita e presidenta da Organização Social Bloco do Beco. Anabela possui 20 anos como ativista na Periferia Sul, com ações na área de gênero, política e cultura, em coletivos como KATU de educação, Fala Guerreira e Periferia Segue Sangrando.

### ANDREA ARRUDA

É mulher periférica, mãe, educadora popular, psicóloga e pedagoga. Participa de coletivas feministas como Periferia Segue Sangrando e Escola Feminista Abya Yala.

### ARAILDA CARLA

Seu primeiro nome, Arailda, significa arando a terra; o sobrenome Carlos herdou do pai e, para simplificar, apresenta-se como Arailda Carla. Tem 48 anos, veio para São Paulo aos 18 para ficar três meses e está aqui até hoje. Nasceu na cidade de Água Branca, no Estado do Piauí. Depois de alguns anos em São Paulo, trabalhou como empregada doméstica e metalúrgica em gráfica. Depois disso, ela e seu companheiro decidiram embarcar em um sonho de implantar um projeto cultural e, assim, em 2002, nasce a Associação Cultural Bloco do Beco. Como fundadora, passou por vários processos de aprendizagem, mas o que a ajudou neste anos foi que, como uma boa nordestina, assumiu o lema de nunca desistir dos objetivos. Hoje no Bloco do Beco faz parte da gestão, é coordenadora do projeto Bloquinho do Brincar/Biblioteca Luíza Erundina, já foi presidenta do Bloco do Beco e faz parte de coletivas feministas de luta. É ainda pedagoga e brincante de formação, gosta de música, de cantar, viajar, praia e muitas amigas.



## BAQUE ATITUDE

O Baque Atitude é um grupo de estudo e prática de Maracatu de Baque Virado, fundado em 2009, no Jardim Ibirapuera, periferia da zona sul de São Paulo, composto majoritariamente por jovens de 15 a 29 anos. O Baque Atitude dissemina o ritmo de matriz afro-brasileira, tocando diversos batuques, desde as típicas cirandas e cortejos irreverentes, às ancestrais batidas dos terreiros tradicionais. Os integrantes do Baque Atitude se consideram uma família e estão sempre preparados para tocação, pois a energia que flui e perpetua entre eles é o AMOR - ou, como costumam dizer, "Do meu coração, para o seu coração".

## BRUNA DOS SANTOS GALICHO

Moradora da periferia sul de São Paulo, doutoranda em Antropologia Social (USP), mestra em Antropologia Social (USP) e formada em Ciências Sociais (UNIFESP). Atualmente pesquisa os modos de circular e de fazer cidade através dos trajetos cotidianos das mulheres que vivem na periferia sul de São Paulo. Interessa-se por temas como relações raciais, de gênero, sexualidade e violência.

## CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA

Capulanas Cia de Arte Negra atua há 13 anos na periferia da cidade de São Paulo, construindo e reconstruindo imaginários possíveis às mulheres negras a partir do teatro negro feminino periférico. Formada por Adriana Paixão, Débora Marçal, Flávia

Rosa e Priscila Obaci, suas integrantes seguem interessadas em dialogar com a sociedade sobre os anseios e percepções de mulheres negras. Nesses 13 anos, a Cia foi contemplada por 10 editais, sendo eles: 1 Programa VAI, 1 Proac, 2 Editais de Intercâmbio Cultural MINC (atualmente extinto), 1 Ponto de Cultura, 4 Fomentos ao Teatro para a Cidade de São Paulo e 1 Fomento à Cultura da Periferia. Produziram, ainda, 3 livros, 2 documentários, 1 minidocumentário e 1 vídeo-arte. Já se apresentaram em Salvador, Rio de Janeiro e realizaram um intercâmbio em Moçambique. Atualmente a Cia desenvolve o projeto Goma Capulanas - Espaço Potencial de Vida, contemplado pela 4ª edição do Edital de Fomento à Cultura da Periferia, da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo. O grupo tem sua sede, a Goma Capulanas, no Jardim São Luís, bairro localizado na periferia da Zona Sul de São Paulo.

## CARMEN FAUSTINO

Carmen Faustino é mulher negra periférica de fé, poeta e escritora, educadora, gestora sócio-cultural e ativista em São Paulo. É pesquisadora das culturas negras e periféricas e atuante no cenário cultural negro e periférico. É uma das idealizadoras e articuladoras do Núcleo Mulheres Negras - O amor cura, de vivências e cuidado coletivo entre mulheres negras. Coordena o projeto Baobá - Fortificando Raízes, de formações sobre África e Africanidades, na perspectiva da Lei 10.639/2003. Integra o coletivo Samba Sampa e o grupo artístico Masmembas de Ialodês. Desenvolve ações e projetos de valorização da presença e das narrativas de Mulheres Negras na Literatura. É autora do livro Estado de Libido ou poesias de Prazer e cura (2020) e co-organizadora e editora das publicações Pilar Futuro presente -

Uma antologia para Tula (2019), Coleção Samba Escritos (2018), Mulheres líquido - Os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra (2015), Terra Fértil (2015) e Pretextos de Mulheres Negras (2013). Participa das antologias Inovação ancestral de Mulheres Negras (2019), Griots da Diáspora Negra (2017), Além dos quartos (2015) Feminina - Periferia um pedaço da África (2015) e das revistas O Menelik - 2o Ato (2014), Fala Guerreira (2015 e 2018), e Sujeitos, frutos e percursos - Projeto jovens facilitadores de práticas restaurativas (2017).

## CAROLINA ITZÁ

Carolina Teixeira (ITZÁ) é grafiteira, artista visual e educadora. Atua há 15 anos ilustrando e pintando no mundo, e sua última exposição foi ENCRUZA, no Espaço Clariô. Apresentou trabalhos em exposições coletivas e individuais, dentre elas a "1ª Mostra Cultural da Cooperifa" (2008), o "1º Encontro de Mulheres das Periferias" (2010), Dia do Graffiti na Ação Educativa (2015), Oficina Cultural Alfredo Volpi, Grafiterritórios no Sesc Santana, Corpa Negra no Sesc Itaquera, entre outros. Já ilustrou diversos livros, com destaque para Contos de Yõnu, de Raquel Almeida, e Sensualidade de Fino Trato, de Tula Pilar. Integra os coletivos Periferia Segue Sangrando, 8M na Quebrada e Fala Guerreira! Realiza rodas e ações de intervenção urbana coletivas com mulheres e dissidentes de gênero, discutindo pertencimento, território, corpo, pautada no desenvolvimento de uma pedagogia feminina através da residência artística autônoma "Útero Urbe". Bacharel em Ciências Sociais pela USP e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

## CLARICE DE LA SIENA

Clarice de la Siena é Corinthiana, ativista, formada em Serviço Social. Faz pesquisas relacionadas às questões de futebol e gênero e a mulher na torcida.

## COLETIVA LUANA BARBOSA

A Coletiva Luana Barbosa nasceu em abril de 2016, logo após o assassinato de Luana Barbosa dos Reis. Atualmente é composta por 4 mulheres negras, afroindígenas e lésbicas. Durante esses anos, a Coletiva contribuiu com a construção política de alguns segmentos da cidade, como a Marcha das mulheres negras e a Caminhada de lésbicas e bissexuais de São Paulo. Responsáveis pela criação e produção do Documentário "Eu sou a Próxima" (2017), a Coletiva Luana Barbosa também criou a festa Sarrada no Brejo, que tem como exclusividade de público mulheres lésbicas e bissexuais.

## CRISTIANE UCHÔA PINHEIRO

Cristiane Uchôa Pinheiro, mulher nordestina periférica, mãe do Luiz Miguel, psicóloga pela Universidade Anhanguera de São Paulo, membro do NIPED (Núcleo de Intervenções Psicológicas em Emergências e Desastres) e Facilitadora em mediações de conflito na Prática de Justiça Restaurativa.

## DANDARA KUNTÊ

Nasceu na periferia de São Paulo, no Jardim Ingela, é escritora, atriz, performer, produtora cultural e graduanda em Ciências Sociais. É pesquisadora de

artes negras e de experiências artísticas, políticas e sociais do ativismo negro e periférico. Um dos temas de seu estudo artístico é o cárcere na perspectiva das mulheres negras. Atualmente é integrante da coletivas Fala Guerreira, Núcleo de Mulheres Negras e 8M na quebrada. Criadora das Escritas da Observação, participou das antologias literárias "Narrativas Negras", idealizada pelo Sarau das Pretas (2020), "Erupções Feministas Negras", idealizada pela coletiva Louva Deusa (2019) e "Ser prazeres" (2020), "Pilar Futuro e Presente" (2019) e "Escritas Femininas em primeira pessoa" (2020), estas últimas idealizadas pela Oralituras Editora. Seu último trabalho solo, Poéticas Negras do Cotidiano, foi realizado durante a pandemia de COVID-19, na Praça da Sé, zona central da cidade de São Paulo, provocada pela falta de olhar para essa população em meio a crise sanitária, aos horrores do mundo e a violência escancarada a céu aberto.

## DANIELLE REGINA

Danielle Regina de Oliveira, do Jardim São Luís, já se juntou com muitas mulheres da zona sul em ações como a Mostra das Rosas, Periferia Segue Sangrando e Fala Guerreira, entre outras tantas sem nome. Formada em Ciências Sociais pela UNIFESP e mestra em Sociologia pela Unicamp, ama estudar, pesquisar, debater, criar, sentir o cotidiano como proposta de conhecimento que pode despertar para outros mundos possíveis. É encantada pela sabedoria, força e doçura de "nós, mulheres das periferias-mundo". Acredita na construção da autonomia rebelde, principalmente "pelo afeto, pela dignidade de nossas memórias, pela revolta, pela espiritualidade e pela (re)criação de nossos territórios (corpo, terra, tudo que habitamos)"

## DAYANE FERNANDES

Dayane Fernandes é cria da zona sul da cidade de São Paulo, neta de nordestinos, cientista social de formação e antropóloga do compartilhamento de saberes e experiências. Apaixonada por cultura e arte, encontrou na fotografia uma possibilidade de expressão, a linguagem através da qual procura trabalhar suas reflexões e suas dúvidas, as pequenas felicidades e também suas angústias. Por meio do olhar antropológico, tem desenvolvido pesquisas sobre as artes produzidas nas periferias de São Paulo, em especial a produção cultural de mulheres na fotografia e no audiovisual, abordando temas transversais para além da questão de gênero, tais como raça, classe e sexualidade.

## DAYSE OLIVEIRA

gosta de se chamar dayse porque nenhuma letra se repete no nome. seu amor às letras e às palavras é estruturante, assim como o desejo e curiosidade em aprender as gentes e seus mundos. cria do Capão Redondo, quebrada que a ensinou mais de uma vez a falar. no caminho das letras e palavras se tornei jornalista, revisora e, num futuro sonhado, será também professora. é um caminho cheio de curvas e aprendizados colhidos no passo a passo e seu rezo é para que seja sem volta e sem fim.

## DÉBORA MARÇAL

Débora Marçal é performer, artista da dança e do teatro, costura, cozinha e derrete metal. cursou Comunicação das Artes do Corpo na PUC-SP e Licenciatura em Dança na FPA. Pesquisadora cênica, fundou com outras manas a Capulanas, o Movimento Mercedes Batista e o Instituto Umoja

e idealizou Preta Rainha e Macuas Cia Cênica. Atua como intérprete na Corpórea Cia de Corpos e como coreógrafa e diretora de dança no Bloco Afro Afirmativo Ilú Inã. Publicou textos, poesias e escritos em livros e coletâneas de dança, teatro, biografias de mulheres negras, poesias femininas de quebrada, arte e política. É intérprete criadora de dois solos de dança negra contemporânea, contracenou com Léa Garcia no curta e no longa "O dia de Jerusa". Adepta ao conceito "mete o loco ponto com", estuda e pratica joalheria, ciências menstruais, estratégias de monetização de mulheres na quebrada, figurinagem, saúde integrada, artes visuais e o que mais fizer sentido.

## ELAINE LIMA

Pedagoga com especialização em História e Cultura Afro-brasileira e indígena para Educação, é mãe periférica, moradora e atuante no território de Capão Redondo com mulheres em situação de vulnerabilidade, articuladora no território de Capão Redondo com eventos e projetos socioculturais e assistente de pesquisa no projeto "Violências de gênero, violações de Estado: Um estudo sobre formas de governar territórios e corpos", do Núcleo de Estudos de Gênero (PAGU/Unicamp).

**ELLEN DE PAULA** é gestora social, produtora cultural, professora e atriz. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Idealizadora, Diretora e Curadora do "Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo". Trabalha há 15 anos no campo das artes, cultura e educação, com foco nas políticas, poéticas e pedagogias do corpo e nos direitos das infâncias, adolescências e juventudes. Atualmente é Coordenadora Executiva

da Viração Educomunicação e atriz colaboradora do Núcleo Negro de Pesquisa e Criação".

## FERNANDA GOMES

Atriz, percussionista, aspirante a dramaturga e assistente social. Tem interesse pela pesquisa sobre lesbianidade negra e lesbocídio. Atualmente é integrante da Coletiva Luana Barbosa e Ybyra TO, além da rede 8M e Periferia Segue Sangrando.

## FERNANDA R. MIRANDA

Fernanda R. Miranda é baiana de Bom Jesus da Lapa, mas vive na cidade de São Paulo desde criança. É bacharela, mestra e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde neste momento desenvolve pesquisa de Pós-doc. Em 2019 defendeu a tese "Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): Posse da História e colonialidade nacional", publicada no mesmo ano pela editora Malê sob o título "Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)". Sua dissertação de mestrado dedicou-se ao estudo da obra publicada da escritora Carolina Maria de Jesus. Publicou "Carolina Maria de Jesus: literatura e cidade em dissenso" pela Editora da Cidade, em 2017. Estuda, escreve e debate temas em torno da autoria negra na literatura brasileira, cânone e silenciamento, descolonização da narrativa. Compõe o Conselho editorial responsável pela publicação da obra completa de Carolina Maria de Jesus pela Cia das Letras.

## FLÁVIA ROSA

Flávia Rosa, nascida e criada na periferia da zona sul de São Paulo, especificamente na região de Santo Amaro. Brincante das artes negras na dança, na atuação, no canto e nos experimentos escritos, Arte-educadora,

Terapeuta Corporal e Protética. "Artivista" das questões raciais, onde impulsiona seu gosto e desgosto nas artes negras e mobiliza roda com mulheres. É também co-fundadora da Capulanas Cia de Arte Negra, que existe há 13 anos na cena do Teatro Negro de São Paulo, e integra, pelo mesmo tempo, o grupo Instituto Umoja Brasil de Culturas Negras Populares em São Paulo. Flávia afirma que "a arte é o candeeiro que ilumina meus passos no caminho de volta pra mim!".

## FORMIGÃO

formigão (antigamente formiga) é poeta y eskritor, fanzineiro, sapatão, kapoeira pele parda, 30 ano (out/1990) kontrariando as estatística, cria do extremo sul da zona sul de são paulo. teve poema publikado nas seguintes antologias: perifeminas coletânea de mulheres no hip-hop, em 2013, além dos quartos coletânea de literatura negra erótika feminina, de 2015, poemas para combater o fascismo, de 2018, coletânea sarau das minas, de 2019, y a resistência dos vaga-lumes também de 2019. komo trampos individual, publikou o fanzine de poesias autorais aversão poética, de 2012 a 2015, o livreto eu-lésbika pela edições herética, em 2014, o fanzine seis sentidos, em 2016. edições formigueiro é sua distro de fanzines toskos y marginais, desde 2017 na rua. lançou o kuadrinho autobiográfico chamado lesbo ódio, até agora kom 7 números, trampo pela edições formigueiro. em 2018, também rolou o lançamento do livro de poesias aortal chamado afro latina, pela padê editorial. publikou ainda o zine de poema erótiko, tatear, pela edições formigueiro, em 2020.

## JENYFFER NASCIMENTO

Jenyffer Nascimento é mãe, poeta, escritora, feminista e educadora popular. Nascida no estado de Pernambuco,

foi criada em São Paulo, na periferia sul da cidade. Tem no território sua inspiração na vivência cultural, artística, política e afetiva tão pulsante. É uma das escritoras negras da cena contemporânea, em seus escritos versa sobre cotidiano, os amores, os desejos, as lutas e os sonhos de futuro. Em 2019, ganhou em primeiro lugar, por voto popular, o prêmio Escritor da Periferia, pelo "Suburbano Convicto". Seu primeiro livro, Terra Fértil, foi publicado em 2014 pelo coletivo MJIBA, e participou de publicações no Brasil, Chile e França. Foi co-organizadora da Revista Fala Guerreira, é membro da rede de mulheres Periferia Segue Sangrando e 8M na Quebrada. Tem sido uma articuladora de redes de mulheres negras e periféricas ao longo dos últimos dez anos, conectando e criando pontes entre o possível e o improvável, entre as margens.

## JULIA FERREIRA

Julia Ferreira, 25 anos, é residente da zona sul, periferia de São Paulo. Iniciou na fotografia aos 18 anos através da curiosidade em desvendar a máquina fotográfica. A construção do trabalho audiovisual aconteceu dentro dos movimentos políticos e culturais de seu território, localizado no Jardim Monte Azul. Viajou para alguns estados fotografando diversas manifestações artísticas, incluindo teatro, saraus, slams e danças de rua, aprofundando e aperfeiçoando ainda mais sua paixão pela captação de imagem e som. Atualmente, se dedica ao projeto autônomo Goma Kaya, uma produtora audiovisual que traduz e marca o olhar de uma mulher periférica no mundo.

## JULIANA SANTOS

Pedagoga e educadora, cria de quebrada, sapatona e ariana. Gosta de pensar e viver a vida dialogando

com as ideias e perspectivas sobre: comunidade, educação, afeto e cura. Escreve porque existe e resiste, em busca cada vez mais de conexão e cura com sua ancestralidade, é pesquisadora autônoma sobre arte negra indígena brasileira e saberes ancestrais. Massoterapeuta (YMA) em busca de autocuidado, tratamento e cuidado com a própria comunidade.

## LÍGIA APARECIDA

Lígia Aparecida Sales de Oliveira é filha de Dona Teresa e seu Francisco, nascida em São Paulo no dia 17 de maio de 1965. É mãe de duas mulheres e avó de dois meninos, moradora da periferia de São Paulo, onde leciona na Rede Pública Estadual como professora de História.

## LUANA OLIVEIRA

Luana Oliveira é paulistana, mãe solo, mulher de quebrada, militante feminista periférica, professora da Rede Pública Estadual de São Paulo. Integra a rede de mulheres da zona sul de São Paulo e, desde 2015, faz parte da Coletiva Periferia Segue Sangrando. Colaboradora no Coletivo Maga Slam, que é composto por jovens poetas e poetisas, estudantes da Escola Estadual Professor Luís Magalhães de Araújo, onde leciona aulas de Geografia. Mestranda em Sociologia, no Programa de Pós Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atualmente pesquisa sobre gênero e sexualidade, com um projeto sobre a experiência da maternidade solo para mulheres moradoras das periferias da zona sul de São Paulo.

## MAHU LIMA

Filha de Fátima, neta de Djanira e Ediomar. Nascida e crescida na Zona Sul, hoje moradora da Zona Oeste. Pataxó, mãe, membra da coletiva Anarcopunk Aurora Negra, gestora

do Centro de Cultura Social da Vila Dalva, coletiva de Leitura Maranhã, vocalista da banda Zeferina Atak, poetisa, percussionista, criadora da Pretindia Atri Kozinha.

## MARA MBHALI

Mara Mbhali é museóloga, historiadora da cultura em diáspora, artista plástica e audiovisual, nascida e criada no Morro do Delinquente, zona sul de São Paulo. Deu início aos estudos que coleta resquício de referências da arte africana na diáspora Brasil e como essa arte ainda se mantém com o processo de apagamento histórico – desse estudo nasce seu trabalho artístico OriKilombo.

## MARA SOBRAL SANTOS

Mulher preta de axé, filha de uma baiana que acredita na vida e no bem viver, sua trajetória inicia como menina de rua, se tornou catadora de materiais recicláveis, aprendendo e consolidando a profissão em São Paulo. É mãe de todes, avó e lutadora, aprende todo dia seu papel na sociedade. Considera que seu trabalho é para reciclar histórias e foi graças à luta que conseguiu se movimentar e isso é o que mantém suas raízes e ancestralidade. Atualmente trabalha na Secretaria Estadual de Mulheres Catadoras, é integrante das Negras em Marcha SP e Movimento Negro Unificado e afirma que “juntas lutamos contra o racismo, a violência e pelo bem viver”.

## MARI BRITO

Mariana de Brito, 35 anos, nascida e criada na periferia da zona sul de São Paulo, sendo criada por sua mãe e sua avó. Educadora, mesmo antes de se formar em Educação Física, dançarina e articuladora social e cultural. Fez e faz parte do Núcleo de

Mulheres Negras, Periferia Segue Sangrando e Revista Fala Guerreira, e segue buscando no encontro com as mulheres periféricas o sentido para a minha existência e resistência.

## MARIA EDJANE

Maria Edijane A. de Lacerda, brasileira, 40 anos. Nascida em São Paulo, é mãe, educadora social, integrante do Coletivo Baobá – Fortificando as Raízes, Integrante do Núcleo de Mulheres Negras (Zona Sul), assistente social e gestora do serviço de assistência social à família – SASF Capão Redondo III.

## MARIANA SALOMÃO

É mulher periférica, arte-educadora na rede pública de ensino há quase 20 anos, grafiteira e mãe solo do Tom aincritom. Atua nas ruas como Mãe Correria, ressaltando o Matriarcado de Quebrada, expressando questões sobre a correria das mulheres na luta em ser essa mãe, da autonomia e respeito de suas diferentes maternagens, sem julgamentos, mas com admiração. Como elo dessa grande corrente se faz correnteza, ao vivenciar oficinas, participar de projetos, eventos e coletivas femininas como Periferia Segue Sangrando (São Paulo) e Cores Femininas (Pernambuco). Seu corre percorre as quebradas, comunidades, escolas, eventos, tendo assim levado a voz e a fala das mães para Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rio de Janeiro, no Brasil, como também no México e Uruguai.

## MARTINIANA SOUSA

Martiniana Sousa é mãe, corinthiana, maloqueira e sofredora, mestra em Ciências Sociais. Moradora da periferia de São Paulo, atua com os movimentos de mulheres.

## MAYARA JARBITHA

Mayara Jarbitha, 18 anos, nascida e crescida na periferia da zona sul de São Paulo, é integrante do coletivo Maga Slam, que promove batalhas de poesias dentro da Escola Estadual Luís Magalhães de Araújo e conquistou o 3º lugar no Slam Inter Escolar de São Paulo em 2019. Sonha em se formar em Publicidade e Propaganda na Universidade de São Paulo, pois acredita que o lugar das pessoas da quebrada é dentro das universidades públicas. Apaixonada pelas diversas linguagens artísticas, acredita que os movimentos culturais das periferias têm grande força, trazendo um leque de possibilidades para os jovens periféricos.

## MILENA MATEUZI CARMO

Educadora e doutoranda em antropologia social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, FFLCH-USP. Possui ampla experiência em políticas sociais a partir da atuação em setores do Estado e organizações da sociedade civil. Compõe redes de enfrentamento ao encarceramento em massa e ao genocídio da população negra, pobre e periférica na Cidade de São Paulo. Pesquisadora de temas relacionados à violência, gênero, Estado, desigualdade social e práticas não punitivas de resolução de conflitos.

## MINO

Yasmin Gonçalves utiliza o nome artístico Mino. Tem 20 anos, negra-indígena, feminista, cresceu e mora nas periferias da Zona Sul de São Paulo. Faz trabalhos de tradução há três anos e gosta de brincar com a escrita.

## MULHERES DE PEDRA

Coletivo que objetiva valorizar o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo no qual as relações se tecem através da arte, da educação,

da economia solidária e da diversidade cultural. Um grande investimento do trabalho se refere ao desenvolvimento local, no bairro de Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

## N’KINPA

Nascida em 2018, a N’Kinpa - Núcleo de Culturas Negras e Periféricas - é encabeçada por mulheres negras e conta com a participação de artistas e educadores dispostos a discutir, pensar, criar e propor ações contra coloniais no caminho de construção de uma sociedade justa\*. No processo contínuo de sulear, manuseiam práticas que matrigestam faturas pelo direito da criança à cidade, ao mundo, a uma vida potente e encantada pondo em perspectiva pedagogias antirracistas envolvendo negritude, territorialidade, infância e valorização das nossas culturas afro-indígenas. Atuam desde o lugar das artes, cultura e educação com práticas voltadas às infâncias e comunidades nos/dos territórios periféricos da cidade de São Paulo, realizando ações artísticas e artístico-pedagógicas em equipamentos públicos de cultura e educação, ocupações, aldeias e nas ruas, sempre na interlocução com as crianças, artistas, educadores, professores, comunidade escolar, famílias e comunidade em geral. Entre as ações realizadas pela coletiva destacam-se o podcast “Diáspora - A cor da nossa cultura, em encontros e redes”, o espetáculo “Histórias do lado de cá da Calunga” e as ações pedagógicas “Capanga brincante” e “Terreiros Nômades: Macamba faz Mandinga - estratégias coletivas de encantamento para uma educação que se alimenta de vida”. Em sua atuação, a N’kinpa promove práticas para encantar e contar nossas próprias histórias, num compromisso ético, político e poético para com a continuidade da vida em vibração e movimento.

\* ELLEN DE PAULA, atriz, artista educadora, produtora cultural; JOICE JANE TEIXEIRA, artista educadora, cantora, militante e ativista; SUELLEN RIBEIRO, atriz, artista educadora e coordenadora artístico-pedagógica do Programa de Iniciação Artística.

## NAYRA LAYS

Cantora, compositora, MC e comunicadora, Nayra Lays cresceu no Grajaú, onde também passou a ter mais contato com as artes. Desde os 18 anos, canta e rima sobre as múltiplas possibilidades do ser jovem, negra e periférica, potencializando construções de cenários mais enegrecidos, para além da sobrevivência. Seu primeiro EP, “ORÍ”, produzido de forma totalmente independente, já conta com mais de 20 mil visualizações no YouTube, tendo uma das músicas como trilha sonora do documentário “Negritudes Brasileiras”. Nayra faz parte de uma nova geração de mulheres artistas que estão emergindo de seu lugar de origem, rumo ao mundo. Do extremo sul de São Paulo para dentro de peitos pulsantes e ouvidos atentos, ela caminha e entra com o seu cantar.

## PRISCILA OBACI

Priscila Obaci é artista e educadora, mãe de Melik Rudá e Bakari Mairê. Transita entre teatro, dança e poesia. É formada em Comunicação das Artes do Corpo, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e pós-graduanda em musicalização infantil. Também é professora de Dança Materna, criadora de KIS NSI - Consciência corporal para Mães - Bebês - Pais, e Xirezinho - Os Bebês e a natureza, atividade sensorial-lúdica que tem o candomblé como base pedagógica. Integrante do núcleo Black Babywearing Brasil - Carregar Preto e Umoja, Priscila é autora de Poesias Pós-Parto (2020 - Oralituras) e a Calimba e Flauta, em co- autoria com Allan da Rosa (2012 - Edições Toró

## SILVANA MARTINS COSTA

Silvana Martins é artista visual, designer gráfica, ilustradora e boleira. Integra as coletivas Curumins da Ademar, Periferia Segue Sangrando, Fala Guerreira e Observatória dos Direitos e Cidadania da Mulher. Desde 2006, desenvolve trabalhos gráficos e de produção cultural periférica. Responsável pela comunicação visual e projeto gráfico dos selos Nós por Nós Editora (Movimento Mães de Maio), Edições Um por Todos (Sarau dos Mesquiteiros - Pode Pá que é Nós que Tá) e Observatória dos Direitos e Cidadania da Mulher. Realizou a sua primeira exposição individual SILVANA MARTINS - DESENHADORA DE LUTAS com mais de 70 cartazes na programação do 7º Festival de Filme Anarquista e Punk de SP (2018). Idealizou, produziu e executou a intervenção urbana POESIA NOS MUROS - onde colou mais de mil lambes com frases do poeta Sérgio Vaz pelas periferias de SP (2014). Editora de arte premiada por excelência em Design pela Society for News Design 2012 - uma das premiações de design mais relevantes internacionalmente. Nesta revista ela fez o projeto gráfico, a diagramação e ilustrou algumas matérias

## SULAMITA ASSUNÇÃO

Sulamita Jesus de Assunção é psicóloga e mestra em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Trabalhadora na política de assistência social junto a jovens e suas famílias, seu interesse está no ativismo e pesquisa sobre relações raciais, sexualidade, gênero e classe.

## VALQUÍRIA CHAGAS

Valquíria Chagas é designer editorial, formada em curso técnico de artes gráficas pelo Senai e residente em São Paulo. Suas áreas de interesse são ilustração, xilogravura e design e atua como designer na Conrad Editora.

# PART (ILHA)

## SOBRE O PROCESSO DE FEITURA DA REVISTA QUEBRADA INTEIRA

A importante intelectual, escritora e professora brasileira, Conceição Evaristo, cunhou um fundamento sobre o qual estrutura, constrói e analisa a sua criação literária e a criação literária de escritoras

mulheres negras do Brasil. Este fundamento é nomeado por ela como Escrivivência - um conceito que sugere que escritoras mulheres negras dão vida a territórios criativos nos quais “escrita e vivência se con(fundem)”.

Poderíamos emprestar de Conceição Evaristo o fundamento Escrivivência para nomear o conjunto de materiais aqui reunidos, como expressões de escritas políticas, éticas e poéticas de mulheres negras e periféricas que testemunham com palavra (falada, escrita, cantada), imagem e som as vivências de si, de suas comunidades e de seus territórios. Mas, para além disso, nos parece possível nomear também o processo de feitura desta revista como ato de escrever.

### E O QUE ESCRIVIVEMOS NESSES DOIS ANOS DE CRIAÇÃO COLETIVA?

Sim, porque foi ali, em meados de 2020, que recebemos da professora Denise Ferreira da Silva um bonito convite para propor uma ação em parceria com a plataforma Ehcho.

Naquele momento, o mundo já vivia o alargamento de tempo, no contexto de crise sanitária imposto pela pandemia de covid-19. No Brasil, o cenário político e econômico era (ainda é) de retrocessos e destruições de políticas públicas sociais, educacionais e econômicas conquistadas com muita luta pelos movimentos sociais e populares, sobretudo, no período de 2002 a 2015. Neste cenário pandêmico, vivemos o aprofundamento das históricas violências e violações de direitos humanos praticadas no Brasil contra as populações indígenas, negras,

pobres e periféricas, como resultado da aplicação de um modelo de governança antipovo liderado pelo presidente fascista, eleito no ano de 2018. Já aí, o país caminhava em direção aos atuais e alarmantes dados que cravam hoje, 21 de junho de 2022, 669 mil pessoas vitimadas pela covid-19, 11 milhões de desempregados e mais de 33 milhões de pessoas passando fome.

Entre o uso político da pandemia por diferentes governos, de estados e municípios, e o total desprezo do governo federal pela vida da população, medidas de isolamento social foram adotadas.

Sem quaisquer constrangimentos, tiveram aqueles que se atreveram a propagar diariamente, na tranquilidade de seu trabalho home office bem remunerado, em sua bela casa de campo ou de praia e com as suas mesas fartas de comida, os importantes aprendizados construídos com a pandemia. Essa gente, como bem nomeou Ailton Krenak, dominada por sua mentalidade branca, insiste que o sofrimento ensina.

### DO OUTRO LADO DA PONTE, “O MUNDO É DIFERENTE!”.

Teve quem pôde seguir trabalhando de casa, mas não sem ter que encarar a realidade escancarada à sua volta. A maioria das pessoas foi obrigada a seguir trabalhando presencialmente, atravessando as cidades diariamente em transportes públicos lotados. A comida, aos poucos, foi desaparecendo da mesa diante do aumento do preço de itens básicos nas feiras e supermercados. Em cidades como São Paulo, era visível o aumento do número de pessoas vivendo em situação de rua. Enquanto que dentro







QUEBRA  
DA  
INTEIRA